

MALONGUI PAULO PEDRO

O AMOR
DOS
MEUS
OLHOS

Quando Me Levantei Por Amor

O AMOR DOS MEUS OLHOS!

Malongui Paulo Pedro

O Amor Dos Meus Olhos

Malongui Paulo Pedro

Copyright by Malongui Paulo Pedro, 2020

Proibida a reprodução total ou parcial deste livro sem a autorização expressa do autor. Todos os direitos estão reservados.

Dedicatória

À minha querida e amada menina Isabel Mbuta, a principal
razão do meu desvelos.

QUANDO ME LEVANTEI POR AMOR “As 20 Histórias de Amor”

- (1). O ANEL QUE DESTRUIU A MINHA VIDA!
- (2). A “MULHERENTA”!
- (3). A FERRAMENTA INDEVIDA PARA APIMENTAR O AMOR!
- (4). A ASSASSINA!
- (5). A AMULETO DO AMOR NEGRO!
- (6). A LINGUÍSTICA MORTA AO AMOR SILENTE!
- (7). A ALUNA - SE EU PUDESSE ESPERAR POR MEU AMOR!
- (8). AS PEGADAS DE AMOR SÃO SUPERIORES QUE A FORTUNA!
- (9). VIH POSITIVO NO SEIO DO CASAMENTO!
- (10). O TRANSITO DO AMOR!
- (11). O AMOR DOS MEUS OLHOS!**
- (12). O LUGAR DO AMOR ENTRE AMIGAS!
- (13). O AMOR NO SÍTIO IMPROPRIO!
- (14). A PEDRA DA ALIANÇA QUE NOS UNI (LOST IN PARADISE)
- (15). A ESSÊNCIA DO GUERREIRO PERDIDO NO AMOR!
- (16). O AMOR NÃO PERDURA!
- (17). A CONDENAÇÃO AMOROSA DE ALMAS GÊMEAS!
- (18). NÃO TE ADAPTES (AOS MALAMBAS DO AMOR)!
- (19). EM BUSCA DO AMOR DE FORMA SOCAPA!
- (20). O VENTO DO TEMPORAL DO AMOR!

Malongui Paulo Pedro

Luanda / Maio 2021

O AMOR DOS MEUS OLHOS!

Malongui Paulo Pedro

Índice

Capítulo I – O maior pedido de sempre	9
Capítulo II – A eterna batalha entre o bem e o mal	21
Capítulo III – Um pequeno sabor da liberdade	31
Capítulo IV – O amor servido do modo ensopado	41
Capítulo V – O olho carnal que nada vê	52
Capítulo VI – A cor do amor	61
Capítulo VII – Talvez não há mal talvez não há bem	69
Capítulo VIII – Desprezo pelas artes e pelas letras	81
Capítulo IX – As palavras com poucos significados	90
Capítulo X – O amor da minha contramão	101
Capítulo XI – O poeta sem a caneta	111
Capítulo XII – Quem tudo quer tudo perde	123
Capítulo XIII – A marcha de grande homem na face da terra ..	133
Capítulo XIV – Canto de cisne	144
Capítulo XV – Sonhos para renascer	155

Capítulo I

—

O maior pedido de sempre

O amor nasce, cresce e floresce tão igual que nem a flor. O amor do Cubi pela Paula nasceu quando este viu a Paula pela primeira vez, quando a Paula tinha apenas oito a nove anos de idade, usava apenas uma cueca de criança com o ranho debaixo do nariz. O amor do Cubi pela Paula crescia, enquanto namorava outras saias esperando por amor dos seus sonhos. Tendo havido um mero contra-tempo com o amor da Paula para com o Cubi. Este contra-tempo transportou as rectidões que posterior deram um cursor à proporção do amor da Paula ao Cubi para aquele amor reservado entre irmãos adoptivos, aquele amor indigitado à irmã menor ao irmão mais velho. Em relação ao “florescer” a presente história responderá.

Era uma vez...

De uma parte, uma jovem com nome de Paula Isabel Mbuta Okudala, de 20 anos de idade, finalista de ensino médio no curso de físicas e biológicas e matriculada na Universidade de Belas

cursando o Nutrição e Dietética. Carinhasamente chamada Paula com um rosto angelical, pele clara, nascida em Luanda, com tipo de corpo médio, cor dos olhos, um castanho e outro preto, cor de cabelo preto, mede 1 metro e 74, Pesando 58 kg. Dotada de seguintes medidas: 34A-24-35.

Entretanto, a Paula não usava piercing nem tatuagens. Era a irmã cassula de 4 irmãos mais velhos, a saber, o 1º irmão de nome Khaio Okudala, a 2ª irmã com nome de Victoria Okudala, o 3º irmão de nome Santiago Okudala e a 4ª irmã com nome de Elma Zamani Okudala. Aliás, ela era filha de Zamani Okudala e da Isabel Okudala.

De outra parte, um jovem de nome Cubi Kwenda Chilululo Kankende, com 29 anos de idade, o 1º filho da Lussila Kankende e do Toko Kankende. Fisicamente, era dono duma altura mensurável em 1.80, Pesava 80 kg, pele negra e lisa, com o cabelo preto. A cor do seu cabelo se conjugava com os seus olhos castanhos e sanpaku. Tinha outrossim os pêlos do rosto e uma tatuagem no braço esquerdo.

Psicologicamente, o Cubi nasceu numas das fazendas da igreja MEISA no Lubango onde fez educação religiosa até ao fim do ensino médio, tendo apenas mudado o ramo na universidade onde se formou em história. Além disso, o Cubi era extremamente inteligente, expressivo e de raciocínio rápido, sociável, comunicativo e pronto para se divertir. Às vezes, apresentava dois lados diferentes da mesma personalidade, entretanto, por outro lado, ele podia ser muito sério, pensativo, inquieto e indeciso. Com o indecisão era mulherengo e bêbado. Contudo, trabalhava no banco além de receber de forma regular os valores enviados pelo pai a partir da província.

“Os nossos lamentos tornaram os nossos sons, os sons se tornaram as nossas palavras, as nossas palavras se tornaram as nossas frases, as nossas frases se tornaram os nossos parágrafos, os nossos parágrafos se tornaram as nossas canções, as nossas canções se tornaram as promessas, as nossas promessas se

tornaram os compromissos, os compromissos se tornaram as nossas orações, as nossas orações se tornaram os nossos sentimentos e os nossos sentimentos se tornaram o nosso amor. Com esse amor te teço esta carta usando o braço de um poeta com uma caneta sem tinta.” Palavras tecidas pelo pastor Cubi à Paula.

Esta declaração de amor dividido em pedaços tinha sido escrita com uma caneta sem tinta, a volta das zero horas de sexta-feira. A declaração servia exclusivamente de ensaio da grande conversa que o Cubi teria com o pai da Paula no dia seguinte. Todavia, o mundo definiu há muitos anos as coisas as mais difíceis que um homem possa fazer e “pedir a mão de uma menina ao seu pai em casamento” constava nesta negra lista de tarefas árduas. Sendo que há cem anos era difícil e nessa era de ouro é ainda mais difícil, mas o que o Cubi faria no dia seguinte era meramente uma impossibilidade nesta era de ouro...

Lá, estava o Cubi sentado em frente do pai Zamani, a volta das nove horas...

- “Vim falar com o papá sobre a Paula... Sei que sempre fui bem recebido aqui em casa, sempre fui bem-vindo apesar das minhas francas convicções à religião, apesar dos meus comportamentos que por nada me orgulho, mas de um tempo para cá, me sinto adulto, me sinto preparado, me sinto realizado como pessoa, por esta razão quero-me assentar e constituir uma família. Para constuição desta família apenas vejo uma menina no seio de todas as meninas que conheci e que conheço, actualmente. Então, peço ao papá a mão da tua filha Paula Isabel Mbuta Okudala para ser a minha legítima esposa.”

Tendo informado o Cubi ao pai Zamani. Acontece que o Cubi frequentava a casa desse senhor Zamani e com o tempo já era tido como um filho adoptivo do senhor, então naquele momento, o Cubi pedia a mão da Paula em casamento, em outras palavras, pedia a mão da sua irmã menor em casamento, já que era tido

como membro da família Okudala. Porém, o senhor Zamini soube que o caso era, de facto sério logo exclamou perguntando:

- “A Paula?!”
- “Sim, a Paula tem tudo para me assenta, papá. Como o papá o sabe, não há manual para isto, por consequente estamos a fazer os nossos possíveis.” O Cubi rapidamente respondeu deixando o papá Zamani numa equação neutra:
- “Qual é o ponto dela no meio disso tudo?”
- “Ainda não falei nada com ela, papá. A Paula ainda não sabe disso... Na qualidade, de me terem como filho de casa não queria namorá-la debaixo do nariz do papá, pois seria condenável. Então, quero a autorização por parte do papá para tal, caso o papá não achar correcto que isto aconteça, a Paula nunca saberá disso nem da nossa conversa.” O Cubi respondeu novamente e mais uma vez superando o ensaio feito na noite do dia anterior. Com isso, os olhos do papá tinham acendido, naturalmente o papá se encontrava em modo sereno, por isso avançara deste jeito:
- “Eu concordo salvo a Paula aceite este desafio... Já debes saber que ela é a minha protegida. A Paula é o meu melhor filho dos cinco tido mas... “Quem muito fala tira a confiança, porém quem merece a confiança guarda o segredo.” Provérbios 11:13...”
- “...“O mexeriqueiro revela o segredo, mas o fiel de espírito o mantém em oculto.” Não revelo o segredo do papá até ao túmulo.”

Religiosamente, o Cubi atendeu o papá logo os dois estavam em negação. De um lado, o pai Zamani não reconhecia o Cubi em dois gumes, sendo, um, o seu filho adoptivo pedia a saída da família, segundo, nunca pensara que o Cubi podia responder ou conhecer a tal passagem bíblica, pois ele era conhecido como alguém que nunca foi à igreja. Do outro lado, o Cubi não acreditava que o papá Zamani tinha aceitado o seu pedido com

aquele ânimo leve, pois ainda tinha argumentos preparados para aquilo que seria o seu maior debate da vida, uma vez que conhecia o senhor Zamani de cor. Porém, para a confirmação do Cubi, o papá revelou o vazio:

- “...Mas vê-se uma lacuna nisso tudo.”
- “Qual, papá?”
- “Tu és licenciado, já a Paula está apenas na corrida de entrar em uma faculdade... Esperas esse período todo?” O Pai Zamani elucidou o Cubi que pausadamente respondeu a inquietação do papá:
- “Esse era o segundo ponto o qual queria adicionar na conversa, papá. Humildemente, me ofereço a pagar a sua faculdade, de igual modo.”

Um breve silêncio devastou o momento que em fracção de minutos, o papá Zamani sentira que acabava de dar uma boa educação ao seu filho adoptivo pela vida. Quando menor esperava o Cubi vai ao seu carro e posteriormente volta com entrega de quatro grades correspondentes a essa conversa, em apreço. Desta feita, este gesto se encarregou a remover todos os ventos de falta de respeito no seu pedido. Assim, o Cubi e papá terminaram com a conversa de concertação onde o Cubi ficaria a espera da Paula em sua casa para a prologação da mesma conversa começada com o papá.

- “Que Ele seja louvado!” Monologou o Cubi após ter saído no encontro com o papá de forma victoriosa. O primeiro passo tinha a luz verde embora faltando mais quatro passos ao endereço onde mora a felicidade.

Ao meio-dia, a menina Paula vai à casa do Cubi a mando do papá Zamani. Todavia, psicologicamente, a Paula era curiosa, energética, extrovertido, gentil, carinhosa, otimista e entusiasta, e gostava de mudanças ligeiras e troca de ideias, além de mais, era generosa, idealista. E também não lhe faltava um grande senso de

humor, mas acima de tudo, gostava de liberdade, estar ao ar livre e filosofia. Na qualidade de uma menina crente e estudiosa não gostava de teorias bizarras nem de pessoas grudentas.

A propósito, a Paula se encontrava em frente da casa do Cubi.

- “Boa tarde mano, o papá me mandou vir ter contigo pois tens uma conversa amorosa comigo e de carácter urgente.” A Paula cumprimentou e em seguida informou ao Cubi que já estava preparado a sua espera. Portanto, o Cubi convidou-a lhe estendendo a mão destra:
- “Vamos ao restaurante 23 - Graus conversar. Quero que esta conversa seja efectuada no campo neutro.”
- “Porquê não aqui dentro da tua casa? Já andei muito a pé hoje... Acabou de vir da faculdade pública, ver as listas depois passei ao hospital central visitar a Wendy...” Novamente a Paula se inquieta, por isso, perguntou enquanto dava por sua vez a sua mão canhota ao Cubi que rapidamente acalmou a Paula e posterior mudara de assunto com uma pergunta bizarra:
- “Nesse caso então, vamos lá de carro... Embora seja voltas a mais... A Wendy é aquela tua amiga maluca?”
- “Ela não é maluca, é apenas a vontade demais, entendes! Ela andou muitíssimo doente mas acaba de receber alta.” A Paula de forma cansada respondeu e de mãos dadas foi conduzida ao interior do carro do Cubi.

A Paula tinha uma personalidade adaptável com adicção de habilidade de rápido aprendizado e o Cubi era um dos seus piores irmãos adoptivos, fraco mentor e padrinho de natal ou ano novo face aos seus pontos fracos que eram segundo a Paula. E, mais, ele ficava nervoso, muito rápido; era de igual modo inconsistente e indeciso em matéria da vida, em comparação com outro mentor de nome Teacher. Contudo, os dois ainda se encontravam dentro do carro indo ao tal restarante.

- “Conversa com o teor amoroso, tu para comigo, mano.” A Paula disse ao Cubi rindo, pois ela pensara que o seu pai é que tinha problemas linguísticos. Se a Paula desse ouvido ao seu pai, simplesmente não estaria dentro daquele carro, uma vez que era uma conversa a fugir. De repente todo ânimo da Paula vai água abaixo quando o Cubi confirmou a fala do papá:
- “Na verdade das verdades, eu estou pronto a deixar tudo que contém nome pejorativo para trás e me assenta como um homem responsável. De agora em diante, quero visitar uma só mulher, quero conversar com uma só mulher, quero planear as saídas amorosas com uma só mulher, quero namorar uma só mulher pois, os meus olhos deixaram de amar e apenas se concentram a uma só mulher e és essa mulher, Paula. Sempre foste esta mulher.”

Ao longo da fala do Cubi, a Paula tinha confirmado a ideia bizarra do papá que ela pensara que era apenas a fraca compreensão do papá face à língua portuguesa, mas naquele instante tudo tinha virado no avesso. Ela não tinha como cair na defensiva porque estava a ouvir aquilo pela segunda vez, bem como ela não tinha uma fuga possível, dada a realidade mas, ainda tinha uma coisinha a fazer e assim ela procedeu. Tendo baixado a sua cabeça juntamente com o seu olhar.

- “A primeira vez que eu te vi tinhas uns oito a nove anos de idade e eu me tinha dito “olha mulher a casar” estes anos todos a minha paixão para contigo nunca mudou... Os meus olhos te esperaram ser mulher. Leve o tempo que quiseres porque quando conseguires ver-te no espelho, eu estarei onde quer que esteja esperando por ti.” Afirmou o Cubi para desgraça da Paula sentada no pendoura. Como ela tinha os olhos fechados aquando da fala do Cubi, então sentia as palavras ao invés de apenas ouvi-las, logo ficara fria e serena sem nenhuma reacção.

De jeito calado, a Paula pensou aquando do transporte: “eu não faço nada além de me comportar bem. Onde vem esta absurdidade?” De jeito calado, a Paula desceu acompanhadamente com o Cubi, de jeito calado, a Paula andou da posição do carro estacionado para à porta do tal restaurante, de jeito calado, a Paula entrou seguido do Cubi ao referido restaurante, de jeito calado, a Paula foi conduzida a sentar à mesa isolada, de jeito calado, a Paula sentara directinha na cadeira enquanto olhava melancolicamente o Cubi que sentara por sua vez diante dela. No entanto, de jeito recuperado, a Paula questionou a pessoa à frente dela:

- “Porquê isto tudo agora? Mano.”
- “Estava na hora de sair, fiquei muito tempo na adega de usar o sexo como arma para desviar o amor. Preciso encontrar o amor, Paula.”

Naturalmente, o Cubi respondeu-lhe olhando-a firmemente. Acontece que o Cubi sempre foi gentil para com a Paula, especialmente na partilha das suas músicas classicas, livros diversos, revistas mairias e bate-papos banais, mas a Paula não podia considerá-lo namorado devido ao seu consumo de álcool, devido ao acto de ser um autêntico mulherengo, devido à sua falta de crença, sobretudo, devido ao facto de serem considerados irmão mais velho e irmã menor e/ou padrinho e afillhada. Além disso, aliás, uma vez que a Paula não consumia bebidas alcoólicas, além de não consumir, era uma possante crente desde da sua nascença, logo gozava de imunidade replenta de bons princípios tanto da educação religiosa como da educação informal adquirida no seio familiar.

- “Francamente, acho que estás a fazer tudo contrário, Cubi. Tu não podes encontrar o amor, ninguém encontra o amor, é contrário. Tu apenas podes-te esconder dele. Todos nós devemos-nos esconder do amor porque ele é que nos encontrar.”

Portanto face às palavras da Paula, o Cubi pensou: “Francamente, não fui sincero contigo nem com o teu pai. Não te acho a mulher certa para casar porque, agora me sinto preparado. Na verdade da verdade, te acho a mulher certa para casar porque és o amor que me encontrou, Paula. O teu amor me libertou da vida má em todos os aspectos. O universo me te deu para me amares e eu também te amar.”

- “...Estás a mexer as águas paradas, estás a mexer estimulando o amor, provocando a ira negra do amor...”
A Paula afirmou dando-lhe um ponto de vista negativo com intuito de dissuadi-lo da sua ideia perversa inicialmente. Então, o Cubi comprou a ideia dela em repetição remota:
- “A ira negra do amor? Isto deve ser errado em todas as línguas do universo, sabes!”
- “...Quando procuras por o amor, a todo custo e a todo vapor. É simples, não encontras o amor mas a sua ira, que na verdade não é o amor. Título de exemplo, tu estarás no lar mas infeliz.” Novamente, a Paula insistiu na sua tecla pois de forma intelectual, introduzia um pequeno “não” para quando trazer o grande “não” não destruir, de igual modo, a amizade que partilhavam. Assim sendo, a Paula se meteu de pé com desígnio de lançar o alocado grande “não”.

Abertamente, os dois estavam a se olhar de pé. Deste lado, a Paula já se encontrava um pouco chateada com a situação, mas não podia manifestar a sua inquietação devido à boa postura adotada pelo outro outrora tido como irmão, mentor e padrinho de natal ora pretendente ao possível namoro. Do outro lado, o Cubi já vinha a planear o método há anos, apenas esperava a Paula terminar o ensino médio para efeito. Então, naquele momento o Cubi continuava calmo e sereno, pois sabia que seria tanto quanto difícil a outra se adaptar. Assim ele diz-lhe já de pé das cadeiras:

- “Dá-me apenas uma data de encontros não românticos mas de conhecimentos mútuos num período de apenas um ano e no final, se não te engrenar nisso para a fase de namoro, prometo deixar-te em paz como a minha irmã menor, mas se engrenar te darei um beijo do meu último primeiro beijo.”
- “Até o ano passado, eu tinha cinco irmãos mais velhos que a vida me tinham dado de bandeja. Os cinco eram meus irmãos mais velhos, meus mentores, meus padrinhos de novo ano e natais e também quando faço anos. Três dos cinco me pediram namoro, inclusive, uns tentaram-me agarrar a força logo tive que lutar pela minha vida e sair das suas casas... Até a presente data, tenho-te a ti e ao Teacher que quando me olham sinto-me ainda uma criança e eu gosto disto, sabes. Agora, estás a te retirar da minha boa lista...” Respondeu a Paula suavemente ao invés de explodir em conformidade com o momento, em outras palavras, mais uma vez, o Cubi tinha mitigado o nervosismo por parte da Paula, com isso, ela sentara novamente.

Finalmente, a Paula sentara novamente na mesma cadeira, colocou as suas duas mãos na nuca expressando um ar de culpa no meio disso tudo, pois dos cinco irmãos mais velhos oferecidos pelo universo quatro ganharam vontade de levá-la á cama, talvez a sua vontade e/ou ingenuidade fosse o problema. Quando a Paula baixava as suas mãos da nuca à mesa dizia ao Cubi:

- “Diferente dos outros, tu pediste a anuência de dizer isto a mim... Diferente dos outros, tu me dás a liberdade arbitral para isto, sem nome certo, diferente dos outros, tu me dás um período de um ano com intuito de me valorizar com saídas de se conhecer...”

- “Tu és especial, Paula... mereces...” Dizia o Cubi após ter cortado o rasciocínio da Paula que na mesma moeda pagou-lhe:
- “...Te dou um período de apenas seis meses de...” Disse-lhe a Paula enquanto pensava: “Não escolhamos com quem se apaixonar e quando assim acontece nunca ocorre em conformidade à escolha, nunca acontece como deve ser. Se almas gémeas têm dificuldades de se relacionar e aqueles que não! Logo percamos apenas seis meses e não um ano, precisamente.” Com a paragem oral da Paula, o Cubi completou a frase com elementos linguísticos que faltavam:
 - “...encontros de conhecimentos mútuos...”
 - “Depois deste período, me deixas em paz nem para a tua irmã menor não servirei mais... Prometes?!”
 - “Prometo-te, Paula.” O Cubi promete com um raro sorriso nos seus lábios. O sorriso este a Paula lutou evitar ver ao dirigir o seu olhar ao ecrã do seu telefone e ao mesmo instante dizia-lhe sussurradamente:
 - “Vou participar isto ao Teacher, caso ele recuse a prática, eu te informarei e também devo-lhe informar que acabo de ver as listas não ingressei na faculdade pública... Eu e ele...”
 - “Olha, quase me esquecia, falei com o teu pai sobre a tua faculdade também. Vou passar a pagá-la. Eu e o velho temos a certeza que isto não vai influenciar na tua decisão... Agora, peço a tua permissão para pagá-la porque nem mesmo o filho único do Senhor veio, no sentido de ser servido no entanto para servir, Paula. Posso ajudar além dessa minha paixão egoísta.”

Tendo dito o Cubi logo abanou a sua cabeça negativamente, com vista a Paula não voltar mais a comentar mas isto não foi um problema para ela porque ela sabia que iria debater o mesmo ponto com o seu pai que aceitara na primeira instância. Entretanto

o problema foi quando o Cubi se meteu de pé e abriu as suas duas mãos convidando a Paula para um simples abraço, ao mesmo tempo disse-lhe pela primeiríssima vez:

– “Terra a terra também vale no amor!”

Então, a Paula seriamente se meteu de pé para aquele abraço de fraternidade. Se no mínimo, a Paula soubesse o que este abraço ia-lhe fazer para o resto da sua vida recusaria este abraço. Além disso, o Cubi era dos cinco visto como o pior dos cinco irmãos adotivos pela vida à Paula. Aliás, de uma mão, a Paula estava preste abraçar a pior alma na face da terra a sua volta, pois era a alma de um mulherengo, bêbado, ladrão, mentiroso e outras coisas mais ainda sem nomes. De outra mão, o Cubi se encontrava preste a abraçar a alma a mais doce do universo a volta do próprio universo... O abraço durou um minuto e quarenta e sete segundos.

Capítulo II

—

A eterna batalha entre o bem e o mal

Com toda a certeza do planeta terra, a estupidez não é, de forma nenhuma, o motivo para um cometer o crime, a imbecilidade não é, de modo nenhum, a razão para fazer a maldade mas, contudo, a menina que fazia nada além de fazer o bem tinha naquela tarde uma maldade por fazer, por conta do irmão o mais velho que a vida lhe tivera dado como prenda de nascimento. Por contra, este irmão o mais velho acabava de conseguir o seu segundo grande passo que doravante o terceiro era “apaixonar a miúda” durante os próximos seis curtos meses.

Na verdade, os dois jovens moravam no bairro Rocha Pinto em residências distintas, o Cubi morava em direcção à paragem Moagem na rua da Lama, já a Paula vivia com os seus pais no quarterão nove com a referência banco BIC, na rua da Selva ou poposudos. A distância entre as duas residências era apenas de desasseis minutos, a pé.

Porém, o sol ardente foi dormir deixando o Cubi com uma série de encontros com a mulher dos seus sonhos e esta mulher antes que chegasse na sua casa tirou o seu telefone da bolsa, com intento de notificar o sucedido ao outro irmão o mais velho oferecido pela vida. Lá, a chamada foi atendida:

- “Alô, Paula!”
- “Alô Teacher!”
- “Há qualquer preocupação aí, Paula? Porque eu estou no local de trabalho e houve uma borrada das grandes aqui... Estou a tentar selecionar...” O Teacher perguntou-lhe com um tom de muitos poucos amigos. Pena que a Paula conhecia o tal tom de voz, logo muito baixo decorado com um ar de perdidora disse-lhe:
- “Parece-me que liguei numa má altura!”
- “...me parece que ainda amanhã voo para Lisboa, com vista a aprimorar mais uns procedimentos em torno disso...” O Teacher disse-lhe com pior tom que anteriormente, mas a Paula questionou assim que atravessava o portão da sua casa:
- “Já sabes a data do regresso, mano?”
- “Era simpático, se soubesse... Paula. A situação é mesmo grave. Depois te dou um sinal.”

Com lamento que produz os sons, a Paula soube que estava por conta própria portanto apanhara umas náuseas, logo parara de andar se apoiando na parede oeste do quintal. Sem querer assumir a culpa sem querer ver um perdão, a Paula seguiu em frente com o seu ritmo sem ser pressionada pelo vento leste, um passo de cada vez, um ritmo por dois segundos até entrar e se deitar na sua cama. Como se não bastasse do dia pesadíssimo que acabava de ter, o seu telefone chamava.

- “Alô!”
- “Alô, Paula. Aqui fala a Wendy...”

- “Wendy, fui ao hospital hoje, me foi informado que recebeste alta-médica, miúda.” A Paula respondeu suavemente pois não tinha tanta energia assim nas veias, pese embora a voz do outro lado do telefone fosse uma suave e doce para com ela. Desta feita, a Wendy lhe participa a situação tida de momento:
- “Realmente, esta é uma das duas razões que te ligo... Ensinarei na escola dominical amanhã, logo tire um descanso, e também farei o mesmo no próximo domingo.”
- “Wendy, não sejas tonta, acabaste de sair duma cama do hospital... Descanse ainda!” A Paula exaltou mantendo o mesmo tom, mas esta foi a sua resposta:
- “Não achas que descansei muito dormindo naquela cama do hospital?! Olha, roubei o telefone do meu pai para te ligar, mas pessoalmente te contarei o motivo pelo qual. Por agora, saiba que o novo pastor vai visitar a escola dominical este domingo ou próximo, então preciso estar lá para dar nas vistas do amor, pois às vezes, a única forma de sentir o amor é dar o próprio amor aos outros.”

Cansada se encontrava a Paula logo entendera que a sua melhor amiga Wendy queria dar o amor aos pupilos da escola dominical, mas a frase dizia: “para dar nas vistas do amor pois, às vezes, a única forma de sentir o amor, é dar o próprio amor aos outros.” Em seguida, a Paula adormeceu contente porque não precisava madrugar na igreja no dia seguinte, porém antes de adormecer monologou:

- “Eu também estava preste a dizer a mesma coisa...”

No dia seguinte após os dois cultos, sendo da escola dominical e dos adultos, a Paula não achava a Wendy a nenhuma parte das instalações da igreja Zoé, logo tentou usar a via telefónica, mas de igual forma, não teve êxito. Mesmo se a Paula encontrasse a Wendy naquela tarde, a Wendy simplesmente não voltaria com ela, pois a Wendy estava implantada na caravana das meninas

irmãs em cristo que estavam a conquistar o novo pastor enviado à paróquia Zoé – Vida Abundante.

Já na segunda-feira, o Cubi e a Paula estavam a ter o primeiro encontro de conhecimento mútuo conforme combinado no encontro do sábado, no entanto este primeiro encontro tinha as primeiras pegadas na Universidade de Belas para efeito da primeira prestação de propinas. Todavia, o Cubi na casa da Paula, a sua busca... Depois de tudo, a Paula disse-lhe:

- “Oi mano Cubi, já estou pronta, podemos ir andando!”
- “Está bem, papá e mamã... Vou trazê-la intacta como estou a levar...” O Cubi informou os pais da Paula logo todos no recinto riram excepto a Paula. Mal os dois saíram do quintal, a Paula reivindicou-se impugnando o andamento dos dois:
- “Não combinamos tão cedo assim, apenas estou a sair porque a tua presença estava-me irritar lá em casa.”
- “Calculei as actividades que juntos faremos hoje, logo o calculo dizia-me que esse período é o mais adequado... Tenha só um pouco de fé em mim, Paula!” O Cubi respondeu a preocupação da outra, mas com um ligeiro deslize do termo “fé” ao bom entendimento da Paula que ficara de pé depois do Cubi ter aberta a porta do carro para ela entrar, e, desse modo, perguntava ao Cubi com muita vontade de levantar uma mera discussão que posteriormente acabaria com aquilo sem nome que estavam a ter:
- “O que tu sabes sobre a fé? Se tu não consegues honrar um único compromisso... A quem tu disseste que “amote” e depois manteste a promessa?”
- “Se tu me deres essa honra serás a primeira... Te direi que te amo como uma criança gorda ama o bolo... Te direi que te amo como o pássaro ama cantar... Te direi que te amo como os fumadores se amam... Te direi que te amo como

os peixes amam o mar... Te direi que te amo como o Jesus amou a humanidade... Te direi que te amo e te amarei por uma eternidade, Paula.”

A palração do Cubi só teve um fim porque a Paula se tinha sujeitado a entrar no carro do Cubi. Talvez ela foi persuadida pelas palavras preferidas, talvez ela foi convencida pelos diversos significados contidos, nestas palavras, talvez ela foi induzida pelo tom do próprio discurso mas, na verdade, ela se encontrava dentro daquele com o destino Universidade de Belas. Portanto, o carro arracava a Paula com a cara trancada e o Cubi selecionou mentalmente um conto com o teor “fê”, pausadamente o Cubi contava-lho:

- “Um país vizinho do nosso. Na época da guerra havia um Instituto religioso gerenciado pelos pastores e padres. Este Instituto preparava homens de Deus, era espécie de seminário. Entretanto, durante a guerra passara a exercer as tarefas ditas ateus em prol do governo no poder. Estas tarefas mundandas eram até exercidas nos domingos... Num domingo qualquer sem o sol, o líder das tropas rebeldes visitara o referido Instituto. Este líder brincou com os homens do Senhor em nome de um desconhecido, matando-os depois de ter-lhes obrigados a pisar e rasgar as biblias e atear as cruces do Cristo. De igual modo, obrigou-os a desonrar o nome do Senhor... Depois de ter mortos todos os pastores, padres e outros homens crentes de Deus, este líder virou-se para os formandos destes. Acontece que o Instituto preparava de cada vez um núcleo de 20 formandos, então o líder dos tropas rebeldes fez a mesmíssima coisa aos formandos... Dos 20 quando chegou a vez do 10º, tudo parou porque este não queria se submeter às tais práticas alegando: “Este centro é a casa do Senhor, o todo-poderoso. Não há autoridade superior que Ele, logo não piso a bíblia senão Ele próprio ordenar; não queimo a bíblia, com desígnio de rebaixá-Lo, porque

Ele é o meu pastor, nada devo temer nesse mundo que Ele apenas criou com uma singular palavra; não quebro a cruz que simboliza a salvação humana pelo sangue o mais precioso do universo...” Portanto, o líder, em seguida, matara os primeiros 9 formandos que já tinham aceitado as tarefas mundanas. Quando estes já não estavam a respirar, o líder diz ao 10º formando: “A seguir, mato a ti e os outros dez, a sua trás, salvo não pisar agora esta bíblia.” Com as lagrimas nos seus olhos, o 10º formando respondeu: “Eu ponho Ele em frente de tudo que faço... é melhor, tu me matares porque blasfemar não farei em nome de qualquer autoridade neste mundo, senhor.” Naturalmente, o líder levantou a sua pistola apontando a cabeça do 10º formando que fechou os seus olhos e, na mesma altura, dizia repetidamente: “Meu Deus, Pai do Abrão, perdoa esse homem pois não sabe o que está a fazer...” Quando o 10º formando repetiu pela terceira vez, o líder matou um dos dez formandos atrás do 10º formando. Posteriormente mandou todos pisar as suas biblias e aqueles que não tinham a bíblia, tinham que quebrar e atear as cruces postos como mascotes nos respectivos peçoços. Portanto todos obedeceram e uns disseram dissuadindo o 10º para se sujeitar às mesmas práticas, pois os pastores e padres já não estavam presentes para efeito de qualquer castigos. No entanto, este 10º formando simplesmente não quis obedecer ninguém e também não olhava para o céu... Quando o líder se fartou dele mandou os seus tropas colocar todos formandos numa sala com exclusão do 10º, então lançaram 24 granadas na mesma sala matando todos os formandos enquanto um dos tropas obrigava, de forma física, o 10º formando ver outros morrendo... “Os homens que te ensinaram a palavra do Senhor, não serviam o tal Senhor. Os teus pastores e padres tranficavam drogas para actual governo, transportavam armas de um sítio ao outro,

violavam as crianças menores de idade, em suma, não deve ser-te novidade, nem as aulas davam-vos em condições porque a maioria não acreditava no tal Deus. Pise isto e nos poupe o tempo, miúdo!” Disse e ordenou o líder ao 10º formando... Como o 10º não respondia, dois tropas seguram-no e o líder cortou o seu dedo mendigo da mão destra mas enquanto seguravam-no, enquanto cortavam-no, o 10º dizia: “Ponho-Te em frente de tudo... Só Tu importas.” Sempre do modo repetitivo... Até no fim do dia sem sol, o 10º não pisava a bíblia e também não parava de dizer: “Ponho-Te à frente de tudo.” Então, o líder dos tropas rebeldes disse-lhe: “Nós somos de uma tribo que não podemos tocar o feitiço... Um pacto que os nossos ancestrais fizeram há muito tempo. Quando tocamos ficamos, em fracção de segundos, malucos, então estamos a combater sem nenhuma protecção das trevas. Como não queres blasfemar o teu Deus... Vais pedir a Ele a protecção para nós e devemos vencer a batalha final da amanhã.” Com isso, o líder esperou uma resposta negativa para ter motivo de matar o 10º formando que sempre em choros com toda a roupa suja de sangue respondeu: “Eu rezo a Ele para vossa protecção, caso jejuem durante 3 dias aqui comigo. Não preciso que vocês se arrependam, apenas preciso que vocês nestes 3 dias não bebam a água, não tomem o banho, não comam, mesmo se sentirem que a fome matará vocês... Ponho-Te em frente, Jesus.”... A batalha final foi adiada. O 10º rezou pedindo a protecção dos rebeldes durante 3 dias e 3 noites sem beber a água, sem tomar a banho e sem comer. De igual forma, os tropas rebeldes procederam. No 4º dia, o líder juntamente com a sua tropa tinham deixado o Instituto com uma única vida...”

- “Do 10º formando!” A Paula disse, logo o Cubi fechara os seus olhos, pois a sua miúda estava de volta psicologicamente, embora estando lá no carro fisicamente

com ele, então sem nenhuma demora, o Cubi continuava contando-lho:

- “Isto aí... Duas semanas mais tarde, o líder dos tropas rebeldes estava a governar o tal país. Sem magia, sem o feitiço, sem sortilégio, sem bruxaria, sem bruxedo, sem mandinga, sem macumba, sem mágica, sem prestidigitação... O homem que colocou o nome de Deus na lama... O homem que brincou com os servos de Deus estava a liderar o país inteiro com a protecção do próprio Deus... Veja a tamanha graça...”
- “A protecção dada pela graça do Senhor...” A Paula reconfirmou a glória esquecendo totalmente que devia estar chateado com o Cubi. Contra todas as forças do mundo, o Cubi tinha a sua mulher que via a crescer de volta com o seu bom senso de humor novamente, mas o referido conto ainda não tivera terminado:
- “Este 10º formando foi o nosso mentor na escola dominical e ele ainda alegava que o tal líder governou o país por 5 anos depois realizou as eleições deixando outros com os estudos liderar o país. Posteriormente se tornara pastor junto do 10º formando... Os dois juntos pregaram até a morte deste líder. Daí, o 10º formando deixara o seu país para Angola, na igreja do meu pai, propriamente no Lubango.”
- “A igreja MEISA?”

Tendo passado uns minutos, os dois desciam do carro às instalações da Universidade de Belas, apenas o Cubi conseguia olhar para a Paula, já, ela continuava a processar o conto real debaixo do sol ardente naquela tarde. Se calhar, o conto não fosse o problema mas o contador, então, desse jeito, a Paula desviava o seu olhar pensava de igual modo: “Como é possível, tu vivenciares toda a Presença de Deus e ainda assim, consegues viver dando às costas a esse Deus?” Momentos posteriores,

exactamente antes que o Cubi segurasse a mão da Paula, ela salienta em forma interrogativa:

- “O 10º formando e o líder dos tropas rebeldes, após 5 anos evangelizaram juntos?”
- “Te resumi a história, Paula. Na verdade, o 10º formando apenas trabalhou sozinho no Instituto durante um ano. No seguinte ano, a maioria dos tropas do líder tinham-se tornado membros do referido Instituto, então após 5 anos, o líder só se juntou ao seu elenco... Ao total, o Instituto albergava 50 tropas como membros na preparação para serem padres ou pastores.” O Cubi respondeu isto sorridente pois além das mãos dadas com a Paula, e conseguia sentir o seu corpo em certos momentos dos movimentos corporais, já que andavam juntinhos. Assim sendo, a Paula cavava ao fundo o tal conto:
 - “Nesse momento em que falamos, o Instituto anda aberto?”
 - “Imagina o nome que é chamado após o acidente!”

Tendo o Cubi respondido de forma retorica, enquanto esperava a adivinha proveniente da mente rica da Paula, também lhe entregava o seu cartão multicaixa para efeito do pagamento mensal. Nesse caso, a Paula estava a fazer duas coisas ao mesmo tempo. A saber, imaginando o nome actual do Instituto e o pagamento na recepção da Universidade. Apenas respondeu após ter pago:

- “...Sei lá... O 10º formando?!”
- “Era bom se fosse... “Yeye tu ni muhimu”.”
- “Yeye tu...”
- ““Yeye tu ni muhimu”.”
- “...“Yeye tu ni muhimu”?!” A Paula repetia até conseguir, desta vez por isso, o Cubi diante dela com os seus olhos sanpaku focados explicava os remates finais

da frase “Yeye tu ni muhimu” pertencente ao 10º formando:

- “...que significa dizer: “Apenas Ele importa”. O 10º formando falava umas 6 línguas, se não me engano, mas sempre que contou esse seu testemunho em várias línguas... Esta parte nunca era traduzida. Acontece que nesse precioso dia, ele apenas falava a sua língua materna que é o Suaíle... Já ouvi-o contando essa história mais de 10 vezes, umas dúzias de vezes mas em nenhuma circunstância traduzia essa frase em outras línguas.”
- “Yeye tu ni muhimu...”

Capítulo III

—

Um pequeno sabor da liberdade

Para que conste, o Cubi e a Paula já se conheciam há doze anos logo sabiam os fascínios os mais obscuros de cada um, também conheciam as fobias, os medos, as aversões e os horrores de um ao outro. Outrossim, conheciam todos os defeitos, a vista e não só, de um ao outro. De igual modo, dominavam as virtudes potenciadas de cada um, dominavam as proibidades reforçadas de cada um, avassalavam as integridades estimuladas de cada um. Portanto os encontros de conhecimentos mútuos significavam para o Cubi, a colecção de memórias somente dele e a Paula, e mais ninguém ao redor.

- “Agora, para onde, Cubi?” A Paula perguntou assim que os dois se encontravam dentro do carro. Para que conste, o plano genial inicial do Cubi era, após a universidade irem ao Xiame, mas como ele não estava ver onde faria a rotunda disse-lhe suavemente sem tartamudear:
- “Eu estou esfomeado, quero-te levar até às Mambundas comer um peixe...”

- “Me levar à praia? Aceito lá ir salvo se me convencer o porquê da escolha do sítio... Porque estou a fim de regressar à minha casa.”
- “As relações não são baseadas nos lugares mas nas pessoas, Paula.”

“As relações não são baseadas nos lugares mas nas pessoas,” os lugares podem estimular um casal mas no final de tudo as relações se assentam nas pessoas envolvidas, com isto, os dois se olharam por um período de vinte e sete segundos, enquanto permanecia o momento ignóbil, o Cubi arrancava o carro e a Paula desviava o seu olhar pois o seu plano sempre foi estar lá presente nestes encontros até vencer o período de seis meses. Imediatamente, os dois estavam no bairro Corimbo, na praia das mambundas para o tal peixe.

- “Engraçado, todo mundo que conheço, de forma direita ou indiretamente, me critica quanto à forma e à frequência que tenho ido à igreja.” Afirmou a Paula ao Cubi, já sentados a uma mesa esperando por peixes pedidos e mais, o sítio tinha superado, as expectativas da Paula, pois pensara que o sítio seria um bem sujo mas não manifestava isto, caso que não era novidade por Cubi, uma vez que conhecia muito bem a sua miúda dos sonhos:
- “Tens ido várias vezes...”
- “Exactamente! Mais, de igual modo a minha forma de pensar. Às vezes o modo de agir...”
- “Pensas muito do modo religioso... Ages esquecendo totalmente o lado mundando, uma vez que andas num mundo no qual existem mais ateus do que os crentes.”

Logo, fez-se um breve momento de silêncio onde, a Paula não entendia se o outro estava a criticá-la em torno da religião ou estava apenas a tentar entender o seu ponto de vista inicial. Já para o Cubi, este silêncio devia-se ao momento pelo qual a Paula não falava, foi então que a Paula diz-lhe enquanto eram servidos:

- “Do certo modo sim, mas tu és a única pessoa na minha vida que de forma alguma, me criticas em torno da fé, nem do modo nem da frequência nem do pensamento nem... não sei mais. Gostaria muito saber o porquê.”
- “Pese embora nunca ter ido à igreja, nasci numa família mui religiosa. A minha família é dividida em kimbaguista e mussulmanos. A minha mãe, em particular, é muito crente, eu, de facto tenho vivido os efeitos de milagres religiosos implantados pela fé da minha mãe. Eu pessoalmente acredito na existência de um Deus, todopoderoso...”
- “Mas...?”
- “...mas não acredito nos pastores. Pastores estes que alegam ter vindo em nome desse Deus...” O Cubi dizia até se envolver psicologicamente no sentido das palavras que proferia e algumas realidades reprováveis envolvendo os pastores, uma vez que conheceu uma data de pastores toda a sua vida, logo a miúda lhe deu uma mão de irmã menor:
- “O critério da selecção das escolhas dos pastores, é que te incomoda.”
- “Muitos, destes pastores têm ar de manipuladores... de mentirosos, de aldrabões, de impostores, de trapaceiros, de embusteiros...”
- “Realmente, a memoria, destes pastores não ajudam. Então porquê não me criticas um pouco?”

Apesar de tudo que o Cubi dizia a volta dos pastores, a Paula queria a sua crítica do modo pessoal e particular, talvez assim saberia escolher os temas a debaterem posteriormente. Lembra-se que a jovem Paula tinha sentido de se adaptar e é aquilo que ela estava fazer até vencer este período menos bom para uma irmã. Quando menos os ventos fortes da praia sopravam, o Cubi criticava os dotes regiliosos da Paula:

- “Tu e a tua família chegaram a um ponto que deve-se chegar. Este ponto é conhecido como: “a fé com o espírito santo”... Quando se chega aquele ponto, tudo que é material não tem a mínima importância. Vós esqueceis a bíblia como a base mas o espírito santo... Já não se idolatra os pastores pois os mesmos têm um certo poder sob as ovelhas.”
- “Uau! Para quem não tem ido à igreja não estás nada mal... Os pastores são a tua preocupação.” A Paula respondeu a explanação do Cubi após ter recebido a sua crítica positiva e até fora da sua equação inicial mas tinha também percebido que para o seu adoptivo irmão, a palavra era acertada se fosse contra os pastores. Então o Cubi trazia as suas más experiencias no seio de pastores ao ouvido dela:
- “Na qualidade de um pai, devo proteger os meus filhos. Um pastor, em termo de hierarquia, é superior do que um pai, logo eu como pai confio o meu filho ao pastor que no final do culto tira o seu pénis e coloca-o na boca do meu filho menor de idade. O filho que devo proteger, entrego-o a um lobo vestido de pastor. Este tem sido o meu medo com os pastores... Um pastor engravidou a minha filha e este não pode fazer os deveres pois é casado. A seguir, levo a minha outra filha à igreja, Paula?”

Após duas horas e meia, o encontro entre a Paula e o Cubi tinha terminado, amigavelmente. Engraçado, os dois saíram da posição ao carro abraçados como já faziam há anos. Este lindo abraço foi desfeito quando a Paula se apercebeu que já não estava a abraçar o seu irmão mais velho mas um lobo revestido de irmão, mentor e padrinho. Porém, do outro lado, o Cubi degustou cada instante vivido enquanto durou, especialmente aquando pisavam nas areias da praia. Com tudo exposta, a Paula foi levada à sua residência pois no dia seguinte começaria a faculdade.

Na terça-feira, no período de tarde, a Paula foi, pela primeira vez, assistir as aulas ditas universitárias, pelo que o seu tempo livre foi brutalmente devastado devido ao começo tardio dela. Em outras palavras, ela tinha apenas uma semana de matérias em atrasos e isto, parecia o fim do mundo para uma menina que estava tendo aquela experiencia pela primeira vez. Então, ela não fez deveres domésticos em casa, nem saiu com ninguém, muito menos com o Cubi por um período de duas semanas.

No sábado da segunda semana, a Paula foi prestar visita à sua melhor amiga Wendy que não parava de se queixar da sua ausência. Posta lá, a Paula era tida como filha de casa também. Assim que ela entrava, a sua melhor amiga estava se fazer de pouco, portanto nem uma nem outra cumprimentou mas como a Wendy sempre foi tida nesta boa relação como a líder, disse-lhe, de forma arrogante:

- “Chegaste tarde, estou a sair, miúda.”
- “Onde vais vestida assim, Wendy?” Perguntou a Paula à Wendy que ia de um lado ao outro se prontificando com a maquiagem. Sendo que a Wendy tinha usado uma curtinha saia e uma blusa de decode. Quando ela terminava de colocar o batom vermelho nos seus lábios respondeu:
 - “Fui convocada pelo novo pastor Songó, a um encontro na igreja a sós. Então, estou a me preparar para ser a tua futura mamã pastora, Paula.”
 - “Tu pareces uma meretriz assim vestida. Um pastor não te convocaria à igreja para te conquistar.”
 - “Por isso mesmo que assim estou vestida. Estou a dar-lhe um empurrão. Caso seja tímido lhe aplicarei “Mateus 7:7”...” A Wendy respondeu o cisma por parte da Paula enquanto passava-a, no sentido de ir pegar um copo deixado em cima da mesa, então a Paula interrogou-lhe às costas:

- “Mateus 7:7?”
- “Sim, miúda. Estou farta de fazer-te sempre o curso intensivo da bíblia... “Mateus 7:7” Pede, e dar-se-vos-á; buscai, e achareis; batei e abrir-se-vos-á.” De forma aborrecida a Wendy recitava-lha quando se encontrava com a cara direcionada com a da Paula parara de se mexer, mas a Paula tirava a confusão da sua cabeça em dois tempo, sendo um tempo, abanava a sua cabeça com intuito de deixar cair a confusão que via naquele momento e o segundo tempo era esta afirmação:
 - “Eu sei o que “Mateus 7:7” passa de cor, mas...”
 - “A minha roupa estará a estimulá-lo e a minha boca estará a recitar a passagem Mateus 7:7. No seio de todas as jovens irmãs da igreja Zoé, serei croada a mamã pastora. Observe e aprenda comigo, Paula... Isto é tipo estás a assistir o pintor Leonardo da Vinci pintando a Mona Lisa.”

A Wendy disse-lhe com toda normalidade do mundo, de seguida entrara no seu quarto deixando a Paula de pé na sala de estar triste e sobretudo pensativa. A verdade é que a Wendy era a mais forte, a mais inteligente, a mais conhecedora da palavra do Senhor do que a Paula. Portanto, estes factos diferenciam-nas, a razão pela qual, era tanto quanto difícil a Paula instruir qualquer princípio que fosse à sua melhor amiga.

A propósito, tudo estava preste a mudar naquele dia. A Wendy já preparada saía do respectivo quarto à sala de estar onde se encontrava a Paula. Mal passara a Paula, tudo mudou. Agressivamente a Paula segurou a Wendy na mão direita e debaixo do seu seio esquerdo, em seguida, empurrou-a contra a parede oeste da sala de estar onde apenas havia os quadros fixados na referida parede e, posterior, sufogara-a com as costas contra a referida parede. Muito antes da Paula falar pisou a perna esquerda da Wendy logo o sufoca dava o controlo total à Paula sob a outra:

- “Aonde pensas que vais assim vestida? Põe-No diante de tudo, Wendy! Só Ele importa, Wendy.”
- “Estás a me sufocar...” Disse-lhe a Wendy sufocadamente com as palavras soando sussurradamente.

Em seguida, a Paula largou-a lentamente, a seguir, levantara as suas mãos na posição de “não quero brigar”. Por outro lado, a Wendy abaixou o seu olhar reparando os possíveis danos causados ao preparo feito intencionalmente ao pastor Songo. Enquanto o reparo visual ao corpo durava, a Paula, deste lado, falava com um tom menos comum, um tom com o timbre da força suprema:

- “Wendy, deves colocá-Lo à frente da sua vida. Põe-No em frente de cada decisão que tomares! Põe-No em frente do teu comportamento... mesmo quando estiveres sozinha, Wendy. Mete o Deus à frente do teu destino... Coloca Ele em frente de cada desejo carnal teu, pois... pois... pois só Ele importa, Wendy.”

Enquanto a Paula proferia outrossim avançava morosamente perto da Wendy que quando tentara levantar o seu olhar, após ter feito o reparo corporal, uma forte luz desvairara os seus olhos. Talvez, ela estivesse apenas a delirar, talvez fosse um mero reflexo contínuo do grande espelho posto atrás das costas da Paula. Entretanto, ela não conseguia olhar para a Paula devido à alocada luz.

- “Aquando da tua paralisação total, Wendy. Cada semana na cama do hospital central pioravas. Tudo indiciava que o pior avizinhava, então tomei a ousadia, pedi ao Deus que não te deixasse morrer coberta do pecado, em troca eu pessoalmente te ensinaria a pô-Lo em frente de tudo... Yeye tu ni muhimu... Só Ele importa.”
- “Tu fizeste isto por mim?”

A Wendy perguntou à Paula que apenas respondeu com o abanar da cabeça positivamente, porém a Wendy manteve o seu olhar em baixo, por conta da forte contínua luz atrás da outra. Assim que a Wendy esperava por resposta que ela já tivera, lembrou-se da queda na vala; os meses na cama do hospital, então desta feita, pensou alto: “Os médicos haviam dito que os comprimidos já não iam-me curar apenas um milagre...” De seguida disse à Paula enquanto descia aos seus joelhos de costas contra a parede oeste da sala de estar:

- “Já não visito a minha tia Makiesse porque sempre que esta me vê chora, porque ela me chorava na semana anterior da alta...”
- “Tu foste aquela festa de ateus... Os rapazes tentaram violar-te depois te atiraram na vala, com uma queda de 15 metros de altura, Wendy. Tu deverias estar morta e não paralisada... caso batesses a cabeça em qualquer pedra ou num dos betões da vala.”
- “A minha tia não entende como não bati a cabeça aí, Paula.”

As duas meninas estavam de joelhos, naquele preciso momento e abraçadas, no entanto a Wendy continuava contra a luz misteriosa. Após uns segundos, de forma pausada, a Paula levantava logo puxava a Wendy para a mesma intuição. Quando finalmente ambas se encontravam de pé e separadas de um meio metro, a Wendy repetia as palavras da outra inconscientemente:

- “Ponho-O em frente de tudo, ponho-O em frente da minha vida, ponho o Deus à frente do meu destino, ponho o Jesus em frente de cada decisão que tomo doravante... Ponho-O...”
- “Porque, só Ele importa, Wendy. Naquela queda na vala, o teu antigo “eu” morreu naquele dia. Já na semana da alta no hospital, nascera o teu novo “eu”, Wendy.”

Após o relato da Paula, a Wendy novamente se reparara, então viu que estava mesmo nua, com aquela mini-saia e de blusa de decode. Por isso, ela fechara os seus dois olhos por uns segundos, quando abriu-os, misteriosamente aquela forte luz desaparecera. Tudo que ela queria, naquele instante era voltar ao quarto se mudar. Antes de deslocar o seu belo corpo para lá disse à Paula convencentemente:

- “O meu “novo eu” nasceu... Ele me deu a segunda chance... O pastor quer uma jovem como tesoureira, porque a irmã Ângela foi transferida para a paróquia central Metanoia... Ponho-O em frente de tudo... Desta vez, será a minha com vista a servir só ao Senhor.”
- “Yeye tu ni muhimu... Jesus Cristo é tudo que eu e tu temos. A saia curta não nos ajuda, Wendy.”

A favor de todos os pares, as duas miúdas sentadas no chão além do sofá conversaram toda a tarde como era, de costume, mas naquela tarde se ouviam uma da outra. Quando as duas se levantam do chão, a Wendy psicoligicamente fez um exame da sua própria consciência, logo se via como era: uma jovem extremamente linda e atraente com um corpo médio jeitoso com as seguintes medições: 32C-24-34. De igual modo, ela concilia um par de olhos médios, sendo os dois totalmente pretos mas muito activos, um nariz com um bico ligeiramente pequeno e também tinha ombros em cima que dava um ar deslumbrante com vestido, pele totalmente lisa.

Além disso, ela era dona de umas pernas grossas que chamam muita atenção aquando do uso de saias. Sobretudo, ela tinha um metro e setenta e quatro. Enfim, completava vinte e um anos de idade. Tendo nascido numa terça-feira, 14 de julho, em Luanda, de pele e etnia negra, com 62 kg. Ela era finalista do ensino médio. Aliás, além de mais, a Wendy cujo nome completo era Isabel Wendy Moabe, filha de Ngonga Moabe e da Cassova Joana

Moabe. Outrossim, ela morava com os seus pais no bairro Rocha Pinto, na rua de prédio em-café.

Capítulo IV

—

O amor servido do modo ensopado

Na quarta semana que era o fim do primeiro mês dos seis meses de encontros de conhecimentos mútuos entre a Paula e o Cubi, os dois resolvem começar o segundo grande encontro na igreja Zoé - Vida Abundante onde cultuava a Paula. Curiosamente, seria a primeira igreja que o Cubi entraria numa igreja, já que tinha fobia de igrejas desde da sua infância, embora ter feito toda a sua formação numa fazenda pertencente a igreja.

Em parte, o Cubi andava muito feliz no trabalho, na vida e no amor, por isso, espremia a pedra de sangue. De outra parte, a Paula já não tinha muito tempo para as saídas pois ainda se encontrava na fase da adaptação universitária, então, assim, o Cubi não estava a ter os números de saídas desejáveis mas, contudo, uma saída por mês era suficiente para aquilo que ele chamava de “progresso”.

Assim sendo, após o culto, o pastor Songo cumprimentava os irmãos e as irmãs na porta de saída da igreja, espécie de apelar

mais harmonia no seio da mesma igreja. Enquanto decorria as saudações divinas, a Wendy, de igual forma, passava ao processo defício, o pastor Songo parara-a e seguidamente o pastor saía da posição celestral deixando o segundo pastor para o efeito, portanto o pastor acompanhava a Wendy à saída da refrida igreja.

- “Querida ter-te uma curta palavra... O que fazes logo a tarde?”

Tendo o pastor Songo perguntado á Wendy que rapidamente pensou: “Peço perdão por ter-te dado essa má impressão inicialmente, mas agora sou outra menina. Tudo que eu queria fazer era servir ao meu Deus sendo aquela tesoureira que não queres tratar comigo. As suas ideias convidativas de mamã pastora já não me interessam.” Nesta ordem de ideias, a Wendy não respondia a pergunta do pastor Songo, pois a sua resposta continha um teor mentiroso, logo ela estaria a mentir um servidor de Deus directamente na face da terra e com agravo de estar no solo santíssimo.

- “Gostaria ter uma palra contigo nesse instante, como vê-se que não terás tempo, mais tarde. Pode ser, irmã Wendy?” O pastor Songo convidou-lhe para uma curta palra porém ela educamente respondeu sem sequer olhar, dois segundos nos olhos do pastor como ela já fazia há semanas:
- “Não pode ser, pastor. Devo ir com a Paula e o Cubi porque preciso de boleia deles.”

Enquanto, a Wendy respondia ao pastor Songo, a Paula e o Cubi atravessavam a saída da igreja, então sem querer ouviram a Wendy a despachar o pastor. Logo o homem servente do Senhor teve que deixar andar a Wendy para aquela boleia à sua casa. Postos os três dentro do carro do Cubi, a Paula sentada na pendura perguntou à Wendy que sentara no banco traseiro do carro:

- “Sinceramente não te reconheci, Wendy. O que se passou aí, tu a recusar o convite bom do bom pastor?”
- “Salmos 16 versículo 8.” A Wendy respondeu a inquietação da Paula mas esta ficara mais inquietada.

Prsentemente, a boleia do bairro Samba ao Rocha Pinto durou apenas três curtos minutos para a Wendy que morava na referência prédio em café. Como de hábito, a Wendy se despediu deles enquanto descia do alocado carro, antes que o Cubi arrancasse o carro a Paula perguntou-se alto e ao mesmo instante consultava a sua boa bíblia com vista a obter a sua resposta:

- “O que diz a passagem Salmos 16:8?”
- “Qualquer coisa parecida com “Coloquei o Senhor sempre diante de mim: porque Ele é da minha... destra, não serei... não serei abalado”...” O Cubi respondia mas a Paula já se encontrava concentrado no interior da sua própria bíblia logo lia a passagem como se estivesse sozinha no carro:
- “Tenho posto o Senhor continuamente diante de mim; por isso que ele está à minha mão direita, nunca vacilarei.”

Outrossim, o Cubi e a Paula continuaram a jornada, pois o seu destino era supermercado Xiame. Aquando do transporte a Paula olhava o outro, do modo socapado, parecendo que tinha uma confissão a fazer ou tinha simplesmente uma coisa a dizer embora aparentava com um ar cansativo, fruto de um mês do estudo árduo. Assim que desciam do carro, ela finalmente ganhara coragem de dizer:

- “Obrigada por ser tão compreensivo relativamente ao meu cansaço, Cubi. Em parte, não me tenho visto a sair senão estudar e revisar...”
- “Te entendo pois passei o mesmo há 4 ou 5 anos, Paula. Mas esta saída te fará bem no final.” O Cubi respondia avançando juntinho dela logo ela se aborreceu com isso, gritou:

- “Deixe que eu mesma avalie!”
- “Se não fosse essa a tua paixão contagiante, eu até te deixava descansar em casa.” Respondeu-lhe o Cubi que novamente usara o seu sentido de humor no meio do momento inadequado, porém, em contrapartida, a Paula riu-se dela mesma. Assim sendo, ele abraçou-a enquanto entrava ao Xiame.

Se não fosse por respeito ao papá Zamani que aceitara aquele desafio nas primeiras instâncias, antes dela, a Paula sinceramente não estaria precisamente, nesse encontro, pois, em parte, estava a gostar as piadas e abraços por parte do Cubi, mas, por outra parte, a sua mente se encontrava ou queria tanto estar em casa para efeito da leitura de qualquer material universitária tida desde então. Contudo, após a entrada, a Paula observava as bolsas dentro de uma loja chique.

- “Entra e tira o que quiseres, Paula.”

Após a ordem amorosa por parte do Cubi, os dois entravam na loja chique. “Não posso contar isto à Elma, caso contrário, me mata por não ter escolhido nada após esta oportunidade. Olha para estas bolsas, parecem que nunca serão lavadas ou limpas.” Pensou a Paula.

- “Está bem, talvez uma coisa te seja difícil escolher, então podes tirar 5 coisas da tua preferência.”

“Só três coisas já seriam demais, mas é contra os meus princípios. A minha educação informal me diz que uma vez me sujeito a tirar qualquer coisa aqui, estou a me comprometer, logo isto vai, de certa forma, influenciar no meu “sim” bem como no meu “não”. Aceitando uma coisinha aqui estou a dizer “sim” a essa estúpida relação.” Pensou novamente a Paula que procurou a reconfirmação:

- “Escolher e tirar 5 coisas da minha preferência... nessa loja chique?”
- “Sim, vai avante seja a minha convidada!” O Cubi confirmou de facto que ela podia tirar, porém ela pausadamente afirmava com estilo interrogativo:
- “Eu escolheria estas 5 coisas, tu, na qualidade do meu irmão mais velho, mas tu mudaste isto para os possíveis namorados, a vez passada, certo?”
- “Certo?”
- “Dois jovens a se conquistarem, o rapaz visita a jovem todos os dias no espaço de 3 semanas e em cada dia da visita, ele cuidadosamente leva consigo uma prenda para a jovem. Na quarta semana, começam a namorar. O que lhes fez se namorar na quarta semana?”
- “As prendas trazidas pelo rapaz...”
- “As prendas e os grandes sacrifícios aceleram, de certo modo, uma relação pois têm este poder baseado no bem matéria da aceleração.”

Tendo dito a Paula, após ter feito aquela analogia, em consequência os dois de pé se olhavam. De um lado, a Paula esperou uma ideia negativa que cancelaria o seu anterior acto ou pedido. Do outro lado, o Cubi ainda queria ir ao fundo do rasciocínio da miúda dos seus sonhos. Para esta confirmação ele exclamou, ainda olhando-a nos olhos:

- “O poder da aceleração do namoro!”
- “Um rapaz conheceu uma jovem e faz com esta uma amizade. No segundo dia, lhe oferece uma coisa que ela não teria na sua toda a vida. No terceiro dia dos dois juntos, vão para cama. Após as relações sexuais não sabiam nada de um ao outro. O rapaz pensa: “porquê eu ficaria com uma garota fácil de se conquistar, uma que iria à cama com um homem em apenas 3 dias?” Ao mesmo tempo, a jovem pensa: “eu queria tanto tê-lo como o meu

marido mas depois disto, o que ele estará a pensar de mim e também não consigo continuar a lhe conquistar porque não sei nada dele.” Porém, os dois tinham-se esquecido que tinha sido o presente que acelerara esta boa relação que tinha tido tudo para ir avante... Ainda queres que eu tire as 5 coisas nessa loja, Cubi?”

Em suma, o objectivo destas saídas eram os dois se conhecerem, de forma mútua, mas em contrapartida para a outra com o envolvimento de prendas não iriam-se conhecer, porém iriam-se relacionar. A propósito, as meninas vendedoras na loja chique estavam se colocar na pele da Paula. Contudo, a Paula esperou a sua resposta olhando para o Cubi que conhecia de cor a sua miúda, pois sabia que o seu “sim” seria de facto um problema para ela e igualmente o seu “não”, então foi ao meio-termo assim lhe contava um conto - o rapaz e a rapariga grávida:

- “Era uma vez uma jovem cujo nome era Inhala, esta morava com o seu pai e a madrasta desde o seu oito anos de idade. Desde então a madrasta maltratou-a. A mesma maltratava-a de todas as formas e mais uma, existentes no mundo, inclusive esta madrasta lia livros de maltratos, tudo para aprimorar os tais maltratos. De lamento, o pai da jovem apenas assistia. Houve rumores que o próprio pai torcia na morte da filha, torcia que a sua actual mulher matasse a miúda de maltratos, e assim viveram...”

Rapidamente, o relato do conto foi interceptado pela Paula que segurou a mão do Cubi e assim os dois saem da tal loja chique. Acontece que mal o Cubi começara a contar-lho, a Paula teve a sua boa resposta onde residia o total cancelamento de qualquer corrupção no processo livre de encontros para fim de conhecimentos recíprocos. Nesta ocasião, a Paula dirigia-o à zona de cinema e bem ao meio da trajetória ela olhou-o levantando as suas sobrancelhas como se dissesse: “e então, cadê o meu conto?” Seguidamente, o Cubi continuava a contar:

- “...Quando esta jovem completa 15 anos de idade, já tinha sido submetida a todos tipos de maltratos, a sua cara nunca faltou os hematomas, o seu corpo outrossim nunca faltou os hematomas, a sua cabeça sempre teve um a dois galos e a jovem andava coxeando a sua perna esquerda fruto dos maltratos... Na mesma idade, a jovem já estava irrelevante com os maltratos, incrivelmente o seu corpo tinha-se adaptado a esses maltratos e naquele instante a sua madrasta procurava uma mera razão no sentido de expulsá-la de casa... Porém, a jovem Inhala naturalmente já não era um ser-humano, tudo que ela era eram os maltratos por parte da sua amarga madrasta... Quando esta jovem completa 17 anos vai conhecer um rapaz. Este rapaz era a única boa coisa na vida da jovem, este era a primeira razão que esta jovem sorrira um dia...”
- “Espera um pouco, Cubi! Vou querer um gelado.” A Paula disse interrompendo novamente o bom conto para o sítio do tal gelado e enquanto compravam os mesmos, a Paula esticava o seu corpo discretamente achando que não estava a ser vista pelo Cubi que futuramente voltou ao conto antes de receber aquele olhar por parte da mulher dos sonhos dele:
- “...Inocentemente, os dois jovens namoravam mas a jovem sempre soube conciliar o namoro com o rapaz face aos maltratos da madrasta. Com meses, a jovem sentia o seu corpo diferente, sentia mudanças corporais, então como uma boa namorada participa as mudanças e os desejos corporais ao rapaz, portanto o rapaz sabia que era apenas as malambas de princípio de menstruação e os momentos depois desta, mas o rapaz se apoderou da inocência da jovem que nunca teve uma mãe na vida, logo o rapaz era o médico diurno da miúda na cama. O rapaz aproveitou-se disso para passar fazer sexos com a miúda... Meses depois, a miúda estava grávida deste rapaz que sempre foi mina de ouro para com ela. Porém, o rapaz

recusou ser o pai daquele bebé... Mal a sua madrasta descobre a gravidez da miúda, guiou-se a Inhala para casa do rapaz. Postos lá, na sentada entre as duas famílias, obviamente o pai do rapaz questiona o seu filho: “Lian, engravidaste esta miúda?” De cabeça em baixo o rapaz respondeu categoricamente: “Não conheço essa miúda, nunca a toquei e nunca a vi na vida... Não sou o pai dessa criança.” Ao mesmo instante, a mãe do rapaz derramou lágrimas inconscientemente, pois ela conhecia a jovem como a namorada do seu filho e a jovem Inhala podia chorar, mas ela já não possuía lágrimas no corpo fruto dos maltratos da madrasta. Nada mais a fazer, a família do rapaz não podia receber a miúda Inhala, pois o rapaz recusara a gravidez. Seguidamente a sua madrasta diz à miúda: “Ainda hoje quero que saias da minha casa. Já cuidei de ti não cuidarei mais do teu bebé sem pai. Vamos à casa, arrumas as suas malas e saia da minha casa.” Todos se encontravam de pé, a Inhala ataca o seu pai fisicamente enquanto dizia-lhe: “Só preciso que ele fique ao meu lado, só preciso que ele aceite que é o pai dessa criança, a seguir cuidarei esse bebé, sozinha porque sempre estive sozinha no mundo, até ele aparecer na minha vida... Papá, faz, no mínimo, uma coisa na minha vida, diz a ele que apenas aceitar que é o pai da criança, mas eu vou cuidá-lo sozinha.” O pai dela nada fez, como fizera toda a vida dela. Do mesmo modo, ninguém podia fazer nada por ela, bem como ninguém nunca fez nada por ela... No mesmo dia, a Inhala fez as suas malas, pois teria partido no dia seguinte, segundo a sua madrasta para o destino que Deus dará. Na noite do mesmo dia, a miúda teceu uma carta dirigida ao seu pai e em seguida, saia de casa, de forma socapada, com intuito de ir se lançar no meio da estrada mas a sua madrasta esteve a dormir com apenas um olho, logo apanhou-a na saída, lá, a madrasta e o pai da miúda leram a tal carta de suicídio, nem com isto recuaram a sua

decisão de expulsá-la... As 5 da manhã, a miúda tinha sido expulsa de casa com as suas malas na presença do seu pai que ela agradecera na carta por tê-la posta no mundo. A Inhala saía de casa com passos de camaleão enquanto o seu pai observava... Então, a volta das 6 horas e 20 minutos a miúda batia uma porta que na verdade era a quarta porta que ela batera naquela manhã sereno, logo a porta foi aberta por isso, a miúda diz a pessoa diante dela: “Bom dia senhor padre, desculpa ter-te incomodado a essa hora da manhã. É que o meu caso é urgente, onde vou não terei mais o retorno... Estou a passar em todas as casas pedir perdão às pessoas que eu fiz mal, então eu tinha ofendido o senhor de burro por aceitar ser padre, uma pessoa que não pode ter filhos, voluntariamente. Hoje, me sinto inferior do que o senhor, por isso quero que o senhor me ofenda também logo estaremos quites assim poderei partir em paz.”...

– “Ceus!”

– “...O senhor padre reparou que a miúda Inhala tinha malas consigo sem aspecto de uma pessoa que está a viajar para um sítio desenhado no mapa conhecido, mas o padre entendeu que a miúda estava preste a viajar entre mundos, assim o padre respondeu à miúda: “Se queres mesmo que eu te ofenda de volta, a minha condição é: te levar inicialmente a um sítio onde vais conversar com alguém depois disso, eu te ofendo a vontade. Pega ou larga!” Seguidamente respondeu a miúda ao padre: “Não tenho nada a perder com esta condição pois és a última pessoa. Já passei em outras casas onde uns me ofendaram e outros simplesmente pedi o perdão. Podemos ir a esse sítio poque não fará nenhuma diferença.” O senhor padre nem boca tinha lavado naquela manhã, colocou a miúda no seu carro e levou-a ao convento de madres. Lá, discretamente, informou o caso da miúda a uma das madres que seguidamente sentou com a Inhala. Momentos posteriores,

a Inhala foi apresentada a várias mães com histórias de vida semelhantes com a sua, então a miúda aceitou servir o resto dos dias que lhe faltava ao amor do Cristo, pois este último a amou primeiro. Quanto à criança havia uma família que podia adaptar...

Cinco anos depois, o Lian outrora rapaz ora um homem encontra a Inhala no convento das mães: “Inhala, minha miúda, estou a caminho de dois anos te procurando e ninguém sabe do seu paradeiro, até o teu pai pois a tua madrasta acha que estás morta... Agora já tenho emprego e o meu tio me deu uma casa, por isso vim buscar-te e o bebê.” A Inhala achava aquilo extraordinário pois o rapaz olhava para ela. Em contrapartida, a miúda respondeu para desgraça do rapaz: “Os insultos e as ofensas da minha madrasta e as fraquezas do meu pai, conservo-os ainda no meu coração, mas foste a única coisa doce na minha vida e tudo acabou no dia em que não conseguiste olhar-me nos olhos... Não quis saber o sexo do teu filho nem olhei para sua cara quando nasceu. Dei a luz a um desconhecido, não queria ter na minha consciência o sexo, a cara e o tom da pele do teu filho, assim como não me lembro o seu cheiro, o seu sexo, a sua cara e o seu tom de pele. Nem mesmo o padre que me ajudou conseguiria encontrar esse bebê.” Assim sendo, de um lado, a mãe Inhala voltou a entrar no convento onde vive até hoje. De outro lado, o Lian foi-se embora com distúrbio mental, uma vez que qualquer criança de 4 anos podia ser o seu filho, já que não sabia o sexo, a cara, a cor da pele. Apenas dois anos o rapaz Lian ficara maluco e morto acidentalmente por ter roubado um filho alheio...”

Assim o conto terminava assim os dois entravam ao cinema com vista a assistir um bom filme juntos, assim a Paula chorava por conta do conteúdo do conto, assim o Cubi acalrava-a, assim os dois se encontravam sentados nos assentos do cinema para o tal

bom filme, assim fruto dos choros da Paula, os dois estavam sentados abraçados, assim o filme decorria. Assim aconteceu assim foi também assim.

Capítulo V

—

O olho carnal que nada vê

Na sexta-feira da terceira semana do segundo mês da Paula na Universidade, a volta das dezoito horas, os seus dois irmãos estavam na varanda da residência Okudala aguardado por ela para conversa de concertação familiar restrita. Porém, esta conversa apenas envolvia os três, sem os pais nem os dois primeiros irmãos os mais velhos biológicos, uma vez que estes eram casados e cada um vivia em sua residência. Nesta ordem de ideias, ela entrava na varanda com o seu ar universitário.

- “Boa noite a todos... Há qualquer inquietação por aqui, manos?” A Paula perguntou os seus dois manos biológicos mal entrara na mesma varanda, logo recebeu a resposta oriunda do seu irmão Santiago que afirmou tenuemente:
- “Boa noite Paula! Estamos aqui justamente te esperando para te dar uma informação afecto à família de casa.”
- “Não fique aí de pé... Sente, miúda!” A irmã Elma ordenou a Paula. Levou-se uns segundos até o Santiago o

irmão mais velho biológico dizer calmamente entre dentes:

- “Olha, não queremos incomodar mais o papá com isto porque a pensão que ele vem recebendo não é lá grande coisa para as nossas despesas. Bem sabes, os nossos irmãos os mais velhos estão a fazer as suas vidas com os seus respectivos filhos que não são lá poucos, portanto eu e a Elma vamos passar a trabalhar e tu apenas te dediques na formação universitária...”
- “Desse modo, poderemos, de certa forma, dar uma mão ajuda à despesa da casa e não só.” A irmã Elma salientou depois do outro logo fez-se um calmo no recinto, assim momentos posteriores, a Paula sentada sem os seus matérias escolares no corpo dera a sua participação:
- “Não podíamos de igual forma notificar os nossos dois primeiros irmãos e futuramente ouvir as opiniões deles a volta disso?”
- “Paula, deixa de ser teimosa. Quantas vezes já participamos esta preocupação, em partícula, a todos? Se não estão a se manifestar é porque não têm outrossim meios para ajudarem. Queres incomodá-los e depois ouvir coisas que não queres ouvir?” O irmão Santiago repreendeu com um tom moderadamente alto. Com isso, antes que a Paula respondesse que acabaria de criar um mero conflito entre si, a Elma perguntou à Paula mudando do assunto, de forma extremamente inteligente:
- “E, como vai a tua faculdade até aqui em termo de pagamentos?”
- “Até aqui está tudo uma maravilha quanto ao pagamento, bem como a participação de professores... Mas, espero que esta conversa não chegue aos ouvidos do mano Cubi.” A Paula calmamente respondeu mas de igual forma não era um assunto que a deixava confortável. Porém, a sua irmã Elma insistiu na mesma tecla:

- “Falando dele, como andam as saídas?”
- “Daqui a quatro meses param... Sinceramente, não quero que ele se preocupe mais com as despensas da casa. Seria tanto quanto humilhante para mim.”
- “Eu pessoalmente não sou a favor dessa sua ajuda financeira, mas o nosso Deus tem várias formas de realizar a sua grandeza, minha irmã Paula. Com isso, aprendi que a coisa a maior do que uma ou um grupo de pessoas, é a esperança.”

Tendo dito o irmão Santiago, de imediato, as duas irmãs menores olharam para ele orgulhosamente. A Elma tentara adicionar qualquer coisa em cima daquilo mas simplesmente estava tudo dito, a sua adicção talvez estragaria o sabor do termo “esperança”.

Após o encontro tido entre a Wendy e o pastor Songo, a Wendy passou a fugir a todo custo os possíveis encontros com o pastor Songo. Ou melhor, a Wendy apenas frequentava actividades religiosas às quais, o segundo pastor Kiese presidia e nas missas nos domingos, a Wendy saía antes do término onde ouvia a palavra santa “amem” fora das instalações paroquiais, com intuito de não ter o cumprimento divino proporcionado pelos dois pastores na porta da igreja. Então, naquele domingo em particular, o pastor Songo se encontrava fora a sua espera pois já tinha percebido o esquema diabólico da miúda irmã Wendy.

- “Porquê me fuges, irmã Wendy?” O pastor Songo perguntou à Wendy que se encontrava às costas ao pastor e espreitando a saída do Cubi e a Paula para efeito da boleia. Sem jeito a Wendy inconscientemente respondeu de forma retórica:
- “Eu? Pastor, fugir?”

Provavelmente o termo “fugir” fosse um tanto quanto pesado, talvez o termo “evitar” fosse um pouquinho adequado pois deve-se evitar as ameaças a volta, talvez “evitar” previne-se a enfrentar

batalhas sombrias, talvez o próprio pastor pudesse elucidar o termo “fugir”. Foi assim que ele elucidou-lho:

- “Já não tens vindo nos curtos de terça e quinta-feiras a tarde porque eu é que presido-os. Agora, a título de exemplo, estás fora da igreja fugindo o meu cumprimento, porque depois deste eu te importuno.”
- “Nunca pedi perdão a ninguém, pastor Songo. Talvez também não quero começá-lo com o senhor mas sei que todas as meninas da paróquia querem ser a tua costela. Eu posso ter-te dado esta mesma impressão no início, mas francamente acho que há irmãs como a Juditte, a Branca, a Paula e a Zola, as mais dignas de serem esta costela... Agora, coloquei o Jesus diante de mim.” A Wendy explicava-lhe e ao mesmo instante, a Juditte, a Branca e a Zola vinham lentamente à direcção do pastor Songo que respondeu pausadamente à Wendy:
- “Eu tenho observado todas as 4 e mais outras que não citas, irmã Wendy. Não compete a ti decidir para outro lado.”
- “Tudo que eu queria naquele encontro tido contigo no seu gabinete era servir o Senhor com qualquer actividade religiosa na igreja, então a vaga da tesouraria serveria até ser entregue a outra pessoa.”
- “Os documentos oficiais da igreja relatam que tu e a Branca sois as principais catequistas na escola dominical e a Paula está a ser instruída para o mesmo exercício mas na prática, a Paula é quem tem sido a catequista na escola dominical, irmã Wendy.”

Tendo o pastor Songo respondido a anterior afirmação da Wendy que denotava que ela era uma mera mentirosa, já que tinha uma actividade religiosa em seu nome mas não exercia-a enquanto estava atrás da outra. Por este motivo, a Wendy e o pastor ficaram de pé quietos se olhando um ao outro. De um lado, o pastor

esperou qualquer contestação por parte da Wendy. Por outro lado, a Wendy fechava os seus olhos dizendo ao mesmo tempo:

- “Agora já não estou de brincadeira com a palavra do Senhor. Tenho-O na minha destra.”
- “Porquê te mentes dizer que queres servi-Lo enquanto usas as tuas próprias preferências, enquanto escolhes como servi-Lo.”

O pastor Songo disse-lhe alteradamente, portanto a Wendy percebeu que o seu ponto talvez precisava ser reavaliado espiritualmente, mas o mais agravante o acabava de conhecer o lado sombrio do mesmo pastor através do tom da voz e agressividade nos gestos corporais. Porquanto, a Wendy teve a reconfirmação que ainda não estava em uma boa conduta. Razão pela qual, não podia se dar luxo ser a mamã pastora, então ela conduziu o bom pastor através dos seus olhos às meninas irmãs dignas para a alterar posição com adição das palavras ternuradas:

- “Olha as meninas dignas ao amor de um pastor. Ser uma mamã pastora acarreta muitas responsabilidades e não só, uma personalidade, pastor Pascoal Pinel Songo.”

A Wendy sabia que já tinha posto o Jesus à frente de cada decisão que tomar embora ainda pecadora, apesar de ainda ser uma imperfeita. Sem ânimo e nem jeito, a Wendy dera às suas costas ao pastor pois as tais meninas irmãs dignas de serem mamãs pastoras vinham em direcção do pastor. Entretanto, o pastor Songo disse à Wendy, mesmo as costas:

- “Sabes que uma mamã pastora acumula responsabilidades na paróquia. Então, porquê foges?”
- “Eu? Fugir?”

A Wendy perguntou mas a si mesma logo já não sabia de que ela e o pastor estavam a conversar. Ela perdera a noção daquela conversa e a natureza do termo “fugir” ganhara um significado,

assim ela tinha que fugir, em contrapartida, enquanto ela rodopiava levou a sua mente à passagem Salmos 16:8. “Deixo-Te, Jesus em primeiro lugar. Deixe-me ver a Tua luz novamente... O que será de mim se eu não vir a Tua luz novamente, semelhante da vez passada?” Pensou a Wendy, ao instante posterior, respondeu sem ver aquela luz:

- “Tenho medo, pastor!”
- “Para os ímpios o “medo” é o maior incentivo de sempre para alcançar os sonhos inalcançáveis. Este “medo” sempre foi um arsenal para bavs homens ao longo da história do mundo mas diferente destes homens, tu és uma crente logo tombaram tanto ao teu lado direito como ao teu lado esquerdo e também a tua trás e simplesmente não serás acertada, mamã pastora.”

Simplemente a frase protectora “ponho Deus diante de mim...” tinha sido ultrapassada pela analogia do pastor Songo, quanto mais a Wendy tentava entender a analogia menos oxigénio obtenha no cérebro até ser salva pelas meninas irmãs que acabavam de chegar perto do pastor Songo, com as suas presenças insólitas, a curta palma entre o pastor e a Wendy tinha conhecido o seu fim.

Depois de ter passado quatro horas naquela mesma tarde, a Wendy se encontrava no seu quarto depois de acabar de acordar dum sono de duas horas longas, por consequente tinha aberto a sua bíblia com intuito de entender a razão pela qual o pastor Songo esteve diante dela biblicamente. Após mais uma hora de leitura e consulta, se apercebeu que ela e o pastor estavam nas passagens bíblicas distintas há cinco horas no solo da igreja. Mal tentava se confortar deitando o seu corpo na cama o seu telefone chamava.

- “Alô!”

- “Alô, irmã Wendy, daqui fala o pastor Songo. Estou nos arrendores da sua casa e gostaria-me encontrar contigo. Pressinto... Sei que te tratei muito mal na porta da igreja, por isso queria-te pedir perdão.” O pastor Songo informou à Wendy que surpreendidamente respondia retoricamente:
- “Estás nos meus... te encontrares comigo, pastor? Podemos-nos pedir ao telefone, pastor...”
- “Não é, de tudo uma forma adequada para mim, agradecia se fosse pessoalmente... Prometo não te julgar jamais.”

Outrossim, a Wendy desligara o seu telefone após a última fala do pastor, de seguida tremia o corpo todo enquanto olhava a sua volta, então pegou novamente o seu telefone antes que o pastor retomasse a chamada ela ligara para a sua amiga Paula:

- “Atenda Paula!”

Tendo monologado a Wendy seguidamente, porém a outra simplesmente não atendia a chamada. Quando a Wendy digitara pela segunda vez olhou em cima rezando ao Deus que desse uma ajuda a sua amiga, com vista a poder mover o telefone à Paula, desse jeito, na terceira chamada também recebia a segunda chamada do pastor, um deles rapidamente atendeu:

- “Alô miúda, eu estou super ocupada aqui...” A Paula disse do outro lado do telefone, em contrapartida viu a sua preocupação sendo inferior quando a voz oposta gritou metaforicamente:
- “Paraste de rezar para mim, Paula.”
- “Calma! Calma menina, eu ainda rezo... Rezo para toda gente, Wendy.”
- “Pare de rezar para toda gente porque a tua irmã Elma já tem rezado para toda gente. Tu apenas te concentras a rezar por mim.” Disse a Wendy sempre em gritaria depois de ter tomado uns segundos, após a anterior frase da outra em linha ao lado que prontamente questionou-lhe:

- “O que se passa aí?”
- “O pastor está na minha rua e quer conversar comigo pessoalmente depois de me ter tratado muito mal após o culto. Mais, o pastor está a me vencer linguisticamente e biblicamente com o Salmos 91: versículo 7. Digo-te mais, me declarou guerra bíblica. Deves-me dar outra passagem porque aquela da vez passada está ser engolida, Paula.”
- “O que diz o Salmos 91:7?”
- “Diz: “Caiam mil ao teu lado e dez mil à tua direita e tu não serás atingido.”...”
- “Qual é o significado disso com o pastor?”
- “...O “Mil cairão ao teu lado, e dez mil, à tua direita” exprime o cuidado protector do Senhor para com aqueles que são seus. Deus é poderoso para guardar o Seu povo fiel de toda calamidade que o cerca.”
- “Sinceramente não consigo me envolver psicologicamente nisso... Tu és boa em matérias bíblicas e o pastor também. Diante de vocês sou um ser insignificante mas te digo um truque que uso quando quero o calor divino do espirito santo... Pegas a tua bíblia...”
- “Acho que vai ajudar... Estou na cama com ela...”
- “...feche a tua bíblia em seguida, feche os seus olhos bem forte até os seus olhos espirituais se abrirem logo abra a tua bíblia e coloque o teu dedo na linha em que deves ler depois abra os seus olhos assim já poderás ler a passagem escolhida...”

Para que conste, a Wendy acatou os conselhos da Paula, de imediato fê-lo e quando abriu os seus olhos, o seu dedo apontava o “Lucas 1:37”. Deste lado, ela leu a tal passagem mais de três vezes, entretanto não entendia a ajuda que a mesma lhe dará face à situação com o pastor que naquele momento precisamente se encontrava em frente do portão da sua residência e ligando para

ela. Antes de sair de casa monologou a tal passagem pela última vez:

– ““Porque para Deus nada é impossível”...”

Capítulo VI

–

A cor do amor

A Wendy ao sair nem se preocupou se preparar como qualquer outra menina que pretende sair ao olho da rua. Entretanto enquanto saia tudo que ela pensava era despachar o pastor pois não importaria com o perdão do pastor visto que não faria nenhuma diferença na sua percepção, muito pelo contrário, se o tal pastor lhe deixasse com a quietude. Sendo assim, posta no portão:

- “Olá irmã Wendy!”
- “Olá pastor! Sem sombra de dúvida nem qualquer interesse em despachá-lo mas estou atarefada.” A Wendy informou ao pastor que inicialmente soltou um genuíno sorriso depois respondeu-lhe com tom pastoral:
- “Te disse que apenas queria-me desculpar pessoalmente pelo comportamento tido anteriormente.”
- “Não tem de quê! Eu devo ter começado com isto tudo. É óbvio que deves escolher uma mamã pastora nas jovens para namorar a...” Dizia a Wendy até ao termo “namorar”

onde foi interceptada pelo pastor Songo que explicava-lhe claramente com toda emoção do planeta:

- “Sou pastor, irmã Wendy. Portanto, não posso namorar... Apenas me limito a conversar com a indigitada pelo Senhor. Posteriormente contactarei os seus pais para pedir a sua mão em casamento. Contudo, vejo uma estrela em ti... Ainda agora vejo a luz em ti, irmã Wendy. Por mais absurdo que pareça és a escolhida.”

Para ser fraca, a Wendy recuava e o pastor seguia-a, ela abanava a sua cabeça indiciando “não” e o pastor abanava por sua vez a sua cabeça dando sinal de “sim”, até ela chegar com as costas contra a parede do seu quintal e outrossim o pastor parara. A Wendy sabia de cor que tinha tudo oposto de uma mamã pastora, mas naquele exacto momento, ela tinha que convencer isto tudo ao pastor Songo diante dela. Lamentavelmente foi o que ela fez com todas as suas convicções:

- “Te disse que eu tenho medo, te disse que eu não sou condescende de ser a mamã pastora, visto que carrega muitas responsabilidades, te disse que tenho a reputação de louca na igreja... Bem como não posso ser a escolhida pelo Senhor nem por ti... Não sou a mais aquiesce e também com toda a certeza, não sou a mais linda nas meninas irmãs da nossa paróquia, pastor Songo, o que verias em mim possivelmente?”
- “O teu “medo” diz que serás uma excelente mamã pastora, Wendy.”

Provavelmente fosse a frase anterior do engate do pastor Songo, talvez a Wendy lutara imenso mentalmente no sentido de ver aquela forte luz como sinal que ela podia carregar o fardo do teor de uma mamã pastora. Notoriamente, ela não via a luz mas por contra, acabava de perceber a passagem “Lucas 1:37” encontrada misteriosamente, antes que ela dissesse, o pastor adiatara com a pergunta:

- “Quando é que achas que devo vir conversar e pedir a tua mão aos seus pais, Wendy?”
- “Engraçado isto tudo... A minha melhor amiga a Paula está a viver a mesma situação que esta. Lhe apareceu um homem que ela não...” Naturalmente, a Wendy sorriu dando um ar de “sim” ao pastor Songo enquanto respondia, a menos compreensão do mesmo pastor:
- “O quê?”
- “Esqueças! Fazamos seguinte: não apareças aos meus pais pedir-me a mão em casamento agora. Te peço que ensines-me ser uma mamã pastora durante três meses. Ao cabo de três meses, eu já estarei caidinha por ti e também já terei a certeza que sou escolhida por Ele e não por ti carnalmente.” A Wendy disse estabelecendo uma simples condição que antes do pastor responder olhara inicialmente ao céu:
- “Depois de três meses te tornas minha noiva? E porquê queres ter tanto trabalho neste processo, irmã Wendy?”
- “Após três meses se quiseres até poderás casar-me mas... aquando dos três meses sou livre... Yeye tu ni muhimu.”

Feliz estava o pastor Songo, em razão de conseguir a melhor menina irmã, aquela que tinha todos os sinais de uma mamã pastora, pese embora a mesma não sabia o seu próprio potencial. Tendo passado segundos, o pastor ia-se embora, já a Wendy observou a ida do pastor até este efectuar a curva, logo ela sentara no chão com as costas postas no portão monologando com as suas mãos na cabeça:

- “O que eu acabo de fazer? Será que tomei esta decisão colocando-O em frente? Pois nada é impossível para o Deus.”

Na sexta-feira da quarta semana do segundo mês, o Cubi morrendo de saudades da miúda dos seus sonhos decide ir a sua busca na universidade. Assim que ela saia via de igual modo, uma

mão acenando por ela, logo sabia que o outro outrora irmão ora candidato a namorado vinha a sua busca. Presença esta que destuía toda a sua boa personalidade, especialmente ao colega Leonor que de certo modo, era um candidato a avaliar após de seis meses de brincadeira com o ex-padrinho Cubi.

Sem saudar a Paula chegara junto do Cubi que por sua vez cumprimentou a sua miúda mas sem feedback. Sem falar a Paula subiu e entrou no carro do Cubi, sem sequer olhar para o Cubi, a Paula se instalou no assento. Finalmente com a saudade, o Cubi diz-lhe:

- “Estava a morrer de saudades tuas, por esta razão vim-te buscar, Paula.”
- “Agradecia que me levasse directamente para minha residência porque estou mesmo muito cansada... Também agradecia se me deixasses em paz neste cantinho aquando da viagem.”

Actualmente, tendo dito a Paula mas anteriormente tinha-se virado dando as suas costas ao Cubi olhando à janela do carro e sentada ao lateral. Assim, foi a viagem das saudades do Cubi. Depois de ter passado aproximadamente dez minutos, estavam na paragem da Paula, mas a mesma se encontrava a dormir, por consequente o Cubi esperou até ela acordar. Incrivelmente, depois de ter passado aproximadamente quarenta e oito minutos, o ar condicionado do carro perdera a sua força da frescura máxima. Com o calor ligeiro, a Paula acorda finalmente e lá se apercebe que estava ainda dentro do carro, em seguida viu as horas, daí gritou com o Cubi meio adormecido no assento do condutor:

- “Quanto tempo estamos aqui parados?”
- “Aproximadamente uma hora, Paula.”
- “Uma hora? Não podias-me acordar. Não tens outros afazeres, Cubi? Tanto tempo assim que perdes...” A Paula

perguntava-lhe em gritarias enquanto arrumava os seus pertences. Com lamento, o Cubi abraçara o mesmo tom e abertura da voz da Paula logo também em gritarias ele explicava implicitamente:

- “Até aqui és a única que ainda não percebeu que por ti, eu daria o meu amor, por ti eu daria o meu sangue, por ti eu daria o meu esqueleto, por ti eu daria o meu corpo, por ti eu daria a minha alma, por ti eu daria o meu espírito, por ti eu daria a minha vida, Paula... Os meus olhos querem compromisso contigo, olhe, para os meus olhos, Paula. Uma hora do tempo não é nada que eu te daria...”

Nem com ajudas de todos os deuses de amor, a Paula entenderia o que o Cubi estava aí a lhe oferecer, nem mesmo um milagre teria aberto um dos seus olhos para ver aquilo pois tudo que a sua mente sabia... tudo que os seus olhos viam... tudo que o seu corpo sentia era a alma podre dentro do Cubi. Com uma alma desta envergadura não se faz qualquer trato, não se faz qualquer acordo, não se faz qualquer pacto. Assim sem entender nenhuma palavra dita, a Paula descera toda nervosa por ter perdido uma hora dentro daquele carro por um fascínio mórbido do Cubi.

No dia seguinte que era um calmo sábado, a Paula tinha que ir ao grupo de estudo que realizavam todos os sábados. Em vez disso, ela vai à casa do Cubi para conversar com o mesmo no sentido de garantir que a pouca vergonha na universidade, no dia anterior não volta a ocorrer. Assim que o Cubi abriu a sua porta, a Paula entrara dizendo:

- “Não gostei nada tens ido buscar-me na sexta-feira na Universidade... Pelo menos me teria ligado ou mandado um sms...” Afirmou a Paula com ar de discutir pois acabava de participar os passos que estava a fazer com o Cubi ao Teacher que reprovou categoricamente a iniciativa, logo o Cubi, pelo tom, já sabia que a outra trazia o sarilho a sua porta, então humildemente respondeu:

- “Realmente e peço perdão... Estava a morrer de saudades tuas e tinha ficado sem bateria.”
- “O que estás a fazer me parece um novo pecado, Cubi.” De costas a Paula disse-lhe aquilo portanto o Cubi soube que tinha que tirar aquele mau clima do ar culpando o “pecado” ao demais. Assim ele culpava-os:
- “Sinceramente não há pecados novos nessa nossa era de ouro que não se registou no Sodoma e Gomorra, Paula. Apenas a nossa era está a acelerar o fim do mundo com a competição de apostar todos os pecados nas redes sociais e não só. Tudo divulgado e ainda, há outros que chamam-no de democracia.”
- “Eis... “Sou Um Negro” que livro é esse?” Perguntou a Paula sempre de costas depois de ter visto o livro e o Cubi respondia indo ao encontro dela:
- “Esse livro... é um livro que retrata a era de escravismo onde os negros sofreram demasiado contando três grandes histórias envolventes negros. Sendo a primeira com subtítulo “Amamentação úmida” uma antiga prática de cuidar os infantes brancos onde uma mãe branca não podia amamentar o seu filho logo matava o bebê da mãe negra para esta por sua vez amamentar o bebê branco. A segunda história intitula-se “Mascara de ferro no rosto” onde os donos das fazendas acusavam os escravos estarem a comer as plantações, logo colocou-se as mascaras de ferro nos rostos dos negros escravos. E a terceira história é de uma negra que tinha petróleo numa terra deserta onde tinha sido lançado após os brancos receberem a sua boa terra de agricultura, gado... Na terra onde foi colocada mais tarde descobriram que havia lá petróleo...”
- “Então, ela foi assassinada?”
- “Nada! Não foi, os brancos tiveram que dar-lhe o estatuto de uma branca devido à fortuna que possuía...” O Cubi respondeu suavemente e já se encontrava pertinho dela

logo o livro tinha sido segurado pelos dois, então lentamente a Paula virava-se para ele exaltando:

- “Que livro bom!”
- “Este livro não é bom, Paula. Este livro ensina a revolta enquanto deve-se ensinar o amor ao invés da revolta. O negro é o amor, então façamos livros a explicar isto.”
- “Se és o amor, porquê nunca amaste nenhuma rapariga?”

Tendo perguntado a Paula que se encontrava naquele momento mais serena do que quando entrara mas com a pergunta, ela concentrou o Cubi nos olhos logo viu a rapariga que o Cubi sempre amou no reflexo dos olhos do próprio Cubi, por isso em segundos, aquele olhar era sonâmbula. Curiosamente o livro “Sou Um Negro” separava os dois, pois a Paula segurava-o com a sua mão canhota, já o Cubi com a sua mão destra. Inconscientemente a Paula levantava as suas calcanhas, com intuito de igualar os seus lábios aos dos Cubi que segurava a cintura da Paula com a mão canhota e puxava-a junto dele, mas ao outro lateral o livro continuava segurado pelos dois. Tudo nos quites para aquilo que seria o seu primeiríssimo beijo, os lábios igualados em termo de altura mas em termos de distância, apenas separados por cinco centrimetros e os corpos totalmente juntinhos. Lá ficaram, ninguém avançava os cinco centrimetros até os dois dizerem ao mesmo instante:

- “Vou buscar o copo quero beber a água...”
- “Devo colocar o livro no seu devido lugar...”

A Paula foi a buscar do tal copo a um sítio que não fosse a cozinha e já o Cubi levou o livro para dentro da gelera encontrado entre a sala de estar e a cozinha da sua residência. Subitamente, a Paula se apercebeu que não se encontrava na cozinha para efeito da busca do copo mas no quarto do Cubi logo ganhara a vergonha de sair daí e já o Cubi, a frescura da gelera alertou-o logo ficara de pé e pensativa numa possível solução para os dois. Foi aí que disse ao Cubi gritando:

- “Paula, venho já vou comprar o sumo compal pra nós...”
- “De manga... seria agradável...”

Outrossim, o segundo mês tinha terminado com as nuvens sob as terras que careciam da chuva, as terras onde apenas grandes homens marcham e um destes homens era o pastor Pascoal Pinel Songo que acabava de ser submetido ao teste livre de três meses proporcionado pela irmã Wendy. O pastor Pascoal Pinel Songo nem sabia como seria este teste, nem sabia o âmbito deste teste, nem sabia os ramos nem domínios científicos deste teste. Provavelmente, isto tudo, não fosse um desafio ao pastor Pascoal Pinel Songo pois este vive ao Deus dará.

Capítulo VII

—

Talvez não há mal talvez não há bem

O terceiro mês dos seis meses de encontros de conhecimentos mútuos estava a começar com os ventos de recordações pelos quais cada segundo fosse um progresso para percepção do Cubi que obtendo uma memória de cada vez com a Paula, fosse esse progresso. O motivo pelo qual, ele não estava a fim de mudar o seu plano original. Além de mais, a Paula lhe manteve à mercê dos cultos domigais ocasionalmente mas, mesmo assim, ela nunca acreditou na lealdade ou no amor do Cubi como marido e mulher, talvez o amor reservado entre irmãos.

No primeiro domingo após o culto, as meninas irmãs isolaram a Wendy para uma rápida conversa sobre as boas intenções da irmã Paula que tem, de forma ocasional, trazido um giro rapaz à igreja sem vontade de devorar o mesmo. Com impasse entre as meninas irmãs, a Wendy foi chamada com intuito de antecipar as dúvidas acumuladas.

- “Esse irmão da irmã Paula é um bom partido, não achas, Wendy?” Perguntou a irmã Aida à irmã Wendy que respondeu depreciando:
- “Quê irmão, que nada...! É o seu pretendente, miúdas.”
- “A própria Paula me disse que ele é apenas um irmão que ela tem trazido à igreja.” De forma ocasional, a irmã Judette insistiu, então a irmã Wendy cochichou entre dentes:
- “Não é irmão dela. Ele é o apaixonado dela.”
- “A Paula é quem disse-nos e as suas palavras exactas foram: “Meu irmão, nada mais, nada menos. Há fronteiras na vida que não se pode ultrapassar, às vezes um velocinaptor não passa disso.”.”

Tendo a irmã Branca dito aquilo. Logicamente, a Wendy conhecia esse termo, em particular, ela própria já tinha ouvido pela boca da própria Paula a frase: “Meu irmão, nada mais, nada menos. Há fronteiras na vida que não se pode ultrapassar...” Entretanto, a Wendy, na qualidade, de uma boa amiga respondeu com uma voz menos moderada:

- “Não importa o que a Paula vos disse, o que importa é o que eu estou-vos dizendo agora. Este não é o irmão dela mas o seu conquistador logo deixem-na em quietude geral... Deixem a menina irmã Paula gatinhar ao encontro do amor. Vós sabeis como nós os humanos somos orgulhosos e teimosos.”
- “Se ela não quer, nós aqui precisamos...”
- “Sim, todos nós precisamos logo façam como ela fez... Pegam no vosso homem e trazem-nos à igreja. Mas o que não deixo-vos fazer é desarmar o homem que a outra trouxe à igreja.”

As palavras da Wendy valiam qualquer sentido para todas as veracidades efectuadas em uma mente feminina, mas acontece que as mentes das meninas irmãs da igreja não eram

simplesmente mentes femininas, pois estas mentes preferiam cuspir na cara da outra pedindo perdão do que apreciar o sentido oposto. Para a salvação da Wendy houve troca de ribalta na voz do pastor Songo:

- “Desculpa o atraso, irmã Wendy.”
- “Valeu a pena esperar...” Respondeu a irmã Wendy ao Pastor Songo logo se afastou dando um passo para trás e de igual modo, as irmãs Branca, Zola, Juditte Nzarete e Aida se sujeitaram. O pastor Songo tirou uns segundos depois voltou a perguntar à irmã Wendy murmurando:
- “As irmãs estão-te aborrecer, irmã Wendy?”
- “Não é nada que eu não tinha ouvido antes, pastor.”

Assim sendo, o pastor Songo, para todos os efeitos, tirou a irmã Wendy do seio das irmãs, assim que atravessavam o portão da igreja Centro Zoé, o pastor foi chamado, com este apelo teve que regressar para dentro da igreja. Desta feita, a irmã Wendy se encontrava fora das instalações do Centro Zoé onde se deparara com o Cubi e a Paula que não estavam a ir-se embora devido à falta da sua presença para aquele efeito da boleia.

- “Miuda, vamos ou não?” A Paula perguntou à Wendy enquanto observava o Cubi fugindo as outras irmãs que lhe davam palpites a fim de levantar uma possível conversa. Mulherengo que era decidiu entrar no seu carro onde ficou esperando.
- “Consulte a tua consciência! Depois saberás que hoje vou com o pastor Songo.”
- “Peço perdão, me tinha totalmente esquecido disso...”

Assim que a irmã Wendy dizia também se retirava voltando lentamente junto do portão com intuito de ir resgatar o pastor Songo. Ela deixou a Paula de boca aberta quando fez um rodopio indicando que “hoje, agarrarei o teu pastor Songo” logo a Paula se rendeu dizendo lhe a uma distância de quatro metros:

- “Estou assistindo o pintor Leonardo da Vinci pintando a Mona Lisa...”

Após ter passado uns minutos, a Paula também se encontrava dentro do carro com o Cubi que recebia via bluetooth do seu carro uma chamada telefonica orienda do seu melhor amigo e também colega de trabalho, o Amaral. Mal o Cubi atendeu, do outro lado, a Paula também recebeu um sms proveniente do telefone da sua melhor amiga Wendy com o teor: “Esta é a terceira vez que te informo a mesma coisa, mas desta vez, vou-te dar uma evidência concreta da referida informação que é um texto escrito: “Estou a namorar o teu pastor Pascoal Pinel Songo, a caminho de uma semana.””:

- “Alô Amaral!”
- “Alô Cubi! Não te vejo aqui no bar e também ninguém do elenco te tem visto no bar há mais de um mês, o que se passa, bro? Olha, bro, há uma farra na sexta-feira na casa do Patrick, é como? Alinhas?” O Amaral perguntava ao Cubi e convidava-o agressivamente com um tom de amigos que amam, de facto, a vida. Antes do Cubi respondeu-lhe olhou a Paula que também o olhou de volta com adicção de abanar a sua cabeça alegando gestualmente “não vai...”:
- “Estou aqui com a Paula...”
- “Estou no viva-voz?”
- “Olha bro, acho que não estou interessado com a farra...”
- “Olá Paula! O Deus está a te cuidar bem?” O Amaral perguntou à Paula na mesma via mas com um tom radicalmente diferente do anterior. Rapidamente, a outra respondeu enquanto colocava o cinto de segurança no carro:
- “Sem motivo de queixa, mano Amaral.”

De outro lado, boas intenções não são suficientes para se obter os resultados, porém a irmã Wendy estava a tentar extrair os

resultados com as boas intenções a partir do teste no qual submeteu o pastor Songo. Em outras palavras, naquela mesma tarde, a irmã Wendy se encontrava entre quatro paredes com o pastor Songo onde mal entraram no tal sítio, a irmã Wendy tirara o seu vestido ficando apenas com lingerie feminina vermelha:

– “Há uma semana que morro de desejo de te namorar...”

Tendo a irmã Wendy dito ao pastor Songo que ainda estava a processar o que estava a acontecer naquele exacto momento. Muito antes que o pastor comentasse ao respeito, a irmã Wendy já tinha-o agarrado, conseqüentemente já estava a beijá-lo com uma intensidade que estimula o prazer final, afinal de conta era o beijo para acender a chama. Na verdade, a fase inicial desse beijo albergou um minuto e trinta segundos onde o pastor não conseguia segurar o corpo da Wendy, pois se encontrava nu. A segunda fase desse beijo envolveu dois minutos e dez segundos onde os dois perderam a cabeça pelo desejo carnal. A terceira fase desse beijo tinha o pastor Songo sem camisa em cima da irmã Wendy que estava deitada em cima da cama do referido pastor. A quarta fase desse beijo ouviu-se uma voz sem fôlego...

– “Wendy, não... não podemos fazer isto...”

O pastor Songo disse parando o bom beijo na quarta fase, imediatamente o pastor saiu de cima da irmã Wendy posteriormente da cama para junto da porta do quarto. De outra parte, a irmã Wendy primitivamente chupou os seus lábios depois mordida um enquanto saía daquela cama olhando directamente nos olhos do pastor, de igual modo, desabotoando com as duas mãos o seu sutiã, enquanto pensando: “prometi a Paula que hoje vou namorar-te.” Também ia ao encontro do pastor. Quando a irmã Wendy chegou junto do pastor os dois primeiros botões do seu sutiã já estavam desabotoados faltando apenas um para abertura total, na mesma instância que ela abria o último botão beijava o pastor com as suas mãos trás das costas.

- “Paremos! Eu não posso-te desonrar, Wendy.”

Tradicionalmente, o pastor Songo ordenou a Wendy, de seguida, disse-lhe suavemente sem ar nos pulmões por conta do segundo beijo na segunda fase, pois os dois estavam novamente na cama. O facto que deixava o pastor emotivamente perdido na realidade conhecida. Com a mesma emoção a irmã Wendy respondeu:

- “Podes continuar... Eu já fui desanrada antes de te conhecer, pastor...”
- “Isto não foi comigo, Wendy. Agora é completamente diferente...” O pastor Songo dizia ao mesmo tempo saía de cima da irmã Wendy para se deitar o canto leste da mesma cama logo a irmã Wendy tomou uns segundos, depois se sujeitava em cima do pastor ao mesmo instante implorava-o amorosamente:
 - “...Mas eu quero...”
 - “Eu te amo, Wendy...”

Presentemente, o pastor Songo disse-lhe após ter recebido um beijo de bate-chapa. A sua frase “eu te amo” tinha destruído o desejo infernal da outra. Seguidamente o pastor Songo completou a sua frase psicologicamente: “...porquê o meu Deus te ama muito, Wendy.” Em contrapartida, uma força motriz lentamente tirou a irmã Wendy em cima do pastor, a mesma força vagorosamente tirou a Wendy da referida cama, a mesma força paulatinamente obrigou a irmã Wendy recolher o seu sutiã e recolocá-lo no corpo, a mesma força calmamente tirava a Wendy daquele quarto e a mesma força demoradamente fez a Wendy dizer antes de sair totalmente daquele quarto:

- “Está bem, é tudo por enquanto... Sinto que te precipitei... Quanto tempo é preciso pra levares uma menina à cama?”

Portanto, antes do pastor vagamente responder pensou: “Tu não és uma menina mas sim, uma mamã pastora, Wendy. Há uma estrela luminosa esfera de plasma desafiada a gravidade e a

pressão de radiação em ti, pena que és a única que não enxerga isto.” Então:

- “Tu és o meu sol ao amanhacer, tu és a minha lua ao escurecer e tu és a estrela visível da terra durante o dia, a tua presença ofusca a luz solar e bloqueia os fenômenos atmosféricos. Tu simplesmente brilhas, Wendy... Tu não és uma menina... Mas uma mamã pastora.”

Depois de alguns minutos, a irmã Wendy se encontrava de pé junto da porta fechada das quatro paredes esperando por pastor Songo abrir e posteriormente acompanhá-la à sua casa, pois por enquanto era tudo para aquele dia em questão.

No sábado da mesma semana no período da tarde, a Paula e o Cubi tinham uma visita a fazer à casa do Amaral ao encontro de conhecer a mulher deste último com o nome de Evina. Então, quando o Cubi chegara à Universidade de Belas a busca da Paula pois esta se encontrava no grupo de estudo encontrou-a fora da universidade acompanhada pelo seu colega de grupo de estudo de nome Eleonor Monteiro.

- “Cheguei cedo antecipadamente ou tarde demais, Paula? Pois vim a correr com a velocidade de leão após ter lido a tua mensagem via telefonica...”

O Cubi disse à Paula que emotivamente estava em desalento e ineloquente ao ponto de não saber, ao certo, o que fazer, mas contudo, ela não falava nada ao colega Eleonor e outrossim o colega Eleonor não lhe dizia absolutamente nada, consequentemente o Cubi perdia o tempo precioso esperando que a Paula entrasse naquele carro. Esta malévola realidade tomou, de facto, um tempo mas finalmente a Paula entrou no carro com um ar de uma pessoa que acabava de abandonar o seu diamante.

- “Podemos ir?”

Tendo perguntado o Cubi á Paula após esta ter entrado no carro, porém a pergunta não foi tida nem achada. Neste clima hostis, a tarde ia-se embora levando consigo a luz solar celeremente. Enquanto o Cubi e a Paula, sem o diálogo, chegavam ao Benfica na residência do seu melhor amiga e colega de trabalho, o Amaral. Mal entraram na residência, o Cubi acenou inicialmente cumprimentando o Amaral que rapidamente entrara na sua casa e de igual modo, o Cubi acenou cumprimentado o grupo dos seus colegas de trabalho encontrado no canto oeste do quintal da referida residência:

– “É de como, Amaral! Olá pessoal!”

A tarde deu a luz a noite com um terrível incidente. Mal os colegas viram o Cubi gritaram de alegria mas um deles teve que fazer diferente dos demais. Este um com o seu copo do fino veio cumprimentar o Cubi fisicamente. Ao mesmo tempo, a Evina, a mulher do Amaral vinha a busca da Paula com desígnio de levá-la à cozinha no sentido de observá-la melhor. Portanto, aconteceu o tal incidente, a Evina puxou a Paula na mão canhota dela logo ao virar o seu calcanha da perna destra pancara uma pedra no solo. Esta pedra andara meio metro, assim que o colega do Cubi chegava junto do Cubi troupeçara na referida pedra, consequentemente o fino do copo do colega tornara na camisola do Cubi:

– “Ouvi falar muito bem de ti por isso devo-te levar à cozinha observar-te pormenorizadamente... Paula.” A Evina afirmou enquanto puxava a Paula à cozinha para tête-à-tête feminino.

Porém, se o colega do Cubi não viesse cumprimentá-lo fisicamente, o Cubi terminaria aquela noite como namorado da Paula, ou melhor, se o colega do Cubi viesse cumprimentá-lo fisicamente como fez e a Evina viesse a buscar da Paula chamando somente o seu nome logo ela teria feito o tal giro com delicadeza, portanto o Cubi terminaria aquela noite como o

namorado da Paula. Em outros termos, se o colega do Cubi viesse cumprimentar o Cubi fisicamente mas a Evina não viesse a busca da Paula para cozinha, o Cubi terminaria aquela noite como namorado da mulher dos seus sonhos. Aliás, se estes dois eventos acontecesse com um mero atraso de um ao outro, o Cubi terminaria a noite como namorado da única mulher que ele realmente ama...

- “O que tu tens, miúda? Tu tiraste do xadre, o melhor mulherengo daquele grupo de gente bebendo lá fora.” Informou a Evina elogiando a Paula enquanto reparava-a de cima a baixo e vice-versa, porém envergonhadamente a Paula respondeu sem poder olhar nos olhos da Evina directamente:
- “Eu não sou namorada dele.”
- “Tu não precisas ser... Diz-me como se eu fosse a tua melhor amiga: o que tu fizeste aquele rapaz o mais giro de todos?”

De modo envergonhado, a Paula mexia a boca porém nada soa dela logo pensou: “Na verdade, nunca lhe fiz absolutamente nada, nem mesmo um beijo de bate-chapa nos lábios, nem um selinho. Tudo que eu sempre desejei-lhe dar é um beijo da testa...” Enquanto, penasava a Paula para responder, uma coisa caía fora do quintal fazendo muito ruído, por isso a Evina fora fora com intuito de acudir a situação. Do mesmo modo, a Paula seguira, logo ela viu o Cubi com uma garrafa de bebida alcoólica na mão, daí, ela sai com passos largos para fora da residência do Amaral.

- “O que estas a fazer... Para onde vais, Paula?” Perguntou o Cubi à Paula gritando a uma distância de aproximadamente sete metros, fora da casa do Cubi. Com isso, a Paula respondeu enquanto voltava lentamente ao Cubi:

- “Era suposto tu me amares incondicionalmente como a tua irmã ou como a tua tutoranda ou como a tua afilhada, mas em vez disso tudo, tu me arrastas ao teu mundo.”
- “Eu não sabia que eles tinham uma festa aqui, hoje. Tudo que o Amaral me disse foi a sua mulher quer conhecerte...” Suavemente e com uma baixa voz disse-lhe o Cubi que fizera, de seguida, uma cara feia indiciando a sua inocência ao caso. Diligentemente, a Paula acusava-o:
- “Eu te vi a pegar bebida alcoólica, Cubi.”
- “Não o bebi, Paula. Eu já não consumo, apenas pegar a garrafa e levei-lho, mais nada...”
- “Porquê tu deves pegar uma coisa que não consumes? Porquê tu deves entregar uma coisa que tu não usas ao outrem, Cubi? Porquê tu deves te divertires com uma coisa que arruinará o outrem? Porquê tu deves tirar o prazer na perdição de outrem?”

Incrivelmente, a Paula perguntava-lhe em princípio de choros parecendo que a garrafa de álcool não fosse o problema principal, mas talvez todo o processo. Lamentavelmente as gotas de lágrimas lhe caíram no rosto, talvez estivesse a chorar o tempo no qual estava a perder com uma pessoa que tinha que ser o seu irmão, talvez estivesse a chorar o colega da universidade que ela estaria, naquele momento, avaliar como um potencial namorado, ao invés de estar meses presa com o seu irmão, presa com o seu mentor, presa com o seu padrinho. Quando o Cubi pensara que o sermão da Paula havia terminado, ela pergunta-lhe com menos intensidade, desta vez, murmurando:

- “Mano Cubi, o que é que nós estamos a fazer? Aonde nós estamos a ir?”

Enquanto, o Cubi interiorizava aquelas perguntas, a sua própria mente completava misteriosamente as perguntas faltantes na colecção de tipo de perguntas da Paula: “O que será de nós? Qual é o exemplo que daremos às futuras gerações? Será com isto sem

nome, estamos a ganhar a pura bênção ou estamos a cavar uma maldição que arrasará a nossa família por um período de cinco gerações?” Portanto, o Cubi ficara agressivo, com agressividade gritava, com a gritaria falava, com a fala, a Paula sentia cada palavra ardente e vital proferida pelo Cubi:

- “Tu pensas que isto é um jogo, Paula? Tu pensas que eu estou a brincar com os teus sentimentos? Tu pensas que eu totalmente gosto estar a te sujeitar no meio disso? Tu pensas que isto tudo é fácil para mim?”

Subitamente, o Cubi parou, o Cubi descansou, o Cubi esperou por si mesmo, e finalmente o Cubi levantara aos céus os seus dois olhos. O que ele viu nos céus, ninguém podia saber mas duvidasse que teria visto o sinal pequenino de Deus devido à alma podre que carregava dentro do seu corpo. Quando finalmente, o Cubi tornara baixar o seu olhar para a mulher dos seus sonhos diante dele, as palavras fluíam fluentemente:

- “Eu tentei, Paula... Mudei outros amores mas eu sempre volto por ti. Eu lutei com o meu próprio “eu” no sentido de te esquecer mas não sou tão forte do que o teu amor... Eu até fui-me embora há anos mas eu sempre tive a tua imagem na minha subconsciência... Esta imagem, Paula, me faz sempre voltar... Já amaldiçoei a razão de me aproximar de ti com a capa do teu irmão, com o disfarce do teu mentor, com a dissimulação do teu padrinho. Só sei que não posso refazer o passado, simplesmente, me encontro cansado de fingir isto, mas se eu levei três anos preparando-me para isto, tu mereces seis anos para engrenar neste paraíso comigo... Se tu me deres a tua mão em casamento, Paula. Prometo amar-te até o meu último segundo na vida.”

De forma amorosa, o Cubi estendeu a sua mão à Paula que se encontrava coberta de lágrimas derramadas no rosto. Sendo que a Paula psicologicamente tinha aceiteado aquele amor nos moldes

proporcionado pelo Cubi, porém o seu corpo não possuía energia bastante, com vista a abraçar aquela mão estendida. Tendo passado um minuto exactamente, a Paula perdera o equilíbrio corporal logo o Cubi abraçou-a e levou-a directamente ao seu carro, no entanto, a Paula retrocedeu da sua decisão psicologicamente aquando do transporte no colo do Cubi que fortemente cheirava o álcool.

- “Paula, há uma linha ténue entre o estranho e o romance...”

O Cubi disse-lhe depois de tê-la instalado no carro na posição do pendoura. Seguidamente voltou à casa do Amaral despedi-los mas enquanto lá ia, a Paula chorava a mentira do cheiro do álcool. Enquanto o Cubi se despedia somente do Amaral juntamente da sua mulher Evina, a Paula limpava as suas lágrimas, com desígnio de contar ao Cubi exactamente, a razão pela qual, ela chorara inicialmente, naquela noite. Entretanto, a Paula não contara porque o Cubi voltara com um colega de trabalho para dar boleia.

Capítulo VIII

–

Desprezo pelas artes e pelas letras

No dia seguinte, que era um domingo, a Paula acordara muitíssimo tarde, por causa disso, não fora á igreja, por consequente o Cubi tinha lá ido sozinho, pese embora julgava encontrar a Paula, lá, uma vez que a mesma não lhe respondia os sms nem atendia as suas chamadas. Sendo que a Paula no seu quarto retraída soube que tinha que criar necessariamente um plano de fuga ao Cubi, por um tempo, por força de três motivos. Sendo o primeiro, o processo que outrara pensara que seria fácil ultrapassar mas na noite anterior quase cedia, o segundo, a sua vontade de estar avaliar o colega da universidade que a quer, e, em contrapartida mais duas colegas dela querem o mesmo colega, enquanto ela vive indisponível por conta do processo do Cubi, e o terceiro, o Cubi, numa mão, lhe oferece um maiorgnífico amor e na outra mão, maquia este mesmo amor com as mentiras.

– “Oi Paula! Está tudo bem contigo?”

- “Oi mana, tudo...” A Paula retorquiu a pergunta da sua mana Elma que afirmou depois voltou a perguntar à Paula que sentava na sua cama:
- “Ontem a noite, entraste em casa até ao teu quarto sem sequer cumprimentar e o pai fez precisamente este reparo. Estás chateada com o papá?”
- “Não... Deveria estar?”
- “Além de te tranacares no quarto, hoje não foste à missa...” Afirmou a Elma, posteriormente entrara totalmente no quarto da Paula junto da banca mexendo as coisas postas nele, prontamente o tom de voz da Paula aumentara com esta pergunta:
- “Porquê é que não fales imediatamente o que te trouxe aqui, mana?!”
- “Não vim falar nada... Apenas queria saber como estavas...” A Elma respondeu-lhe, e rapidamente estava se retirar daquele quarto com intuito de evitar uma possível briga com a sua irmã menor que ela conhecia de cor que não estava nada bem. Antes que a Elma atravessasse à Porta, a Paula disse-lhe com um tom moderado enquanto atravessava a sua cama ao encontro da sua irmã Elma:
- “Perdão mana! Na verdade, eu já não suportou mais aquilo sem nome com o mano Cubi.”
- “Porquê não cancelas, então?”
- “É justamente isto que eu tenho lutado fazer mas sempre que eu trago um conflito no meio disso sem nome, o mano Cubi me faz sentir os seus sentimentos com as palavras”
- “Acho que querias dizer, te faz ouvir...” A Elma corrigiu-a mas a Paula abanava a sua cabeça negativamente com adição da seguinte frase persuasiva:
- “Não mana, me faz senti-las, mesmo literalmente.”

Portanto, as duas meninas se encontravam de pé junto da porta do quarto da Paula se olhando intensamente, como já faziam há anos, logo a Elma segurou a Paula no ombro, seguidamente virou-a às

costas para arrumá-la os cabelos. Enquanto isto durava, a Elma respondia-lhe calmamente sem água na boca:

- “O mano Cubi sempre foi um imundo mulherengo e os mulherengos controlam as suas presas com o olhar, com desprezos ou seja, maltratam a presa para posterior esta implicitamente implora-lhes um apreço, uma atenção, uma consideração, uma deferência, um respeito. E também, às vezes usam o tom diverso da voz aquando da fala... Declaradamente, nunca achei que conseguiria chegar ao 3º mês sem te levar à cama, porque esta força de vontade que o mano Cubi tem irá para água abaixo quando também te baixar a calcinha.”

As palavras agros da Elma, fecharam os olhos e ouvidos da Paula, então o plano de fuga tinha que entrar em vigor com maior pressa possível. Contudo, cada vez que a Paula tentava reviver a noite anterior, o cheiro do álcool do Cubi lhe deixava retraída, em consequência passava muito mal esse domingo.

Outrossim, na mesma tarde, a irmã Wendy e o pastor Songo saiam do Cine Atlântico após ter assistido um filme que não era a “paixão do Cristo” certamente, pois o processo da avaliação livre da irmã Wendy continuava intacta. Postos os dois fora do Cine, o pastor afirmou suavemente:

- “Agora vamos a um restaurante nas proximidades, Wendy. Eu quero comer algo saboroso contigo...”
- “Onde estamos os restaurantes mais próximos são... Restaurante La Vigia - frutos do mar; Pappa dons; Restaurante Vasku's... Restaurante Andy's Broadwa... Sizzling Indiana...”
- “Como é que tu conheces todos estes restaurantes?”
- “Uma longa história mas já comi em todos eles excepto o Restaurante Andy's Broadwa...”

A Wendy fez aquilo parecer que era uma menina bem vivida, com propósito de chamar mais a atenção do pastor pela negativa. Engraçado, ela tinha conseguido o efeito ao pastor. Na verdade, a irmã Wendy indicava inputs ao pastor Songo que ela, de jeito nenhum, podia ser escolhida pelo Deus, uma vez que ela sempre reinou com a palavra do Senhor. Além de mais, havia irmãs que ela pessoalmente conhecia com as qualidades conceituadas da escolha de Deus como uma mamã postora. Todavia, para antecipar qualquer outra dúvida que ainda podia existir na mente do pastor Songo, a irmã Wendy disse-lhe, de forma mata-a-mata:

- “Dava-me muito jeito ir comer hoje no Restaurante Andy's Broadwa mas quero que me leves à nossa casa consumir esta linda saída romântica.”
- “Consumar uma saída?” Perguntou-lhe o pastor, porém, anteriormente tinha tossido de susto. Seriadamente, a Wendy sempre olhando-o nos olhos elucidou-lhe como se fosse uma criança de seis anos:
- “Após uma saída amorosa gostosa, os envoltentes terminam deitados em cima de uma cama... Então, vamos a tua residência... Quero comer outra coisa.”

Naturalmente, o pastor Songo já não tinha mais outra tosse para tossir, apesar do assunto ter a mesma dimensão da tosse anteriormente. Em outras palavras, o pastor Songo não estava a acreditar que acabava de ouvir aquilo proveniente da boca de uma candidata à mamã postora. Portanto, disfarçadamente, ele fez tipo não ouvira aquilo, com isso respondeu-lhe enquanto levantava a sua mão canhota à sua nuca:

- “Wendy, tu escolheste o Cine, agora, é a minha vez de escolher onde comeremos...”
- “Eu não quero ir pois quando eu escolhi não te obriguei, não te levei a força logo eu não quero ir aos teus restaurantes mas me leve à nossa futura casa.”

A irmã Wendy insistiu logo aquilo estava parecer sério demais para ser verdade ao olho de um pastor. Francamente, o pastor Songo pensou enquanto olhava directamente aos olhos da Wendy: “Todos os nós temos um lado escuro, cada um possui uma má voz na subconsciência, logo este lado ou esta voz quer extrair as virtudes implantados em cada um de nós, por isso há que dar a luta toda a nossa vida, quer de dia quer de noite até o último suspiro...” então, o pastor percebeu o teste livre onde tinha sido submetido para o mesmo efeito. Para avariar, ele mudara do ponto sabiamente:

- “Nesse caso, te levo para casa dos teus pais, irmã Wendy.”
- “Nós os dois somos adultos, para cada acto, há uma ou data de consequências. Se me levares à casa dos meus pais consumirei esta saída romântica com um outro rapaz... Essa será a consequência do teu acto, pastor Songo.”

De repente, após a tagarela da Wendy, o pastor Songo transpirou todo o corpo, imediatamente se lembrou que só lhe cabia entregar o momento nas mãos do Senhor, o seu Deus. Enquanto a Wendy olhava-o fixadamente, o pastor novamente pensou após ter feito aquela oração: “Foste escolhida por Ele, por isso nenhum homem na face da terra te roubará de mim... Te levo para casa dos teus pais, em nome Dele...” Sem falar, o pastor Songo segurou a mão direita da Wendy e levou-a para dentro do carro atribuído pela igreja, sem estrépito, o pastor Songo instalou a Wendy no assento do referido carro, sem resmungar, o pastor Songo conduziu o referido carro do Cine à rua do prédio em café, sem conflito, o pastor Songo descia a Wendy no portão da residência dos seus pais. Entretanto com as mãos dadas entravam na residência.

- “Já chequei, podes ir e não me liga porque não vou atender...” Disse-lhe a irmã Wendy após ter estado toda a viagem calada, pois pensara que estava ser levada a um sítio de risos, ao invés disso, foi levada à casa dos pais. Sem estrondo, o pastor Songo respondeu:

- “Quero cumprimentar os teus pais, Wendy.”

Educadamente, o pastor cumprimentou os pais da Wendy, logo os dois foram instalados à mesa do jantar onde o pastor Songo não conseguia se meter de pé, com intuito de ir-se embora. Do outro lado, a irmã Wendy vivia naquela tarde de vai e vem dando olhadas ao pastor sentado à mesa de jantar. A afronta era tão veemente que o pastor Songo penrara pela terceira vez: “porquê não saias da escuridão e vem buscar o que te pertence à luz, mamã pastora Wendy? Eu pessoalmente admiro a tua ousadia em que tu te largas numa realidade sem lei nem ordem...” assim sendo, o pastor atacara o ponto vulnerável da irmã Wendy mas ele expusera sem que ninuém mais lhe ouvisse apenas a Wendy:

- “Eu te amo, Wendy!”
- “Então, porquê não fazes o que eu quero? Por exemplo, agora, quero sentar no teu colo, se eu te pedir vais recusar...”

Disse-lhe a Wendy, após ter sentado na cadeira ao lado do pastor à mesma mesa e lá ficaram até ao fim da tarde. Assim sendo, a irmã Wendy acompanhou o pastor Songo junto do seu carro, postos lá, a Wendy disse-lhe contundentemente mas anteriormente tinha pensado: “mostra-me que tens orgulho de quem és.”:

- “À madrugada da amanhã, quero ir à praia comprar o peixe, então não quero ir sozinha...”

Após o pedido efectuado pela irmã Wendy, o pastor Songo achara que a sua avaliada para mamã pastora queria, de tudo, uma mera boleia para a tal praia até chegar em sua casa onde entendera que se tratava de ir a pé comprar o tal peixe com a companhia da irmã Wendy. De outro lado, no dia seguinte às madrugadas, a Wendy e o pastor Songo desciam à praia para efeito da alocada compra.

- “Perguntas muito, às vezes até demais, mas porquê nunca me perguntaste sobre valores... O dinheiro para renda das nossas vidas no lar?” Disse perguntando o pastor Songo à irmã Wendy que respondeu calmamente como se soubesse que lhe teria perguntado a respectiva pergunta:
- “Valores sempre foram irrelevante pra mim. Cresci numa casa com três, às vezes, duas refeições, então sinceramente sempre esperei ter uma vida conjugal igual da minha mãe, caso casasse um dia. A minha mãe não teve uma empregada doméstica. Muito por contrário, ela sempre foi essa empregada em casa até nós também passarmos a assisti-la. De igual modo, houve um período na minha casa onde a minha mãe vendia para sustentarmos, incluindo o nosso pai, sabes? Graças a este pior período, fomos ensinados a fazer negócios juntamente com a nossa mãe. Nesse caso, se o meu futuro marido não tiver meios suficientes, sei que venderei como tinha feito a minha mãe. A única coisa que quero no lar é a mesmíssima coisa que a minha mãe sempre teve...”
- “O que é isto?”
- “O amor incondicional... O seu homem sempre presente com ou sem dinheiro...”

“Mas não estou a pedir-te isto. Nada de me confundir, pois este amor incondicional carrega o pingão doce da gentileza, acarreta as pegadas da lealdade, transporta as coladas da amizade.” Pensou a Wendy, enquanto concentrava o seu olhar ao pastor Songo que perguntou-lhe, antes de ter desviado o seu olhar, já que se encontravam na via pública:

- “Me encontrou em desalentos, neste instante, Wendy... Estou num impasse, Wendy. Se bebeste toda a tua vida o amor incondicional dos teus pais, porquê crescestes com as insanidades?”

- “Queres dizer crescer louca? Na verdade, não sei ao certo, mas sou a terceira filha, talvez isto seja a resposta que procuras. As terceiras filhas são, em geral livres de responsabilidades, impunes dos seus actos, tudo porque os pais culpam sempre os primeiros e segundos por um acto repugnado efectuado pelo terceiro filho, então sempre respirei alívio contrário dos meus dois primeiros irmãos. Pode ser por isso!” Abertamente, a Wendy respondia a questão embora ter havido uma ligeira pausa aquando do discurso devido à compra dos tais peixes. Só depois em que o pastor concordou plenamente:
- “Faz sentido, de certo modo.”
- “Mas te prometo, se me amares muito depois do Cristo, claro, e me deres os meus beijos todos os dias, terei o comportamento do primeiro filho diante do lar.”

Aquilo foi como uma bomba de água morna à conversa mole entre si, mas o pastor Songo tinha ganho o dia. Assim sendo, ficaram calados até a porta da igreja onde era a residência do pastor. Postos lá, a Wendy parara denotando que lá aconteceria a sua separação temporalmente. Contudo, o pastor Songo contestou a separação, desta forma:

- “Wendy, quero acompanhar-te até a tua casa... Gosto imenso da tua companhia.”
- “Foste a minha busca à minha casa, pastor Songo... De acordo ao meu plano inicial, é aqui que te deixo pois daqui para diante é comigo mesma. Olha, se tu te sujeitares aos meus pedidos neste período do teste, prometo dar-te mais a minha presença...”

Lindamente, rodopiou a Wendy enquanto dizia aquela frase. Depois do rodopio, recuava lentamente com objectivo de ir-se embora. Enquanto ainda recuava, por outro lado, o pastor Songo fê-la parar de recuar com as seguintes palavras:

- “Irmã Wendy, queres o compromisso a sério?”

Nem um som por parte da Wendy, nem mesmo um sinal de “sim” ou de “não” pela sua cabeça, simplesmente nada. Excepto, ela pousou os sacos de peixes recentemente comprados ao solo, de seguida, avançara até um metro perto do pastor Songo. Antes que ela respondesse, o próprio pastor respondeu a sua questão efectuada de forma rápida:

- “Apenas olha nos meus olhos!”

Com o amor a Wendy avançara mais dois passos com intuito de olhar naqueles olhos, com o amor a Wendy tirara uma coisa suja junto de um dos olhos do pastor com desígnio de olhar lindamente naqueles olhos, com o amor a Wendy olhara finalmente naqueles olhos com intenção de ver o lume do compromisso, com o amor a Wendy soltara um mero sorriso inicialmente pois não era os olhos, de quem, ela almejava ter um compromisso. Com isso, ela finalmente respondeu ao pastor Songo, antes de ter ido embora deixando o respectivo pastor plantado de pé sem jeito nenhum:

- “Estás sob efeito de teste... Não tens os olhos, de quem, eu realmente almejo ter o fogo de um compromisso, pastor Pascoal Pinel Songo...”

Capítulo IX

—

As palavras com poucos significados

No quarto mês de encontros de conhecimentos mútuos entre a Paula e o Cubi. Na verdade das verdades, o Cubi não conseguia falar nem ver a Paula desde o sábado na casa do seu amigo Amaral. Em outros termos, há duas semanas que os dois não se via nem conversavam em via nenhuma, pois a Paula andava a fugir o Cubi. Por este motivo, o Cubi foi a sua visita em sua casa.

- “Bom dia, papá! Tudo calmo por aqui?” Cumprimentou o Cubi ao pai Zamani que interessadamente respondeu e em seguida, perguntou-lhe:
- “Bom dia, mano Cubi. Tudo bem... Hoje, não se trabalha?”
- “Irei ao meio-dia, tirei esta manhã para visitar a Paula. Há duas semanas que não a vejo por conta de trabalho...”
- “Ela está lá trás...”

O pai da Paula disse-lhe indicando de igual modo, o sítio onde se encontrava a filha estudando. Mal o Cubi se deparar com a Paula,

o clima estava desfeito. Na certa, o plano de fuga não tinha previsto este movimento, portanto sem ânimo, a Paula se meteu de pé com a cara trancada. Inicialmente, o Cubi cumprimentara-lhe mas ela não chegou de respondeu, então o Cubi disse-lhe suavemente:

- “És dada à leitura, Paula... Sem motivo de te prejudicar mas diz-me porquê sou a última pessoa que queres ver, ouvir, teclar em troca de mensagens digitais?”
- “Tenho muito com que lidar para continuar sujeitar-me neste abismo contigo...” Sem vontade de falar, a Paula respondia ao Cubi. Depois de alguns segundos os dois se olhando tipo querem se comer vivos, o Cubi fez a derradeira pergunta:
- “Então, pretendes dizer que te apetece anular os encontros de conhecimentos mútuos, de vez por todas?”

Naquele momento, a Paula tinha a oportunidade de ouro no sentido de cancelar a ida àquele abismo, pois o Cubi estava preste a fazer a vontade dela, já que o processo estava a prejudicá-la ao invés de apaixoná-la. Entretanto, antes de mais nada, a Paula cometera um simples erro, enquanto se preparava para o seu “sim” o qual cancelaria tudo com o homem que deve ser, de todo custo, o seu irmão, mentor e padrinho, ela olhou o dono de uma silhueta no chão, lamentavelmente era do seu pai acompanhando a tal conversa mole a distância, então ela ficara paralisada, com isso o Cubi lhe exibia o lado oposto do “sim”:

- “Eu teria feito tudo directinho mas fiz tudo contrário, Paula. Eu te teria implorado ficar comigo, eu teria roubado o teu bom coração, eu te teria dito o quanto te preciso, eu te teria abraçado, eu me teria colocado de joelho te pedindo em casamento, Paula, eu teria morrido por ti, Paula. Em vez disso, eu te dei livre árbitro de escolher, em vez disso, eu te libertei, Paula. Em vez disso, eu te esperei. Em vez disso, eu simplesmente não te conquistei...”

Provavelmente, isto foi demais para a Paula, talvez nenhuma palavra dita tivesse um sequer significado para ela, talvez a emoção não fosse meramente a sua praia, mas na verdade, ela sentara com vertigens, por conseqüente abaixara também o seu olhar, logo o Cubi soube que tinha que dar uma amigável pausa. Tendo passado alguns minutos, a Paula se recuperou, mal levantara o seu olhar, o Cubi continuou a exhibir-lhe o lado inverso do “sim”:

- “...mas hoje te digo, eu te preciso como um homem deve precisar uma mulher, eu te preciso como uma flor precisa de água, eu te preciso como um pássaro precisa de assas, Paula. Eu te preciso como o dia precisa da luz, eu te preciso como um bebê rece-nascido precisa da sua respectiva mãe, eu te preciso como uma planta precisa das respectivas raízes, eu te preciso como um pastor necessita de uma bíblia. Paula, eu te preciso como o amor te precisa... Termine os meses que eu cumprirei a minha palavra...”

Novamente, o Cubi parara o seu discurso elusivo, assim sendo, os dois estavam se olhando até a Paula desviar o seu olhar para os seus cadernos. Deste lado, o Cubi continuou esperando o seu “sim” ou “não” face ao envolvimento da Paula nos encontros de conhecimentos mútuos. Prática esta que ele nunca dera à nenhuma rapariga antes na sua má vida. De outro lado, tudo que a mente e o coração da Paula queria fazer era pedir perdão por tudo de mal que se fez ao cabo destas duas últimas semanas, portanto ela respondeu ao favor do perdão ao invés da paixão:

- “Hoje, quando eu estiver a ir à universidade, te darei um sinal, precisarei, do certo modo, da tua boleia e... No sábado, não terei o grupo de estudo... Prometi-te os seis meses...”
- “Por isso é que não peço nada ao Deus...”

Logicamente, o Cubi acabava de receber a sua esperada resposta. Com esta resposta positiva, o Cubi sem se despedir da Paula se retirava do sítio e posteriormente do quintal da residência do pai da Paula. Enquanto, ele ia-se embora a Paula observava com as lágrimas nos olhos, enquanto ele se despedia dos seus pais, a Paula deixava cair as tais lágrimas inconscientemente e enquanto ele atravessava o portão para fora, a Paula se preparava ir enfrentar o seu pai pela primeiríssima vez face à actual situação.

– “Eu não faço nada além de fazer o bem...”

Ao cabo de um minuto e dez segundos, a Paula se encontrava diante do pai com a sua cara trancada, pena que era uma menina bem-educada. Acontece que posta lá, por questão de respeito, ela não podia dizer absolutamente nada contra à cara do seu pai e infelizmente lá ficara de pé até o seu pai se aperceber do caso, daí, o mais velho levou-a a um nível não igual da idade dela, somente com uma simples frase:

– “Não há família sem problema, não há membros familiares sem o sangue a ferver nas suas respectivas veias, mas o laço que partilhamos é, de todo feito, a solução.”

Naquela mesma tarde a Paula não foi à universidade, logo não tinha dado o sinal prometido ao Cubi que também não incomodou, pois descansara toda aquela tarde. A volta das 15 horas, ele finalmente acorda e rapidamente pega o seu telefone devido ao sms da Paula como o sinal, porém o ecrã estava sem sms. Quando digitava o número do telefone da Paula recebera um sms da Paula com o teor: “por uma razão alheia, não fui a faculdade, mas estou-te esperamdo aqui no restaurante Andy's Broadwa para o nosso encontro de conhecimento mútuo.” Sem qualquer sentido, o Cubi não sabia o que fazer, enviar sms, ligar para ela ou simplesmente ir para lá. Então a sua última opção prevaleceu. Assim, depois de vinte e tal minutos ele chegava ao encontro dela fora do restaurante.

- “Olá Paula, como conheceste esse restaurante e porquê o escolheste?” O Cubi saudou depois perguntou, ao mesmo tempo, deixava o seu carro para junto da Paula que se encontrava exactamente em frente do tal restaurante mas a Paula antes de responder amorosamente pensou: “na verdade, passei toda a tarde no colo da Wendy chorando de raiva de ti juntamente com o meu pai.”:
- “A Wendy. Passei toda a tarde em casa dela e me disse que é um restaurante onde ela nunca comera.”
- “Porquê não me foste buscar para virmos juntos?” O Cubi novamente interrogou a Paula, até ao fim da mesma pergunta, os dois estavam preste frente-a-frente. Porém, antes que ela respondesse pensou novamente: “eu não conseguiria trazer-te até aqui. A Wendy é quem me trouxe e também foi ela quem te mandou o sms.”
- “Não foi assim que eu e a Wendy arquitetamos o encontro... A Wendy te gosta muito, sabes! Ela me trouxe aqui depois regressou à sua casa fazer o jantar.”

A Paula dizia-lhe com o olhar em baixo logo o outro não tinha uma boa vista dela, então quando terminara de explicar, ela levantara o seu olhar disparando toda a sua beleza ao Cubi que naturalmente congelou de pé onde se encontrava, pois a Paula tinha sido preparada pela Wendy com todos os ingredientes femininos, componentes fêmeos e constituintes fêmeos, com agravante de um vestido à medida exibindo as curvas corporais dela. Com tudo exposto, ela estendeu-lhe a mão como o Cubi tinha feito na última vez fora da residência do Amaral:

- “Não te preocupes, pagarei a conta.”
- “Não! Não é o certo, o homem deve pagar sempre a conta...”

O Cubi respondia o insulto da Paula segurando a mão dela estendida logo ela puxou a mão do Cubi e passou-a a volta da sua cintura debaixo à altura das suas nádegas, porém mal marcaram

um passo, o Cubi levantou ligeiramente a sua mão das nádegas à cintura. Desse jeito, entravam no restaurante Andy's Broadwa. Entretanto, os insultos da Paula ainda não tinham cessado, apressadamente lançou mais um enquanto sentavam à mesa:

- “Quantas vezes, pediste ao Deus o que está a acontecer-nos, agora?”
- “Não peço nada ao Deus... Paula.” Respondeu-lhe o Cubi envergonhadamente pois ainda não acreditava que estava a ter aquele momento mágico mas, em contrapartida o preparo da Wendy deixara a Paula mais leve e confiante nela mesma no encontro dito de conhecimentos mútuos, por isso, ela estava quase sempre diante do mano Cubi que foi repetidamente submetido a um outro:
- “Porquê não pedes nada ao Deus todo-poderoso, Cubi?”
- “Porque, às vezes, por orgulho sético, pedimos coisas além da nossa sorte.”
- “Pedir além da sorte?”
- “Yeah... O que Deus requeira de nós... Os desejos de Deus não são iguais a dos nossos, Paula. Talvez isto te ajuda... Havia um pastor que conheci. Este pastor não teve outra oportunidade de poder pelo menor escolher um rumo diferente, pois este nasceu, cresceu e viveu na igreja, uma vez que os seus pais, juntamente com os seus tios e tias eram pastores... Até ele se rever conhecia a bíblia de ponta a outra, bem como explicava as lições contidas nela com perfeição... Em suma, todos os pastores eram unânimes em dizer que este tinha o dom da pregação... Com 25 anos, este pastor já era casado com uma jovem a mais linda do mundo e o casal tinha uma filha que o pastor amou depois do Jesus Cristo. Paula, este pastor tinha vida perfeita... Tinha tudo que um homem na face da terra desejava mas... uma coisa faltava a esse pastor... Nunca tinha sentido a Presença de Deus, apesar de tudo que tinha... Uma linda fiel esposa; Uma linda, inteligente e obediente filha; Um

belas casas; Sobretudo, um dom rico de pregação e este pastor pregava tipo andou com o Jesus Cristo. Então, o pastor decide desafiar o Deus... Este pastor decide invocar a Presença de Deus na sua vida, portanto durante um período longo, tudo que pedia ao Deus era um mero desafio para ele sentir a Presença de Deus... Semelhante aos testemunhos dos outros pastores... Com tempo, este pastor tinha 33 anos de idade, logo tudo tinha virado no avesso: perdeu o dom da pregação; perdeu a sua linda esposa que casara com um outro pastor mas... este pastor continuou a pedir o tal desafio ao Deus, Paula. Em seguida, perdeu a sua filha... Ele perdeu a filha com 34 anos até 72 anos já não andava excepto deitado numa cama tendo cuidado dos outros. Todos os pastores rezaram para este pastor nesse período, mas simplesmente, ele não melhorava, especificamente no âmbito psicológico... Com 72 anos, apareceu um pastor que tinha sido o seu melhor amigo aquando da formação de teologia. Curiosamente, os dois duvidavam, às vezes a Presença de Deus, nos certos momentos ou circunstâncias da vida real. Este outro pastor sempre que ia visitar o pastor em questão, nunca rezava para ele, mas faziam conversas longas e profundas, entretanto, nesse dia, este outro pastor não queria conversar, logo os dois ficaram horas só se olhando. Quando se fazia tarde, este outro pastor enquanto arrumava-se para ir-se embora perguntou-lhe: “Tudo em ti já não funcionou, meu caro amigo pastor. Todos os pastores anceituados rezaram por ti mas parece-me que tocaste outras forças deste mundo, a qual, tu entregaste o teu dom e a tua alma? Eu te olho logo vejo a morte mas esta não é do Senhor. Diz-me antes de morrer, qual força maligna te envolveste?” Simplesmente, o pastor deitado na cama não respondia a pergunta, mas engraçado era que ele não ignorara a pergunta parecia que estava a revisar, a reviver toda a sua vida

psicologicamente naquele momento. Enquanto isto durava, o outro pastor já estava arrumado com todos os seus pertencentes. Posteriormente, ia-se embora sem a resposta do amigo, mas quando este chegou a um metro da porta, o nosso pastor finalmente respondeu: “Toquei a força... a maior de todas as forças, Vintim. Invoquei a suprema Presença do maior Senhor de senhores na minha vida... Sabes, eu e tu somos pastores desde nossa infância, no entanto nunca sentíamos a presença de Dele nas nossas vidas, pois... eu finalmente senti. Pedi e vivenciei a Sua Presença...” Naquele momento o outro pastor parara onde estava e voltava junto da cama onde falava o seu melhor amigo: ““Não... Deus é vingativo... Deus é milagre... Deus é onupresente... Eu era victorioso, mesmo assim, pedi uma das batalhas que Deus já tinha vencido por mim e simplesmente perdi as minhas garras quando Deus tirou-me a minha linda e inteligente filha... Eu pedi ao Deus uma coisa que eu sempre tive na minha vida toda...” Em consequência, o outro pastor chorou enquanto ajudava oralmente o seu melhor amigo: “a Presença de Deus!” Porém, o outro deitado na cama continuava: “Durante toda a formação, Ele esteve lá, quando eu falava cada palavra tinha a Presença Dele. Quando visitamos os hospitais para rezamos aos doentes, eu sempre senti a Sua Presença muito antes de começamos a rezar, meu pastor. Quando eu rezava as noites no meu quarto junto da minha ex-esposa sentia a Sua Presença, pois o quarto não ficava escuro mas fazia um breu. Entretanto, eu voltei a pedir o que eu já tinha... Desafiei-O além da minha própria bênção...Enfrentei a minha própria benignidade...” Até aqui o outro pastor se encontrava de joelhos junto da cama. Pela primeira vez nesse período de 34 a 72, o nosso pastor se metera sentado na cama, em seguida pegou com as duas mãos a cabeça do outro pastor, assim continuava a responder: “...quando perdi finalmente a minha filha...

Me matei cinco vezes mas Ele sempre me salvou e na quinta vez, certifiquei que não houvesse ninguém no acto para ninguém me salvar, logo só havia eu e o comboio mas... uma grande luz me tirou bem debaixo do comboio... Sem sombra de dúvida...” O outro pastor gritou embora sempre chorando: “...nesse dia em particular entendi tudo... Percebi apesar da bíblia ensinar-nos os modos de Deus, o caminho de Deus e a verdade de Deus, ainda assim, muitos pastores a nossa volta pedem ao Deus que lhes ensina conhecer os modos de Deus, o caminho e a verdade de Deus... Ensina-me saber andar...” Logo, fez-se um longo brilhante silêncio, o outro pastor se meteu de pé, em seguida, limpou as suas lagrimas no rosto. Enquanto limpava, o nosso pastor voltou se deitar na cama, posteriormente fechou os seus olhos pois não queria ver enquanto o outro ia-se embora, mas este antes de ir-se disse-lhe: “porquê não te descartes desse orgulho mortal, te libertas da tua maior perca que é a tua filha. Pede-lhe perdão por blasfemares, logo Ele te dará anuência de poder morrer, descansando a tua alma...” Sempre de olhos fechados, o nosso pastor respondeu: “não entendeste cada palavra que eu te disse hoje, meu caro pastor.”...

O Cubi parara de contar indiciando que o conto real estava no fim, entretanto o que lhe fez mesmo parar eram as lagrimas nos seus próprios olhos. Por outro lado, a Paula ainda não tinha terminado de ouvir o referido conto, pois havia muitos pontos soltos ao seu ponto de vista. Então, antes do mais nada pensou: “Percebo que não deve-se pedir além do teto de esforço, mas não entendo, porquê ele não pedia perdão ao Deus depois de ter percebido que já tinha a Presença de Deus na sua vida?! E, mais, acabava de perder o desafio posto banalmente ao Deus.” Justamente, por isso, a Paula perguntou-lhe:

– “Como é que tu obtiveste este conto?”

- “O pastor se chamou Chilululo.” O Cubi respondeu depois de ter tomado uns segundos, logo a Paula exclamou clandestinamente:
- “Espera aí, o nome Chilululo não é o teu...?”
- “Sim, o nome familiar da parte materna... O pastor foi o meu tio, Paula. Eu cuidava dele naquela cama.” O Cubi respondeu cortando a palavra a Paula.

Naturalmente, o encontro elusivo de carácter de conhecimento mútuo tinha conhecido um longo silêncio, os dois protagonistas do mesmo se encontravam em condições menos permanentes, pois de uma mão, a Paula rezava a Deus com vista a entrar na mente do Cubi no sentido de entender cada miolo posto nela, porque ela estava ultrapassada, de outro lado, o Cubi apreciava o silêncio, com intuito de conter as suas lágrimas, salvo uma falha as derramaria diante da mulher dos seus sonhos. Talvez fosse sensual sendo um pouco sensível, porém o Cubi preferiu contê-las até a recuperação, afirmou suavemente:

- “Por isso já não peço nada ao Deus, mas agradeço todas as noites antes de dormir e... depois de acordar... pela respiração.”

Outrossim, o pastor Songo estava num momento de cortar a respiração, sob o teste ao qual tinha sido submetido pela irmã Wendy. Teste este que consistia na tentação de uma provável fornicção e/ou de uma possível perdição de juízo completo. De todo o custo, o pastor respirou as referidas tentações sensuais durante todo o mês.

Por outro lado, o restante de dias do quarto mês culminou com a aceitação, o amor, a paixão, a tristeza, a raiva e a história contra o Cubi e a Paula, pois o Cubi teve que trabalhar arduamente no novo banco para as possíveis promoções à função de gerente, desse lado. Já do outro lado, a Paula estava a ter a sua vida de

volta, uma vez que não estava a se preocupar com as saídas com o mano Cubi...

Capítulo X

—

O amor da minha contramão

O quinto mês

Provavelmente não há o bem talvez não há o mal, dado que tudo depende da percepção de quem o vê ou o sente, ora o bem ora o mal é apenas um mero método ao qual as acções são praticadas, entretanto o pastor Songo se encontrava no teste livre da irmã Wendy sem distinguir o bem do mal ao longo do processo, portanto este pastor necessitava urgentemente de uma desintoxicação de encontros amorosos. Em vez disto, o pastor Songo continuava na intoxicação.

Quando o pastor Songo pensara que a irmã Wendy estava calma e compreensiva, ela lhe sentou no colo de costas com desígnio de instruir a sua visibilidade à televisão, mas isto, o pastor suportava, portanto enquanto sentada virava face-a-face com o pastor, de igual modo disse-lhe, no momento posterior beijava o pastor:

— “Deves-me namorar hoje... Quero além do beijo, hoje.”

Ocasionalmente, o pastor Songo não tinha uma fuga possível, uma vez que a irmã Wendy se encontrava sentada no seu colo, de forma frontal com as suas pernas abertas, porém de outro lado, o beijo continuava sempre que ele tentava falar a outra fazia-lhe: “tchiii!”. Com este gesto, os corpos já estavam eloquentemente calorosos logo para a Wendy aquilo estava a acontecer, então ela largou um pouquinho o pastor enquanto tirava a sua blusa imediatamente o pastor viu a oportunidade de escape, assim se procedeu levantando a Wendy, ao mesmo tempo, que ele próprio levantava, subitamente os dois estavam de pé. Em fracção de segundos, a irmã Wendy tinha reiniciado o processo da escala zero.

- “Não lute! Vem!” Ordenou a Wendy logo estavam novamente em beijos.

O beijo diabólico tomara a santidade dos dois, embora a irmã Wendy é que estava no comando. Acidentalmente, o pastor Songo empurrou ligeiramente a irmã Wendy. Enquanto, ela ia em direcção à parede, o pastor se apercebeu que se machucaria logo de forma rápida, o pastor avançara para acudi-la com a sua mão destra. Felizmente a dor das costas tinha sido minimizado e assim o beijo continuou até o pastor pausar para recuperar.

- “A nossa vontade de nos adiantarmos deve ser controlada.” Disse o pastor Songo à irmã Wendy que já gemear de desejos sexuais.

Desta feita, a irmã Wendy já não tinha blusa nem a saia no corpo. Enquanto o pastor Songo recuperava o fôlego, as suas testas estavam postas junto de um à outra, mas os lábios ligeiramente afastados por cinco centrimetros. A mão esquerda do pastor se encontrava no pescoço dela, já a sua mão direita a volta da cintura dela. Por outro lado, a irmã Wendy se encontrava contra a parede com as suas mãos abrindo o fecho da calça do pastor. De repente, o pastor parara tudo quando segurou-a nas duas mãos indicando

a paragem de tudo. Foi então que ela persuasivamente disse ao pastor:

- “Hoje é o meu dia especial, deves-me namorar.”
- “Tu sabes que não podemos porque seria uma fornicação.”
- “Disse aos meus pais que não queria uma festa... Disse à Paula para não me comprar qualquer prenda pois tu, na qualidade do meu namorado, me darias algo mui especial. Não tenho água na boca, se não me namorares hoje, tudo que temos e aquilo que pensamos que temos acaba hoje e agora.” A irmã Wendy insistiu dizendo logo em segundos, o pastor Songo derramou lágrimas rápidas iguais de um vampiro. Mesmo assim, o pastor dissuadiu-a sensivelmente:
- “Sou um pastor, Wendy. Não posso simplesmente te namorar... O pastor não é o meu casaco, mas a minha personalidade. Não posso, de carácter obrigatório, te namorar, enquanto sei que pedirei o perdão ao Deus por este acto.”
- “Nunca te pedi ser um pastor, Songo. Somos adultos e sabemos as consequências dos nossos actos, então não me namoras hoje, acaba-se tudo, mudarei de paróquia e tu não me liguês nem me telefones nem me procures, deste jeito viveremos as consequências das nossas decisões.”
- “Disseste-me que colocaste o Jesus diante das tuas decisões. Wendy, és a escolhida...” O pastor Songo justificava em choros, enquanto a irmã Wendy recolhia as suas peças de roupa no chão e posteriormente vestia-as. Assim sendo, ela respondeu-lhe após ter vestido a sua saia:
- “Vamos pôr isto em prova de três. Tu conheces a expressão: “Apenas magoamos aqueles que amamos.” Magoas-me, Songo!”

- “No mínimo me deixe levar-te para casa, Wendy. Por favor!”
- “Aceito com uma condição... Não me passes nenhuma palavra aquando da trajetória.” Disse-lhe a irmã Wendy após estar todinha arrumada, nesse caso o pastor aceitou o desafio com o sinal da cabeça pois o som das cordais vocais estava encharcado com os choros.

Com a porta aberta, o pastor Songo continuava a chorar, pois conhecia a determinação da sua miúda que já estava farta de fingir ser santa enquanto era, brutalmente atormentada no calar da noite quando o vento sul oferece o frio amoroso àqueles que antes de dormir dão o beijo de “feliz noite” aos seus amores.

- “Permita-me trancar a porta primeir...”

A Wendy simplesmente já não ouvia os sons do nada. Assim sendo, enquanto o pastor Songo trancava a porta da residência, a irmã Wendy já estava na porta de saída do quintal logo o outro teve que correr para empatá-la. Sem nenhuma palavra o pastor Songo ajeitara a irmã Wendy no carro atribuído à igreja, de forma cortês... Sem nenhuma palavra o pastor Songo conduziu aquele carro, de forma prudente... Sem nenhuma palavra a irmã Wendy não olhou sequer uma única vez ao pastor Songo de forma precisa... Sem nenhuma palavra o pastor Songo rezou mentalmente que o Escolhidor lhe desse somente um sinal, nem que fosse o derradeiro... Sem nenhuma palavra o pastor Songo estacionou o carro na paragem da irmã Wendy que curiosamente seria, de igual modo, a paragem final do seu namoro ou aquilo que os dois estavam tendo... Sem nenhuma palavra a irmã Wendy abriu a porta do carro, de forma muitíssimo rápida... Sem nenhuma palavra o pastor Songo observou a irmã Wendy descendo do carro, de forma súbita. Entretanto antes da irmã Wendy fechar a porta do carro trás dela, afirmou, em seguida fechara a tal porta e se fora embora:

- “Dois meses, quinze dias e dezoito horas, te seduzindo à fornicação... Dois meses, quinze dias e dezoito horas, te testando carnalmente... Dois meses, quinze dias, dezoito horas e vinte minutos, te provando psicologicamente... Agora, sei que não fui escolhida por ti... Se tiveres disponibilidade podes vir pedir aos meus pais a minha mão em casamento amanhã, pois o meu dia especial é amanhã. Faça anos amanhã e não hoje.”

O carro estacionado instruía a entrada de outros carros à rua da Wendy. Após a ida da Wendy, o pastor Songo ficara hipnotizado, sobriamente não conseguia arrancar o seu carro fazendo, em segundos, um longo engarrafamento, com isto, todos os outros carros abuzinavam mas o pastor já não era pessoa. Impacientemente, um condutor teve que lhe tirar do seu carro e futuramente este conduziu avançando avante ligeiramente o carro do pastor. Tendo passado minutos depois, o pastor voltou a entrar no carro sentar, mas lá ficou por um período de duas horas chorando.

- “O amor exige sempre uma soma de sacrifícios... Sempre foi assim mas o meu Deus é o amor.” Monologou o pastor Songo após duas horas de choro intenso, só depois é que arrancara o carro.

Principalmente, não se sabe ao certo de que o pastor Songo chorou durante aquele período, provavelmente chorava a sua victoria quase derrota, ou melhor, chorava porque a escolhida por Deus acabava de perceber que era, de facto a “escolhida”, porém, tudo que se sabe é que o pastor Songo rezou ao Deus nesta noite em choros.

De lado oposto, mal a irmã Wendy entrara no seu quarto ajoelhou rezando no sentido de agradecer ao Deus por lhe ter protegido com a sua actual passagem bíblica. Assim que ela terminara de agradecer teceu um sms à Paula com o teor: “Olha miúda, já activei o namoro com o pastor Songo e não te esqueças da minha

prenda, amanhã.” Muito antes que a Paula respondesse o sms a Wendy monologou enquanto se deitava na sua cama:

- “Porquanto nada é impossível à presença de Deus... Jesus do céu!”

“Está bem, não tencionava esquecer o teu dia e pensei que já estavas a namorar o pastor há meses. Olha, acabamos de entrar no teu restaurante preferido La Vigia - frutos do mar, eu e o mano Cubi... Me preparei de novo como me tinha preparado no mês passado.” Desse jeito, foi a resposta da Paula, pela mesma via. Portanto, o teor foi novidade para a Wendy que rapidamente mandara um outro: “Achei que a essa altura estarias na escola, miúda. Há qualquer problema?” Logo a Paula responde enquanto o Cubi puxava-lhe a cadeira para sentar: “Não há nada de mal, lembrás que acabo de ter uma pausa escolar e ele não me vê há quase um mês devido ao trabalho dele.”

Antes, durante e depois de ter sentados nas cadeiras à mesa do restaurante La Vigia - frutos do mar, a Paula olhava ao pessoal a sua volta parecendo que procurava por qualquer coisa ou mesmo uma pessoa, o facto que seria uma impossibilidade reconhecer alguém lá, mas mesmo assim, o seu parceiro da mesa não fazia caso. Continuamente, ela estava no processo depois se apercebeu que o seu parceiro olhava intensamente para ela, então ela pergunta-lhe:

- “Porquê me olhas assim, Cubi? Há qualquer coisa que devo tirar na minha cara.
- “És minha Cleópatra, Paula.”
- “Cleópatra? Devo conhecer?”
- “A Cleópatra foi a rainha a mais bela do mundo.”
- “Foi uma rainha...”
- “Uma rapariga deve brilhar no encontro. Justamente por isso, te olho desse jeito.

Presentemente, a Paula e o Cubi se olhavam intensamente e continuamente. Uma parte da Paula naquele olhar percebera que já não era uma criança, pois um homem diante dela estava a olhar feito uma comida, por consequente esta parte dela pensou: “Ele me olha como se estivesse a ver uma rainha, sempre que os nossos corpos se tocam me sinto em casa. Eu podia viver só deste olhar sem sequer pedir uma flor cada mês, pois este teu olhar é muito melhor do que croissant, do que chocolate duplo... Este olhar... Por favor não me dê esses olhos seus...” Antes que a outra parte dela subisse à tona para cancelar o momento mágico, ela perguntou-lhe apaixonadamente:

- “Suponhamos que estamos a namorar, cadê a química que de tanto se fala?”

O momento mágico tinha sido tomado pelo um silêncio ostensivo, portanto o Cubi preferia continuar a obter o mesmo momento no qual a Paula o olhava de voltar como um potencial namorado do que estragá-lo com um dos tipos de químicas amorosas que os dois partilham. Entretanto o problema do Cubi foi a outra achar que os dois não tinham nenhuma química, por isso ele foi obrigado a tagarelar e quando o fez trouxe uma história real vivida:

- “Havia uma jovem com nome de Vilhena, esta jovem morava apenas com a sua mãe numa residência familiar onde quase metade da sua família também lá vivia. Com muito sacrifício por parte ora da mãe ora da jovem, esta jovem acabava de entrar no ensino médio. Porém, acontece que as primas se engravidavam antes do casamento, bem como antes da 12^a classe. Por esta razão, a mãe da jovem teve, de facto medo que o mesmo acontecesse com a sua filha, logo a mãe da jovem propôs colocar o chip na jovem Vilhena, com intuito de preveni-la... Todavia, a jovem faz entender a sua mãe que a colocação do chip significava dizer que ela podia fazer as

relações sexuais a vontade, porque a preocupação era ela não se engravidar enquanto para ela, era inicialmente proibido fazer o sexo antes do casamento, então a gravidez seria a segunda preocupação. No final de tudo, a jovem prometeu não namorar nenhum rapaz até terminar o ensino médio... Ao cabo dos 4 anos do ensino médio, a jovem prometeu os pretendentes que apenas namoraria no fim do ensino médio e este juramento, ela fez a uma pessoa que tanto sacrificou-se por ela. Infelizmente 5 pretendentes foram, de facto, pacientes e doravante esperaram por ela. Porquanto, a jovem Vilhena ao longo dos 4 anos saiu com o 2º rapaz; Beijou o 1º rapaz, a quem prometeu em choros namorar após o ensino médio; Gostava de conversar com o 5º rapaz; Desejava ficar ou casar com o 4º rapaz; Desejava o sexo com o 3º rapaz ou seja sempre que pensara fazer o sexo, o 3º era o seu preferido para o efeito... Como o tempo não é amigo de ninguém, os 4 anos se passaram, a jovem Vilhena era finalista do ensino médio e na sua festa de finalista, ela tinha que apresentar à sua mãe o seu recente namorado. Em outras palavras, ela tinha que escolher um dos 5 pretendentes para começar a namorar, naquele instante em diante. Pese embora ter criado recordações com os 5 rapazes, bem como feito a colecção de memórias com cada um dos 5 rapazes. Sem que os polos se atraem. Entretanto, a jovem duramente não conseguia escolher um dos 5 rapazes com quem esteve a alimentar a mera esperança de namorar, após o ensino médio. Infelizmente os 5 rapazes tinham sido convidados pela mãe à uma sala fechada para efeito da concertação, curiosamente os 5 rapazes sentaram pela ordem crescentes inconscientemente. Assim sendo, a mãe da jovem tomou a palavra: “A minha filha deu a esperança a todos vocês ao fim destes últimos 4 anos e agora, ela não consegue escolher um de vocês para namorar, então tomei a ousadia

de chamar-vos para este concerto. Antes que qualquer coisa errada nos aconteça. Como resolvemos este desafio?” O 3º rapaz respondeu: “Podíamos amarrar-lhe um pano nos olhos, a seguir nos escolher às cegas.” Logo o 1º rapaz discordou dizendo: “Isto me parece uma data de tretas. A escolha a cega não há bravura nisso, já que somos homens aqui, portanto acho que ela merece o mais forte.” Já que ele era o mais forte no recinto. Nesta ordem de ideias, o 2º tomara a palavra enquanto a jovem Vilhena já chorava: “Eu acho que apesar da Vilhena ser incapaz de escolher entre nós mas no final de tudo só compete-lhe decidir, por este motivo proponho a “química amorosa”, com quem ela tem esta química, esta faísca, esta abanão amorosa.” Parecia a solução para o enigma, mas ela respondeu alegando que tinha, de uma certa forma química com cada um deles por isso, o 4º rapaz perguntou-lhe directamente: “Diz-nos cada tipo de química que sentes por cada um de nós.” Foi então que ela elucidava fluentemente com um olhar sonâmbulo: “De ordem crescente, por 1º rapaz, sinto o frio na barriga quando te vejo; por 2º rapaz te imagino em contos de fadas, portanto tenho muito desejo estar em beijos contigo; por 3º rapaz, detenho a vontade de estar em cima de uma cama contigo. Quando tenho desejos sexuais, é em ti que penso; por 4º rapaz, sonho sempre estar em casa e ao mesmo tempo a flutuar nas nuvens contigo, porquanto sempre que penso em casamento é a tua face que vejo; e já por 5º rapaz, sinto-me a melhor amiga e sempre contigo que gosto de contar tudo sem receio. Em suma, a conversar é contigo.” Naturalmente cada rapaz sabia o quanto significava para a jovem atraente Vilhena. De repente, todos os rapazes estavam de pé... Isto foi incrível, o 1º rapaz socou o 5º rapaz debaixo do ventre, logo o 5º se encontrava no chão tossindo, o 3º rapaz foi diante da jovem e disse-lhe: “Querida tanto ser o teu melhor amigo... Vai levantá-lo pois

ele é o melhor homem entre nós.” Assim, todos os rapazes se foram embora e a jovem foi levantar o 5º rapaz, o seu melhor amigo... Enquanto levantava o 5º rapaz, a jovem soube que será muito fácil casar-se com o seu melhor amigo do que com os outros... A 5ª foi a melhor química...”

Sem sombra de dúvida, este tinha sido o melhor encontro de conhecimento mútuo por parte da Paula, pois tinha sido o primeiro no qual ela se via de uma mulher e não de irmã, tutoranda ou afilhada do Cubi do que nos outros anteriores encontros. Pena que ela não chegara de distinguir a provável química amorosa entre si, já que era uma coisa que ela tinha que colocar inicialmente a sua mente. Para avariar, houve diversos momentos mágicos nesse encontro, mas o beijo que é bom não chegou de rolar.

Capítulo XI

—

O poeta sem a caneta

O que o mundo definiu como o bom, tem outrossim um curto período de existência, assim que a Paula entrava no quintal da sua residência deparara com um clima meio pesado, pois havia almas a mais no recinto. Estas almas eram seus membros familiares, os mais pesados em matéria de decisão familiar. De imediatos um dos setes tios presentes convidou-a a sentar, uma vez que o tópico da sentada era a sua formação.

- “Paula, ainda bem que acabas de chegar. Estamos aqui explicando ao seu pai que embora o miúdo seja tido como um dos membros da família, ele não tem nenhum direito de pagar-te as propinas escolares...” Um dos tios da parte da mãe da Paula falava até ser interrompido pelo um dos tios da parte do pai que simplesmente reforçou:
- “A sua real intenção é passar a te namorar... Ele pagará a propina na segunda-feira e no sábado te namorará, isto para muitos é uma prostituição colectiva onde todos os teus tios e o teu pai estão envolvidos.”

- “O teu pai está aqui ouvindo nos, vais cancelar tudo com este jovem Cubi... Doravante nós os teus tios continuaremos a pagar as suas propinas até terminares os anos que faltam. Estás a ouvir, Paula?”
- “Sim tio, ainda amanhã falarei com ele.” Respondeu-lhes a Paula que durante a referida sentada, o seu pai Zamani e o seu irmão Santiago não olhavam para ela. Assim sendo, a sentada familiar teve mais assuntos a tratar.

A favor da sanidade, uma parte da Paula estava tão contente com a postura dos seus tios face a essa questão porque ela estava metida nisso por dois grandes motivos. Sendo um dos motivos, o respeito pelo papá e naquela noite os tios simplesmente removeram o obstáculo diante dela. Já o outro motivo é o respeito por parte do Cubi para com ela, diferente dos outros padrinhos.

Com base a essa respeito, a Paula fora de manhã do dia seguinte ter com o Cubi em sua casa. Com vista a ter aquilo que será a sua última conversa para todos os efeitos. Enquanto, ela chegava na casa do Cubi pensava alto: “Finalmente ficarei livre das saídas redículas com o mano Cubi, muito obrigada, meu Deus.”

- “Entre, Paula! A porta está aberta.” Ordenou o Cubi à Paula que de forma rápida se fez entrar na casa do Cubi. Assim que ela cumprimentava:
- “Bom dia, mano Cubi.”
- “Como disseste que estavas a vir aqui em casa, te fiz o pequeno-almoço...”
- “Na verdade, ainda não comi mas também não tenho fome nem vontade de comer, mano Cubi... É melhor irmos directo ao assunto. Ontem, os meus tios estavam lá em casa, acho que o meu irmão mais velho deve ter-lhes informado sobre tudo, então concluíram que devo parar de ter estes encontros contigo, de vez e também por tua vez, deves parar de pagar as minhas propinas porque segundos eles, só estás a pagá-las em troca de namoro...”

Após a Paula ter dito aquilo, o Cubi perdera o seu ânimo, pois todo um bom progresso tido no dia anterior naquele encontro estava águas abaixo. Inicialmente, ele sentara para gerir a recepção das informações pejorativas naquele instante. Enquanto ele geria-as a Paula ainda tinha as informações das mesmas envergaduras para coincidir:

- “Os meus tios também se ofereceram para passar a pagar as minhas propinas, doravante.”

O conteúdo desta frase acordara o Cubi, pois quer o Cubi quer a Paula sabiam que os tios da Paula não pagariam a sua formação. Se fosse caso disso, eles já estariam a pagar há meses. “O que está a acontecer aqui? Eu até entendo os seus tios, por orgulho, teriam dito tudo e mais uma coisa mas o que não chego de entender é a própria menina se mentindo.” Pensou o Cubi enquanto isto, enfatizava, ao mesmo tempo, se metia de pé:

- “Ambos nós sabemos que os teus tios não pagarão a tua faculdade, Paula. Daqui a seis meses ficarás cheia de mensalidades em atraso... Então, estou a pagar essa formação para te dormir, segundo os teus tios... Menos me importa o que os teus tios e pais pensam, Paula. Tudo que eu preciso é o que tu pansas em torno disto, bem como o que tu queres. O que tu queres, Paula?”
- “Os meus tios pensam que estás a pagar as minhas propinas para me namorar... Pese embora és como se fosse da família, eles acham que não podes-me pagar a formação e também têm a certeza que só queres pagar a minha Universidade para passares a me namorar... Até te aborreceres, Cubi. Engraçado, eu também concordo com eles... Mais, eu e tu já tentamos varias vezes nos beijar, mas não conseguimos. Os nossos corpos se rejeitam simplesmente... Acho sinceramente que eu e tu não vai sair, contudo, quero que os meus tios estão-me oferecendo, Cubi.

Tendo a Paula dito aquilo para a derrota final do Cubi que ainda tinha a esperança de ter feito qualquer coisa no coração daquela miúda neste período de cinco meses de encontros de conhecimentos mútuos, porém estava enganado. Para ele não perder a batalha a cem por cento, diz à Paula de forma cortês:

- “Paula, nós nunca nos beijamos pois te quis de livre vontade, te quis sem magias, sem truques, sem esquemas. Tu és mulher da minha vida, por esta razão, não quis roubar-te um simples beijo, pois eu anelo casar-te, por esta razão, não quis roubar-te o teu coração pois eu almejo ir ao paraíso contigo... Está bem, queres o que os teus tios estão dar-te. Façamos o seguinte, antes que te deixo em paz, vamos à tua faculdade onde pagarei toda a tua formação.”

Aquilo estava dito, de uma mão, o Cubi pensou: “Vamos a tua universidade pagar isto mas apenas tens o período da trajetória para recuares, Paula. Caso eu pague, tudo entre nós acabará de vez por todas.” De outra mão, a Paula pensou: “Estás a fazer bluff... Os meus tios disseram que a única razão de estares a pagar isto é de me namorar. Como é que pagarás se já não terás a chance de me namorar. Portanto, isto é um bluff, Cubi.”

Cada um manteve o seu penoso pensamento, sendo que o Cubi levou a Paula para dentro do seu carro com o destino Universidade de Belas. Instalados no carro, o Cubi: “Paula, apenas tens a trajetória para recuar da tua ideia.” E já a Paula: “Convencida que esta trajetória sofrerá uma mudança no respectivo curso mais cedo ou mais tarde, mas pagar, nunca aconteceu.” Deste modo, iam sem o diálogo nem mesmo, uma conversa mole. Enquanto entravam a sua universidade a pé, a Paula continuou a achar que era o “bluff” já o Cubi: “agora, só me falta pagar... Recua, Paula!”. Para a desgraça dos dois, o Cubi pagou todos os anos e uns possíveis recursos que a outra pudesse ter no futuro.

- “Achei que era um “bluff”, Cubi.” Disse-lhe a Paula derramando umas gotas de lágrimas cruas. A seguir, o Cubi se dirigia ao pátio e ao mesmo tempo respondia:
- “Eu? Paula. Adoptando a atitude que tem como finalidade ludibriar a única mulher que amo na terra, Paula? Eu fazendo realidade, batota, logro ou fingimento contra a mulher dos meus sonhos?”
- “Os meus...”
- “Paula, eu respiro sob um único princípio. Sempre vivi debaixo deste princípio, Paula... “Tu não vês o diabo até este vir ter contigo,” então toda a minha vida, fugi estes olhos do diabo. Comportei-me na medida de não ver nunca estes olhos assim me guardei na luz ao invés das trevas, mas por ti enfrentei estes olhos, Paula. Por ti deixei de consumir álcool, por ti deixei de dormir com as mulheres distintas cada sexta-feira a noite. Por ti abandonei de fumar cigarros e liamba. Por ti fui à igreja... Por ti deixei de roubar valores dos outros nas contas bancárias. Por ti enfrentei tudo, Paula.”

De forma sábia, o Cubi dera uma pausa no sentido de acalmar os ânimos, uma vez que o momento era o mais quente de sempre. De igual período, entregava o recibo do pagamento à Paula que forçadamente mexia os seus lábios, no entanto nenhuma palavra soava pois não sabia a personagem a conquistar porque eram duas personagens na pessoa do Cubi. Sendo um, o seu pior mentor dos cinco tidos, outro, o pretendente para um namoro condenado nos olhos de muitos. Contudo, quando ela erguia novamente a sua cabeça, o Cubi rompia aquilo sem nome com poder das palavras:

- “Paula, não sabes o mínimo... Não fazes a mínima ideia quem és para comigo. Vai estudar! Termine a tua Universidade... Eu não te incomodo mais.”
- “Tu fazes o que os meus tios nunca fizeram. Pensei que estavas a fazer o bluff.”

- “A ignorância não é a mesma coisa que a inocência, Paula. Quando conseguires ver-te no espelho, eu estarei onde quer que esteja esperando por ti.”

Sem mais nem menos, o Cubi deixava a Paula no meio daquele pátio sem sequer saber se a miúda tinha valores para pagar um táxi de volta. Aliás, a Paula nem conseguiu permanecer de pé observando o tudo menos namorado indo embora por vinte e dois segundos, pois a dor debaixo do ventre lhe deixara de joelho. A dor proveniente de sentidos de inocência, inculpabilidade, credulidade, simplicidade, candura e ingenuidade.

De outro lado, no dia seguinte, um domingo solar, o pastor Songo estava sendo apresentado com a irmã Wendy como recentes noivos perante a igreja. Em outras palavras, o pastor Songo estava a dar a sua vida para salvar o mundo sem que ninguém soubesse o motivo da sua morte. Após o culto, o pastor Songo e a futura mamã pastora Wendy.

- “Não vi as tuas amigas a te dar os parabéns, Wendy.” Afirmou o pastor Songo à irmã Wendy que respondeu murmurando:
- “Porquê achas que pararam de te atacar com as respectivas saias curtas? Ela já me deram esses parabéns há dois meses e muitas me tinham dado os parabéns antes de vires falar comigo... Quando duvidei, me disseram que sempre tiveste olhos em mim.”
- “Devem ter os olhos clínicos... Olha, te inscrevi no curso intensivo de cabeleiro que a igreja sede Metanoia vai ministrar daqui a alguns meses. O curso é exclusivo às mamãs pastoras.” Informou-lhe o pastor Songo mas anteriormente tinha segurado a mão destra da irmã Wendy que parara de andar e levantara o seu pescoço orgulhosamente. Em seguida, respondeu-lhe confusamente:

- “Realmente, não ligo o curso de cabeleiro com uma mamã pastora... Talvez eu perceba nos encontros que estarei a ter com as mamãs pastoras.”
- “Quatro pastores me disseram que serás uma excelente mamã pastora, Isabel Wendy Moabe... Ouve, quero passar o resto da tarde contigo.”
- “Eu também gostaria muito, mas vou agora à casa da irmã Paula pois ela se encontra psicologicamente em baixo, isto é... É uma longa história... Se não fosse essa nossa apresentação oficial, eu não viria à igreja.”

Tendo passado exactamente uma semana, a irmã Wendy estava, de facto a ser uma excelente mamã pastora para os agradecimentos do pastor Songo. Por outra, a Paula estava, na verdade de pé após a recaída da postura do mano Cubi, porém desde o pagamento na universidade, ela não conseguia ver nem falar com o Cubi por nenhuma via, curiosamente. Todavia, na segunda-feira de manhã, o Amaral visitou a Paula em sua casa.

- “Oi Paula, eis a carta do Cubi... Ele me tinha dito que apenas te entregaria essa carta, caso ele deixasse o Luanda para um lugar muito distante daqui. Para onde foi, nem eu sei.” O Amaral tristemente informou à Paula, enquanto lhe entregava a alocada carta selada. Por outra, a Paula perguntou-lhe muito baixo:
- “Ele estava bem quando te entregou essa carta?”
- “Define o “bem”, Paula. Nos últimos seis meses, eu já não reconhecia o meu melhor amigo. Em consequência, tudo que ele me disse nestes últimos dias tristes dele era palavra por palavra... Sinceramente, não entendia-o logo se foi embora.”

Sem se despedir a Paula entrara rapidamente no quintal deixando o Amaral sozinho fora na rua pública. Aposta-se que ela sentara com as costas contra o portão, posteriormente chorara pois no mínimo podia ter o Cubi como o seu irmão, ou como o seu mentor

de longa data ou como o seu padrinho do natal. Em troca, afugentou-o para bem longe de Luanda.

Portanto, a Paula se meteu de pé, logo se dirigiu ao seu quarto, com intuito de ler o teor da carta enviado pelo Cubi. Mal lá chegou removeu o selo da referida carta, porém a folha por dentro estava totalmente em branca, sem nenhuma informação. Duvidando, a Paula tentou lê-la contra luz, a favor da luz, acima da vela, não havia nenhum teor na carta.

Entretanto, a carta tinha sido escrita com uma caneta sem tinta e enquanto da escrita o teor na mente do Cubi era: “Os nossos lamentos se tornaram os nossos sons, os sons se tornaram as nossas palavras, as nossas palavras se tornaram as nossas frases, as nossas frases se tornaram os nossos parágrafos, os nossos parágrafos se tornaram as nossas canções, as nossas canções se tornaram as promessas, as nossas promessas se tornaram os compromissos, os compromissos se tornaram as nossas orações, as nossas orações se tornaram os nossos sentimentos e os nossos sentimentos se tornaram o nosso amor. Com esse amor te teço esta carta usando o braço de um poeta com uma caneta sem tinta.”

- “O que escreveste nessa carta, Cubi? E se não escreveste nada, esta vazia carta quer dizer o quê?” Monologou a Paula no seu quarto com uma singular gota no olho esquerdo. Naturalmente, a única resposta que ela obtinha mentamente era: “Nunca te conquistei e continueu a não te conquistar, apesar dos pesares.”

Um mês depois

Presentemente, a irmã Wendy dedicada com a sua aprendizagem das tarefas e responsabilidades afectas a uma mamã pastora. Infelizmente, nessas caminhadas em coordenação com o segundo pastor Kiese, a irmã Wendy descobriu um documento oficial em que espelhava um período no qual o pastor Songo tinha que encontrar a sua noiva. Com isso, ela se passou pois ela não podia

ser a escolhida por Deus, enquanto o pastor Songo tinha um prazo a cumprir.

- “Vim-te parabenizar pelo triunfo, pastor!”

Inconfortavelmente, a irmã Wendy disse ao pastor Songo, após ter ficado a sua espera na porta da igreja onde o pastor Songo presidia a reunião com coristas da mesma igreja. Perdidamente, ele perguntava-lhe enquanto recebia o tal documento oficial com selo e carimbo da igreja sede:

- “Que triunfo? De quê...”
- “Tinhas um prazo de entregar o nome da tua noiva à paróquia central.”
- “Sim, tinha um período para efeito.” Respondeu-lhe o pastor Songo que não conseguia ler o tal documento, por conta da miúda diante dele. A seguir, ela insistiu misteriosamente para a desgraça do pastor que sentia cada segundo a noiva um passo distante do seu amor:
- “Caso contrário, deixarias de exercer a prática de dotes pastorais.”
- “Sim, é um princípio, Wendy.”
- “Pensei que tu tinhas-me dito que eu podia levar o tempo que me apetecesse antes de aceitar ser a tua noiva, Songo. Fizeste-me achar que tinha sido escolhida por Ele... O Deus podia ter-te dado uma mamã pastora aleijada, pastor.... Deus podia glorificar o Seu nome te indicando uma mamã pastora cega, pastor... Deus podia manifestar o Seu grande amor te oferecendo uma mamã pastora, a irmã do último banco... a irmã a mais triste de todas paróquias, pastor... Quem é que me escolheu, pastor Pascoal Pinel Songo?”

Envergonhadamente, o pastor Songo baixou o seu olhar e este olhar fixou apenas o papel trazido pela irmã Wendy que se encontrava quão triste com o seu noivado naquele exacto

momento. Por outra, o pastor Songo não tinha uma sequer resposta a dar à irmã diante dele, dado que a resposta com teor de nome de Deus seria categoricamente uma mera mentira e a resposta com o teor da sua própria escolha romperia com o tal noivado, sob pena dele ser afastado na liderança da igreja que arduamente trabalhou. Portanto o seu silêncio respondia por ele. Por contra, a Wendy lhe confirmou antes de se ir embora:

- “Bem que pensei nisso, pastor!”

Dois dias depois, a irmã Wendy aceita se encontrar cara-a-cara com o pastor Songo em frente do seu portão para uma curta palra conforme solicitado pelo próprio pastor. Entretanto, antes que a irmã Wendy saísse fora do seu quintal tinha feito uma longa oração colocando-O em frente da sua boca, caso contrário, ela ofenderia o bom pastor. Sem mais demora, a irmã Wendy e o pastor Songo cara-a-cara.

- “Oi irmã Wendy! Vim para conversamos...” O pastor Songo cumprimentou dizendo humildemente à Wendy que humildosamente perguntou-lhe depois confirmou o rompimento do noivado:
- “Pastor, trouxe o Deus ou vieste sozinho? Olha, ambos sabemos quem me escolheu...”
- “Eu te disse quem te escolheu...” Disse-lhe o pastor Songo, imediatamente a irmã Wendy soltou um sorriso sinistro ligeiro, em seguida elucidou ao pastor com um timbre agudo na voz:
- “Pastor, não quero gritar, muito menos te ofender. Durante aquele processo de meses, te disse que eramos adultos, Songo. Eu te abria excepção com vista a me contar a verdade da escolha, mas tu mantiveste a tua postura, então volto lembrar-te que somos adultos e para tal vamos nos comportar. Escolhe outra irmã e continue com os teus caprichos. Mais, eu aprendi mesmo muito nestes meses pertinho de ti, incluindo os assuntos da paróquia logo

continuarei no meu canto, caso não queira a minha presença lá na igreja, eu mudarei de paróquia.”

- “Isto pode carregar consequências, Wendy... Eu ainda não...”
- “Somos adultos para enfrentar essas consequências. Foste tu que me ensinaste isto... Toda a vida fui inconsequente... A irmã Paula, essa irmã Paula com a cara angélica, me levantou à honra ao Deus... Rezou para eu levantar... Pastor Songo. Tu não vais voltar-me ao mundo mundano de novo... Tu não vais baixar-me de novo, tu não vais conduzir-me às trevas de novo, porque eu já coloquei-O em frente de tudo.”

O pastor Songo sem argumentos mas comovido pela dor da irmã Wendy derramou duas lindas lágrimas porque arduamente ele luta para obter a imagem oposta de um monstro vestido de casaco de um pastor, de um demónio encarnado da pele pastoria. Todavia, enquanto o pastor Songo recebia de volta o seu anel de noivado sendo entregue pela irmã Wendy também ouvia as passagens:

- “Mateus 24:5... Marcos 13:6... Marcos 5:9...”

Pena que o pastor Songo era, na verdade, bem treinado em matérias bíblicas, no entanto naquele momento a sua invejável mente não podia ajudá-lo devido ao choque da actual desunião. Com agravante de pensar no que a igreja falará, pensar na perda de tudo pelo qual ganhou, então a sua mente tinha que reflectir em três coisas ao mesmo tempo, portanto inconscientemente monologava, pois a irmã Wendy já tinha entrado na sua casa:

- “...“Porque muitos virão em Meu nome, dizendo: Eu sou o Cristo e enganarão a muitos.”...”

De repente, as lágrimas cruas do pastor Songo tinham se intensificados, com o choro, ele ganhara vontade de ir a um bar experimentar o álcool que têm dito que acompanha os homens

nestas circunstâncias. Por outro lado, antes que a ideia de consumir o álcool absorvesse a mente do pastor Songo, ele contou os passos até chegar ao seu carro e quando lá chegara começou a repetir o nome Dele repetidamente sem conta, uma prática que fazia há anos aquando da aflição:

- “Jesus! Jesus... Jesus... Jesus... Jesus... Jesus... Jesus... Jesus... Jesus... Jesus...!”

Capítulo XII

–

Quem tudo quer tudo perde

Todavia, os encontros de carácter de conhecimentos mútuos tinham sido removidos no mapa na vida da Paula, uma vez por todas. Inclusive, o seu protagonista o mano Cubi que nem em Luanda se encontrava. Porém, a Paula tinha o caminho livre para avaliar o colega de nome Leonor. Em contrapartida, o mesmo é que não estava mais disponível pois este já estava a namorar a outra colega do seu grupo de estudo, a Nginga. Às vezes, o universo prega partidas muito pesadas.

No sábado após o grupo de estudo, o Leonor e a Nginga saíam das instalações da Universidade de Belas abraçados, enquanto a Paula sonambulada observava-os indo embora. Ao mesmo momento, a sua outra colega de nome Nisa dizia-lhe enquanto passava em frente dela:

- “Mana Paula, encontrar um rapaz a namorar é tipo ir ao mercado. Tu nunca vais ao mercado comprar tomates tocadas. Ninguém vai ao mercado sem uma lista brévia e

nesta lista deve constar tudo que vais comprar. Quando é que se traz os tomates tocados? Pois, quando se tem esta lista dos itens, de igual modo sabe-se a qualidade dos itens a comprar, mas tu trazes tomates tocados quando vais tarde ao mercado, pois as donas madrugadoras já levaram todos os bons tomates, logo tu trarás os tocados, então a mesmíssima coisa acontece com os rapazes quando se procura tarde, encontrarás os tocados porque os bons, as manas madrugadoras já levaram ao altar. Deves ir cedo e com uma lista na mão sob pena de não trazer um tocado no lar.”

- “Eu nunca ouvir essa analogia. Me acredita, já ouvir tantas mas esta está fora da equação.” A Paula contestou a analogia ouvida. Pouco importou a colega Nisa que perguntou a seguir, enquanto segurava uma folha e lápis:
- “Qual é a tua lista? Ou melhor, quais são os itens constantes na tua lista do homem ideal?”
- “Lista de homem ideal, Nisa. Isto é vida real e não é novela.”
- “Dechambuche!”
- “Está bem, está bem... Gostava que este homem ideal fosse... lufada de ar fresco, encantador, maravilhoso, giro, além disso, sensual, com sentido de humor, cantar bem, se possível tocar um instrumento musical mas se for flauta ou guitarra seria o máximo, que me esvaia em sangue, mais alto do que eu, que não dá trabalho no amor.”

Ao meio da explanação da Paula, a Nisa já tinha parado de anotar, talvez por sua amiga ter mencionado “flauta”. Na verdade, a Nisa sempre soube que a Paula gostava do Leonor e vise-versa, porém o mano Cubi andava no meio dos dois. Caso contrário, psicologicamente, a Paula estaria a namorar ou a sair com dois rapazes ao mesmo tempo. Por contra, não se deixe o bom rapaz sozinho por muito tempo. Mal a Paula terminara o seu discurso,

a Nisa perguntou-lhe suavemente e ao mesmo tempo, ela olhava onde ia o colega Leonor:

- “Paula, esta lista é de alguém que eu conheço?”
- “Tenho a mania de chegar sempre tarde nas vidas de rapazes que eu gostava de namorar, sabes! Lá, na igreja há um rapaz giro mas já namorou uma irmã, minha amiga e Nisa, esta irmã chegou depois de mim, na igreja.” Disse-lhe a Paula sem ânimo enquanto recolhia os seus pertences para seguir avante.

De outro lado, tudo estava perdido entre o pastor Songo e a irmã Wendy. Ao cabo de um mês, o pastor Songo tinha a certeza que não havia mais nada a fazer, com vista a conquistar o coração daquela menina, mas este não era, de tudo, um problema mas sim o prazo tido pela igreja para estar casado. Por isso apenas lhe restava ir ter com o reverendo da igreja.

- “O prazo de me casar se adiou, grande pastor. A irmã Wendy rompeu com o noivado para valer... Aquela menina é um fogo em formato de pessoa. Teimosa, determinada... Então, há que se fazer qualquer coisa quanto ao prazo.” O pastor Songo informou ao Reverendo depois de terem-se isolado dos membros familiares do Reverendo, na ilha de Luanda logo o Reverendo olhando nos olhos do pastor diante dele disse suavemente:
- “O prazo permanece, nada a emendar no prazo.”
- “Sabe muito bem que já não consigo arrumar uma nova noiva a esse pouco tempo que resta. Sabe?”

Naturalmente, o Reverendo não lhe dizia absolutamente nada nem fazia sinais gestuais indigitando um “sim” ou um pequeno “não”, apenas olhava-o directamente nos olhos. A postura esta que deixou o pastor Songo nervoso, por isso gritava com o Reverendo aos fortes ventos gratuitos da ilha:

- “Sinceramente, eu não consigo te entender, não me criticaste quando te informar que escolhi uma louca irmã para ser a minha noiva... Agora estás empolgado e sorridente com as artemanhas da tal irmã, por isso queres-me tirar o cargo de pastor!”
- “Eclesiastes 1:17...”
- “...“E apliquei o meu coração a conhecer a sabedoria e a conhecer os desvarios e as loucuras, e vim a saber que também isto era aflição de espírito.”” O pastor Songo tomara uns segundos depois citou a tal passagem bíblica de cor, porém o Reverendo concluiu a respectiva passagem e momentos posteriores perguntava:
- “Exactamente e mais, “Eu não vim chamar os justos, mas, sim, os pecadores, ao arrependimento.” Quantas irmãs te submeteriam a uma avaliação de três meses para ser a mais cobiçada senhora da igreja? Quantas irmãs têm o medo das responsabilidades atribuídas a uma mamã pastora? Quantas irmãs romperiam o noivado com o pastor principal, mesmo se este fizesse relações sexuais com a sua própria irmã ou a melhor amiga?

De maneira que o pastor Songo não respondia, as questões do Reverendo, pois, este estava tão pensativo. O Reverendo se encarregou em respondê-las, ele mesmo, e foi assim que fê-lo suavemente de cabeça erguida:

- “Nenhuma... Até há relatos que estas irmãs se matam durante o processo.”
- “Eu preciso servir o Senhor, meu Reverendo.”
- “Ninguém está a impedir-te fazê-lo, meu pastor. O maior servidor de Deus na terra é aquele que varre a igreja e não aquele que gere a igreja.

Deste modo, o pastor Songo tinha entendido que podia servir ao Deus com qualquer encargo e em qualquer lugar. Dado que quando menor for, o maior será a tua porta no reino do Senhor.

Enquanto os dois pastores voltavam junto de todos na ilha, o pastor Songo pensava: “Porquê queremos todos ser pastor? Talvez a passagem bíblica “Marcos 16:15”: “Ide por todo o mundo, pregai o evangelho a toda criatura,” é que nos tem confundido.”.

Num domingo qualquer, antes do culto principal, as irmãs Wendy e a Paula se encontravam na escolar dominical ministrando os ensinamentos bíblicos às crianças, ou seja, a irmã Wendy ministrava-lhos enquanto a irmã Paula acompanhava simplesmente a Wendy. Quando menos, a irmã Wendy esperava, o pastor Songo se encontrava na porta querendo ter uma palavra, portanto a irmã Wendy deixara a irmã Paula com as crianças pensando que o assunto fosse da paróquia.

- “Irmã Wendy, devemos conversar.” Afirmou o pastor Songo à irmã Wendy que logo se aborreceu pois pensara que já estava livre dos caprichos do pastor. Sem um pingão de ânimo ela perguntou-lhe:
- “Já conversamos tudo... Para quê conversar, pastor?”
- “Falar de nós...” Respondeu-lhe o pastor Songo, envergonhadamente a irmã Wendy abaixara a sua cara e na mesma posição dizia-lhe entre dentes, já que havia os irmãos chegando para o culto de adultos:
- “Estás a fazer figura e cena, pastor. Queres que eu saia dessa paróquia? Isto não é problema pra mim.”
- “Não, não é isso e também não quero fazer cenas. Podemos-nos encontrar num outro lugar para esta palavra.”
- “Não acho certo nem correcto, pastor. Já informei aos meus pais e eles estão bem com isto, então vamos ser adultos, não me procure mais... Eu seriamente não te guardo rancor, muito pelo contrário, sou grata por tudo que passamos juntos...”

Depois desse domingo, em particular, a irmã Wendy passou a cultivar na paróquia central Metanoia onde também frequentava o

curso de cabeleiro proporcionado pela igreja para inicialmente às esposas dos pastores e algumas líderes de pequenos grupos na igreja.

Três meses depois

Após ter passado esse período, as duas irmãs respiravam o ar de celibatário total, porém as duas não sentiam-no nas suas peles devido às formações distintas que se encontrava inseridas. De uma parte, a Paula continuava na sua formação universitária e sem sobressaltos, quanto à vida amorosa, estava distante disso. De outra parte, a Wendy fazia a formação de cabeleiro na sede da igreja. Relativamente à vida amorosa, ela desenvolvia sentimentos com um irmão que cultuava na sede, mas ela esperava terminar primeiramente o curso de cabeleiro, para passar a pensar no amor novamente, entretanto uma coisa lhe dizia que o pastor Songo já tinha escolhido uma outra candidata a mamã pastora.

De igual modo, o curso intensivo da Wendy estava no fim e para a festa final todos os integrantes do curso foram à ilha festejar. Como os filhos de Deus já não são escravos para terem o pavor, a Wendy corria de alegria, por conta da boa nota que tinha tido no referido curso, quando tropessa e cai não se apressava meter-se de pé. Posta deitada na areia da ilha de Luanda sentindo os ventos do amor-perfeito, ela ouvia uma rouca voz:

– “Olá irmã Wendy, está tudo bem?”

Modestamente, a irmã Wendy aceitou a ajuda da voz com o som cavo, pois pensara que era um dos instructores que estava a levantá-la, já que um dos instructores gostava muito ter conversas moles com ela, no entanto, em fracção de segundos, quando sentiu o toque, ela reconheceu o dono do respectivo toque, logo ela gritou lutando contra a tal ajuda:

– “Não me toques! O que estás a fazer aqui, pastor Songo?”

Antes que o pastor respondesse, a irmã Wendy pensou: “Já não sou uma escrava para temer porque o sangue na cruz me tornou uma filha de Deus, pastor. Sei que vieste esfregar-me na cara que já tens uma nova noiva, mas ficas a vontade, pois eu já superei isto.” Então, antes que os medos da Wendy sumissem de vez, o pastor Songo respondeu com um sorriso nos seus lábios:

- “Não sabia que estavas a frequentar o curso.”
- “Eles me ligaram e me disseram que o meu nome constava na lista ora como uma possível mulher do pastor ora como uma das líderes da escola dominical. Se veio-me atormentar para sair do curso, perdeste o teu precioso tempo, pois, hoje, foi o último dia...”

Nestes últimos três meses e duas semanas, o pastor Songo e a irmã Wendy apenas tinham desencontros, embora a maioria desses desencontros foram intelectualmente provocados pela irmã Wendy. No entanto, o pastor Songo tinha sido informado que a sua miúda andou a fugi-lo, mas naquele dia, estaria na ilha festejando o curso que ele pensara que a outra não estivesse a fazer. Lamentavelmente, o pastor Songo sem aquele sorriso respondeu:

- “Wendy, não estou aqui por isto.”
- “Então, o que estás aqui a fazer?”
- “Quero que dê-me apenas dois minutos do teu tempo para responder a tua pergunta...”
- “Eu não te perguntei coisíssima nenhuma, pastor...”
- “Por favor, deixe-me ter apenas dois minutos precisamente.”

Tendo o pastor Songo implorado a irmã Wendy que rezava que um dos instructores viessem ter com ela para sair daquela situação confusa que pensara estar livre, porém acabava de perceber que estava enganada. Contudo, os dois se olharam de forma fixada até

a irmã Wendy desviar o seu olhar ao seu relegio no pulso depois, disse ao pastor:

- “Já está a contar...”
- “Antes de começar a me preparar ser pastor, invejava um casal de professores. Este casal não ganhava muito com a docência, mas ao cabo de três anos se casaram e continuaram a viver no lar com aquele muito pouco que ganhavam. Quando me tornei pastor, pedi ao Deus que me desse o mesmo tipo do amor, mas nunca tive um sequer sinal... Todas as meninas irmãs que eu gostava ganhavam muito bem ou tinham famílias com certos meios que pudessem auxiliar, então com o prazo de casar, sob pena de perder o meu cobiçado cargo, desafiei o Deus, logo estabeleci certas condições que esta menina teria em cinco domingos de meses diferentes, Wendy. No primeiro domingo, esta menina viria à igreja de sapatos vermelhos; no segundo domingo, esta menina estaria na escola dominical, até podia ser uma das irmãs das crianças tendo a formação religiosa; no terceiro domingo, esta menina devesse se encontrar fora do quintal da igreja; no quarto domingo, viria à igreja de calça verde; e no último domingo... Quero ver a luz na testa desta menina...”

A irmã Wendy lagrimou, forte e teimosa que era, ao invés de avançar ao encontro do pastor Songo, ela recuou um passo e meio, entretanto o pastor para não assustá-la, igualmente avançara lentamente com o mesmo número de passos. Mal a irmã Wendy limpou a referida gota de lagrima derramada, o pastor questionava-lhe:

- “Diz-me que fui eu a te escolher? Diz-me que tinhas lido aqueles desafios no sentido de te corresponder com cada item exigido ao Deus? Diz-me que foste aquela escola dominical ministrar a fé aos menores depois de dois anos deixando a irmã Paula ministrar coincidentemente? Diz-

me que matarias uma irmã para ser mamã pastora? Que eu te deixo em paz para sempre, irmã Wendy.”

- “Também já é tarde demais... Não há mais tempo para nos casar à mercê do teu prazo.”
- “Descobri que posso servir o Deus com qualquer cargo e em qualquer lugar... A tua boa conduta me ensinou isto... Se me aceitares seremos educadores da escola dominical, pois o maior servo do Senhor é aquele que tem a tarefa a mais humilde de sempre.”

De repente, a irmã Wendy correu ao encontro do pastor Songo, mal chegara junto dele saltou-lhe no corpo, logo os dois estavam abraçados, mas com uma ligeira diferença, a Wendy estava ao ar levantada pelo Songo. Tudo que ela queria era apertá-lo sufocadamente com o alocado abraço, pena dela não era simplesmente a mais forte no recinto. Então, enquanto durava o referido abraço, a Wendy dizia-lhe:

- “Se não fosses pastor te teria beijado agora e nessa ilha.”
- “Até amanhã já não serei o pastor, então já poderás.”
- “Te amo, Pascoal Pinel Songo.”
- “Eu é que queria-te dizer isto em primeiro lugar, Isabel Wendy Moabe.”
- “Acho que continuo a te vencer.”
- “Eu te amei primeiramente.”

Engraçado, “No domingo de “sapatos vermelhos”, a irmã Branca esteve doente por uma semana, então, voltara nesse domingo, trazendo os tais sapatos vermelhos calçados, até ver o seu nome como monitoradora do referido domingo. O motivo pelo qual, ela me desmontou-me tirando a minha saia e os meus sapatos pretos, em troca, tive a calça jeans e os sapatos vermelhos dela. E, mais, a irmã Branca recebera estes sapatos vermelhos na vizinha quando uma das suas sandalhas rebentara aquando da vinda à igreja, nesse dia, em particular. Já, em relação ao domingo “na escola dominical”, roubei-o na irmã Paula, com propósito de dar

este amor a ti, meu pastor.” Pensou alto a irmã Wendy, aquando do transporte no carro do pastor Songo.

Capítulo XIII

—

A marcha de grande homem na face da terra

No dia seguinte, infelizmente o prazo estipulado para o pastor Songo casar tinha vencido, com isso a igreja Centro Zoé - Vida Abundante conhecia o envio de um outro pastor, porém este novo pastor já era de facto casado. Assim sendo, o pastor Songo passara do encargo do pastor ao educador da escola dominical junto da sua atraente noiva Wendy e a irmã Paula. Em contrapartida, a irmã Branca se encontrava na disciplina por esta estar concebida antes do casamento.

- “Pare de estudar muito, Paula.” Disse a Nisa à Paula que se encontrava no meio do pátio da universidade. Logo a Paula levantou o seu olhar, na mesma altura constestava contra a sua amiga colega:
- “Parar de estudar é sinonimo de reprovação.”
- “Nós mulheres? Nós mulheres simplesmente não reprovamos, Paula. Caso não saibas, se a disciplina Avaliação Nutricional, te complicar é só ceder o teu corpo ao prof titular da mesma.”

- “Ceder o meu corpo? Nisa” Perguntou-lhe a Paula enquanto se metia de pé, no sentido de estar na mesma posição que a outra que insistiu desse jeito:
- “Isto é um dos privilégios pertencentes à classe de mulheres, minha tonta.”
- “O teu corpo é o templo do Senhor Deus, Nisa”
- “Pare de me falar de quem nunca viste. Já viste o tal Senhor?” Disse-lhe sussurradamente, e, posterior, perguntou-lhe a Nisa levantando a voz.
- “Através da fé, sim.”
- “Pare de delirar, Paula. Falamos de coisas concretas e não de abstratas.”
- “Olha, Nisa, esta conversa está indo longe demais... Domingo sem falta, te lavarei à nossa igreja...”
- “Está bem, mas com uma condição, Paula.”
- “Qual?”
- “Liga agora, ao teu pastor solteiro, na sequência, lhe farei uma pergunta, caso me responda, domingo, estou na vossa igreja. Caso não, nunca mais me fales desse vosso Deus.” Afirmou-lhe a Nisa logo as duas meninas estavam a partilhar um olhar intenso, até a Paula se render com a pergunta:
- “Qual é a pergunta, Nisa.”
- “Isto é entre eu e o pastor solteiro...”
- “Ele já não é...”

Rapidamente, a Paula fez a devida correcção a sua melhor colega na universidade. Ao mesmo instante, ela tirava o seu telefone da bolsa para efeito da chamada que futuramente iria converter a sua amiga colega à palavra do Senhor. Quando a Paula dera às costas à Nisa, o pastor Songo já tinha atendido a chamada efectuada:

- “Alô, pastor Songo, Paula... deste lado...”

- “Alô!” Disse à Paula, o pastor Songo, depois de uns segundos, ela avançara do modo tímido ao ouvido do pastor no lado oposto do telefone:
- “Tenho uma inquietação com uma alma semi perdida.”
- “Alma semi perdida, irmã Paula? Ouve, o meu telefone tem muita pouca carga... Diz lá...”
- “Ok! A minha colega quer fazer uma pergunta ao pastor, mas eu desconheço a mesma pergunta.”
- “Está bem, que seja rápida!”

De forma lógica, a Paula agradecia ao pastor distante dos fones enquanto entregava o respectivo telefone à Nisa que andara três passos dando de igual modo às costas à Paula, antes que dissesse qualquer coisa levantara a sua mão canhota à nuca:

- “Alô, grande pastor, a minha pergunta é...”
- “Chute, irmã!”
- “Porquê Pastor? Quando nós não temos dinheiro, o pastor nos mandam pedi-lo ao Deus mas quando o pastor quer dinheiro, pede-nos?”

Melancolicamente, a Nisa tinha feito a tal pergunta quente ao pastor Songo, porém o referido pastor não chegara de interiorizar a mesma por conta da carga do seu telefone que acabava de terminar, na sequência, o telefone estava desligado. Logo, as duas meninas estavam cara-a-cara, após a Nisa ter-se virado para a Paula que possuidamente dizia-lhe:

- “Quando um pai perde um filho, este pai continua sendo um pai, mas opostamente, quando um filho perde um pai, este filho se torna órfão. Então, tu és insignificante perante o pai, não mudas nada socialmente, mas o pai muda o teu estatuto social... Estás a brincar com o fogo, menina Nisa.”

Pela primeira vez, a menina Nisa vivenciava a invocação da Paula que a irmã Wendy chamava de “momento possuída pela própria

palavra”. Engraçado, a própria Paula desconhecida desse “momento divino” dela. Coitada da Nisa de boca aberta, saboreava aquele momento meritocracia:

- “Os grandes homens, Nisa, os melhores seres na face da terra, os maiores líderes que nem tu e eu, Nisa, provocaram essa Presença, invocaram por essa Presença, solicitaram essa Presença... Cegaram muito antes de verem apenas um terço do terço dessa Presença... Tu te designas na ideia de viver como uma escrava espiritualmente, Nisa... Talvez falei além da tua e minha idade, mas ouve com os próprios ouvidos. Nisa, a hierarquia, e, tu estás na posição de “crianças”, agora, ouve a posição de “Deus”: 1º Crianças; 2º Mulheres; 3º Homens; 4º Pais; 5º Reis; 6º Deuses; 7º Serafins e Querubins; 8º Tronos, Domínios, Principados, Poderes e Virtudes; 9º Arcanjos e anjos e 10º Deus.”

Depois de alguns meses

Para que conste, o pastor Songo tinha deixado a residência atribuída à igreja para uma, pessoal, de igual modo, passara a trabalhar como técnico de electricidade. Por sorte, a sua noiva Wendy também estava a trabalhar num salão de beleza como cabeleira, então com os seus salários, a escolha de uma data para se casarem era, tanto quanto difícil. Contudo, o pastor Songo e a irmã Wendy na casa do pastor.

- “Porquê paras?” A irmã Wendy perguntou ao pastor Songo. Em contramão, os dois se encontravam em cima de uma cama no fim de um bom dia. Emotivamente, o pastor Songo respondeu sem o fôlego por conta de beijos tomados:
 - “Porque não podemos fazê-lo, Wendy.”
 - “Quem diz? Podemos sim, o fazer. Já não és um pastor e eu também já não sou candidata à mamã pastora.” Disse-

lhe a irmã Wendy com um tom menos moderado, ao mesmo tempo recusava sair de cima do pastor. Depois de segundos de observação nos olhos de um ao outro, o pastor Songo explanava pausadamente:

- “Sei disso mas seria sempre uma fornicação. Eu te pedi ao Deus, por isso, não posso dar-me luxo em te perder. Caso te fornico perco a tua protecção de Deus, logo passarei a te proteger eu mesmo com os meus meios, Wendy. As forças malignas desse mundo me roubaram você de vez.”

De modo súbito, a irmã Wendy se retirava de cima do pastor Songo, ao mesmo tempo pensava: “Um demónio não pode levar-me ao paraíso, outrossim um anjo não pode conduzir-me ao inferno...” com a razão, ela disse-lhe contestando razoavelmente:

- “Tu nunca me perderás, eu te amo e já te tinha dito isto.”
- “A última vez que eu te perdi, só te consegui com a mesma luz tida no quinto domingo. O meu amor para contigo sem o amor do Senhor é insuficiente para ter-te o amor, és muito especial... És muito superior ao meu amor. Preciso Dele nisso...”

Naturalmente, a irmã Wendy tinha tomado um banho de palavras frias, após ter ouvido o pastor Songo. Em seguida, ela se metera sentada no canto leste da cama toda encolhida, ou seja, ela estava sentada na cama com a sua cabeça entre as pernas, da mesma posição dizia cochichando:

- “Para isto não devemos pecar... Ahhh Ummm!”
- “Tu me censuraste não te conduzir às trevas devido à tua postura na qual colocas o Jesus diante de tudo, Wendy.” Respondeu-lhe o pastor Songo rapidamente com intuito de abafar a “exclamação” da irmã Wendy que anteriormente se metara de pé fora da cama, depois afirmou esgoelando:

- “Eu sei... Sei mas este desejo está afligir-me por dentro, meu pastor Songo. Olha, podemos nos casar no próximo mês...”
- “O quê? Com o quê?”

O pastor Songo perguntava enquanto descia daquela cama, pois o ponto da noiva era muito pertinente. Em contrapartida, enquanto ele descia, a irmã Wendy acabava de ver nos olhos dele que ela era, naquele momento, a única coisa valiosa para o pastor, portanto ela pensou antes de elucidar o pastor Songo: “Devemos casar-nos antes que pagues uma factura pesada por meu descuido.”:

- “Tu já não tens o apoio da igreja... Com os teus e meus salários deste e próximo mês, podemos nos casar apenas religiosamente e no civil deixando o salão para depois, Songo.”
- “Como é que não pensei nisso antes, Wendy? Ahahaha... Te amei primeiramente.”
- “Isto até não se diz... Ainda tenho o meu desejo de beijo, pastor. Vou tirar esta saia para vestir a calça de ganga e tu também usa uma calça, assim estamos protegidos da formicação... Com isso, livre de se perder na voz de Deus.”

O tempo não perdura, após sete meses, o pastor Songo e a irmã Wendy acabavam de se casar com os seus salários pelintras, também com as ajudas de ambas famílias, especialmente a família da irmã Wendy, pois era a família a mais contente por este evento. Sempre foi uma mera honra casar a filha. Além disso, a irmã Paula foi a dama de honra da noiva Wendy, aliás, no fim das contas, houve um salão de festa para este casamento.

No dia seguinte do casamento do pastor Songo e a irmã Wendy, no hotel, especificamente na recepção, antes do meio-dia, o Reverendo da paróquia Metanoia se encontrava na referida

recepção esperando por pastor Songo descer para efeito da entrega do seu presente esquecido no dia anterior. Tendo passado uns minutos, o pastor Songo deixara a sua esposa Wendy a dormir a sesta para ter com o Reverendo.

- “Oi meu grande pastor!”
- “Oi Pascoal, espero que eu não esteja a incomodar a tua lua-de-mel.” O Reverendo disse-lhe com um ar preocupante logo o pastor minimizou a situação dizendo-lhe a frase seguinte mas anteriormente tinha pensado: “Não te preocupes connosco, meu grande pastor. Eu e a Wendy estamos cercados do amor e da paixão do Cristo.”:
- “Estás muito longe disso, Reverendo. A irmã Wendy está a dormir a sesta...”
- “Eu te disse ontem no teu casamento que traria o meu presente pessoalmente depois, então esta...” O Reverendo dizia enquanto entregava um envelope ao pastor Songo lentamente como se este envelope fosse um ovo. Sem se empojar, o pastor agradeceu, pois transparentemente indicia ser valores monetários:
- “Obrigado, grande pastor.”
- “Sabes, foste o meu melhor tutorando aquando da formação intensiva de teologia sistemática e eu... Eu sempre te tratei como o meu primeiro filho. Sabes, há anos, eu tinha perdido o meu primeiro filho... Engraçado, aquando da preparação do teu casamento, esperei o teu pedido de ajuda. Li todas as correspondências que me foram enviadas, com intenção de ter uma tua e te responder rapidamente, mas esta nunca chegou. Em troca, tive o teu convite na minha secretaria... Porquê não pediste a ajuda à igreja, como um pastor faria?” Disse-lhe o reverendo, antes de mais nada, o pastor reflectiu depois respondeu vozeando: “Agora, sei que fui escolhido desde o ventre da minha mãe, grande pastor...”:

- “Não pedi porque já não sou um pastor, Reverendo. Deixaste isto claro, na vez passada, após o prazo estipulado do casamento... Já não...”
- “Uma vez pastor, serás sempre um pastor, Pascoal. Também deixei isto, claro, na vez passada. Sei que duvidas, então responde-me, pastor, deixaste de ir à igreja após o prazo ter vencido? Diz-me que puseste o amor do Cristo, de lado por irmã Wendy? Diz-me... Fizeste o sexo com a irmã Wendy antes do casamento? Diz-me, que..” Perguntava o Reverendo até ser cortado a palavra pelo pastor Songo que de forma delirada, explicava ao seu mentor de longa data:
 - “Não podia fazê-lo, grande pastor. Mesmo depois daquele teste, a Wendy continuou a me testar para ver quem eu sou verdadeiramente, e, nestes nove meses, a Wendy é a única ligação que tenho tido com o Deus. Como sabes, ela é mui especial, logo se mexe muito, então bastava fornicá-la, eu perderia a Presença de Deus na minha vida...”

Portanto, o Reverendo derramou lágrimas de orgulho, pois a disciplina na igreja funciona quando o membro da igreja transgredi as normas da igreja. No entanto o pastor Songo se encontrava na disciplina sem ter transgredido nenhuma norma da igreja. O seu caso tinha sido a escolha muito tardio da noiva a casar, por razão, nunca foi fácil encontrar um parceiro a casar, mesmo para aqueles que não são considerados filhos do homem. Com as lágrimas do Reverendo, o pastor ficara confuso, logo já não entendia a essência da conversa que estava a ter com o seu grande pastor, porém ainda não tinha terminado o seu belo discurso:

- “...Continuo e até demais sentir a Presença de Deus nos olhos da Wendy... A título de exemplo, um tio meu que apenas conheci no dia de casamento nos garantiu um mês

de pagamento em um hotel em Cabinda para a nossa lua-de-mel.”

- “O presente que eu te trouxe veio directamente da igreja onde te convoca voltar ter as tuas responsabilidades de pastor principal, então vai à tua lua-de-mel de um mês. Depois disso, és um pastor de novo, Songo.” O Reverendo afirmou após ter totalmente recuperado da anterior emoção. Posteriormente andara ao lateral com vista a avistar através dos vidros da recepção do hotel a Marginal. Sem seguiu-lhe o pastor Songo respondeu sem ânimo nem clamor:
- “A Wendy estava a gostar ter-me como um simples crente... Desde início que eu presentia isto mas agora tenho a confirmação.”
- “Tens uma mamã pastora mui especial... Os seus olhos mantiveram a tua fé de pé, pastor. Agora, está na hora de tu namorar aqueles olhos às responsabilidades de uma mamã pastora da paróquia Emaús.

No terceiro dia do casamento do pastor Songo e a irmã Wendy, se encontravam no Aeroporto 4 de Fevereiro, no Terminal de voos domésticos, com o destino à província a mais nordeste da Angola. Como não podia ser surpresa, a Paula estava a apoiar o recém-casal no referido aeroporto. No parque de estacionamento de viaturas.

- “Paula, não leve esta bagagem, deixe para o pastor Songo levar.” A irmã Wendy ordenou a Paula logo o pastor que ainda se encontrava no carro reforçara:
- “Levai apenas as bagagens as mais leves, por favor! Avançai e já sigo-vos.”
- “Tens notícias do mano Cubi?” A irmã Wendy perguntou à Paula que exaltou após ter ouvido o nome monstruoso “Cubi”:

- “Porquê as nossas conversas devem ter obrigatoriamente o conteúdo “Cubi”, Wendy?”
- “Porque tu não namoras ninguém, Paula. De que queres que falemos se tu não voltaste a ter outro rapaz depois dele? Tu não saís com nenhum rapaz há 2 anos... O único homem que eu conheço é o mano Cubi...”

Portanto, para qualquer inquietação, as duas meninas se encontravam paradas de pé e se olhando, pena que as duas estavam tão ansiosas uma da outra. Entretanto, a Paula não tinha mais argumentos pois a outra tinha, de facto razão. Talvez ela podia mencionar a formação académica que ainda estava a fazer, mas sabia de cor que não adiantaria em nada à compreensão da Wendy, uma vez que havia muitas irmãs na igreja que namoravam e faziam a faculdade em simultâneo. Já a Wendy continuava com a sua fala:

- “Diz-me, Paula, que o perfume do mano Cubi te enjoava? Que eu te deixo em paz com este maligno nome. Diz-me, Paula, que as piadas do mano Cubi não têm nenhuma graça? Que eu te jurarei não voltar dizer o seu nome, em circunstância nenhuma. Diz-me, Paula, que o mano Cubi não é digno da tua confiança? Que eu te abraço agora esquecendo cada memória tida com ele, Paula.”

A Paula tinha uma dívida moral com o mano Cubi, por conta de estar a se formar com o valor pago por ele. Os seus tios que haviam dito que pagariam as propinas viviam desaparecidos há cinco anos, nem os valores de transportes têm dado, salvo o seu próprio pai que tem lutado para, no mínimo, garantir-lhe este transporte. Portanto, a Paula pensou: “Ele desapareceu do mapa, para começar. Em seguida, é um bêbedo, para não falamos de ser também um mulherengo. No último dia tido com ele, me tinha confessado que também roubava valores monetários no banco onde trabalha. Em terceiro lugar, ele não passa de um irmão o mais velho para mim. Talvez o meu erro foi aceitar o desafio de

seis meses de encontros sem nome...” Ainda pensava quando a Wendy mudara de assunto intelectualmente:

- “Voltarei carregando o teu afilhado dentro do meu ventre, nesta lua-de-mel em Cabinda, no período de um mês.”
- “Ummm... eu...” A Paula tentava criticar a outra mas antes que falasse uma palavra sequer, a Wendy lhe pôs uma mão nos lábios e dizia-lhe também:
- “Não quero que duvides disso, Paula. Quero a tua fé nisso... Nesse um mês, por favor, reze pro mim.”

De outro lado, a Paula se encontrava no final do segundo ano na Universidade de Belas, tudo parecia ser muito fácil para com ela nessa altura porque também, não havia mais chatices de saídas amorosas. Aliás, o Cubi se encontrava numa das províncias que ela nem sabia, além disto, o Leonor acabava de romper o seu namoro com a Nginga, ambos colegas da turma da Paula. E, mais, a Paula passara a instruir quase todos os colegas as matérias dadas.

Capítulo XIV

–

Canto de cisne

Depois de dois anos e alguns meses

Após estes anos todos, a Paula estava no último ano fazer apenas uma cadeira depois de ter sido dispensada nas outras. Curiosamente, acabava de fazer um exame da referida cadeira, ela e a Nisa caminhavam a pé à paragem com intuito de apanhar apenas um táxi para casa. Mal estavam a vinte metros da universidade.

- “Miuda, todos nós pensamos que tu namorarias o Leonor, mas agora estamos na reta final e nada. Agora, a bruxa da Nginga tem lambido os teus restos.” A colega Nisa informou a Paula enquanto observavam o Leonor e a Nginga apanhando um táxi no portão da Universidade. Portanto, a Paula ignorou pois já tinha marcado um encontro amoroso com o Leonor, assim ela denotava a sua inocência:

- “Pensei que estávamos aqui para estudarmos e não namorar.”
- “Então, como ficam as cuecas novas que temos comprado todos os meses.” A Nisa insistiu na mesma tecla enquanto a Paula lhe puxava na mão canhota para seguir em frente, pois a paragem era dois quilómetros de distância:
- “Cueças novas, Nisa?”
- “Sim, Paula. Cuecas novas. Podíamos usar as nossas cuecas velhas durante todo ano, mas temos comprado as cuecas novas a usar o ano todo. Isto não é questão higiénica, Paula, é porque alguém deve vê-las em nós ao tempo real.”
- “Deixe-me ver se percebi... Temos comprado as cuecas novas porque alguém deve vê-las em nós vestidas? Nisa, cursamos o Nutrição e Dietética e não a absurdade.”
- “Tá bom, vou-te fazer agora um curso intensivo de absurdade.”

Tendo a colega Nisa dito a anterior frase, logo parara de andar, assim as duas estavam paradas se olhando para a tal “adsurdade. De um lado, a Paula estava toda sorridente, pois conhecia de cor a loucura da sua melhor colega da turma. De outro lado, a Nisa estava totalmente séria com aquilo que estava preste a dizer-lhe:

- “Com o curso, estamos a investir as nossas mentes e com as cuecas novas que alguém deve ver, estamos a investir o lado fisiológico, mana.”
- “Nesse caso, eu estou bem servida pois a minha irmã Elma tem-nas visto, uma vez que os nossos quartos estão interligados.

Outrossim, estes últimos dois anos, o Leonor estava dedicado a conquistar o coração da Paula, custa que custa. Esta sua pressão exercida acabava de lhe proporcionar um encontro amoroso fora da universidade ao olho de todos colegas e com a sorte, o centro comercial Xiame tinha sido escolhido para o tal primeiro embate.

- “Paula, vamos comer pizza conforme o prometido!”
- “Tudo bem para mim.”

A Paula respondeu a escolha do Leonor, em seguida os dois foram à pizzaria efectuar o tal pedido. Tendo passado uns segundos, a Paula e o Leonor estavam sentados à mesa esperando por pizza que sairia a volta de quinze minutos. Postos à mesa, se fazia um silêncio, de uma mão, o Leonor estava tão contente por estar junto da miúda que esperou namorar há quatro anos e alguns meses, de uma outra mão, a Paula acabava de se aborrecer pois não se sentia uma rapariga com um rapaz apaixonado, então de forma desvairada elucidou o Leonor:

- “Ele me ensinou que uma garota deve brilhar durante todo o encontro aos olhos do parceiro... Em pouco tempo que estamos neste encontro, tu já olhaste 7 garotas de forma contínua enquanto eu cá estou.”

Repentinamente, o Leonor estava confuso com a integridade e personalidade da Paula. Foi assim que pensou: “Esta menina é uma criança... é uma inocente ou não. Estes anos todos a conquistá-la, me parecia ser uma criança, especialmente a forma que me fugia... Sem qualquer motivo. Se calhar, é melhor, perguntar.” Mal findava de reflectir, o Leonor afirmou perguntando-lhe:

- “As vezes não sei distinguir se és adolescente ou uma adulta.”
- “Eu também, nesse caso, já somos dois.”

Tendo a Paula respondido suavemente com um pingo triste, logo os dois estavam se olhar nos olhos, mas este olhar durou apenas nove segundos aproximadamente porque o Leonor teve que desviar o seu olhar e enquanto desviava pensava também: “Acho que por tudo que é sagrado, devo mudar de sedução a essa menina. Será que será ruim ou salutar?” Do outro lado da mesa, a Paula ainda explicava-lhe pausadamente:

- “O amor entra pelos olhos dos homens, ou seja, os homens amam nos olhos mas se este homem ainda não terminou de amar, magoará numa forma ou outra a miúda até se aperceber que ama esta.”
- “Eu nunca tinha visto isto nesta proporção.”
- “Pois não! Eu não quero ser uma coisa que tu tens como namorada. Não quero ser uma coisa que tu mandas sms todos os dias. Não quero ser uma coisa que tu venhas visitas às vezes em quando. Não quero ser uma coisa que tu apenas pensas que amas, Leonor. Quero ser mais que isso, sabes!”

De imediato, o Leonor apercebeu-se que não sabia o que queria no amor, contrariamente, queria apenas gatinhar no amor e depois os três ventos levariam-no onde der, mas soube que contrário dele a outra estava mais preparada nisso, ou melhor, parecia estar apaixonada inconscientemente, então com isto pergunta-lhe:

- “Quem é ele, Paula?”
- “Ele... Ele esteve aqui, ele me ensinou coisas e eu por minha vez lhe ensinei coisas e mais... Ele foi o meu namorado.” A Paula respondeu sempre do modo delirado, então, isto fez exclamar o Leonor que gritou de forma pasmada:
- “Tu disseste-me que nunca tiveste um namorado, Paula.”
- “Sim, eu também não sabia que tive um, até hoje e agora, nesse encontro. Nunca beijei-o mas agora sei que não era preciso beijá-lo para ser o meu namorado. Ele me passeou... Ele me abraçou... Eu e ele ficávamos horas a conversar mas tudo que ele sempre quis era ver um sorriso nos meus lábios... e, eu ri cada piada dele, Leonor.” Respondeu-lhe a Paula logo, ela olhava a volta dela procurando com os seus olhos parecendo que o “ele” estivesse presente no mesmo recinto, por isso o Leonor perguntou-lhe:

- “Ele está aqui no Xiame?”
- “Não! Não está... Seria uma impossibilidade estar pois eu, com a minha ingenuidade, garanti que ele fugisse daqui... Devo ir atrás dele embora tarde demais.”

Enquanto a garçonete servia-lhes a tal pizza solicitada, a Paula levantava da mesa a correr, portanto o Leonor não pude seguir-lhe, por conta da tal refeição, assim a Paula corria para fora do Xiame e mal sai tropessa logo ela se encontrava de joelhos. Na mesma posição o seu telefone estava a receber chamada que a sua mente pensou que seria o Cubi, mas o ecrã indiciava o número desconhecido:

- “Alô...”
- “Alô Paula... Estou a casar e deves vir com alguém bom, pois és a próxima a casar depois de mim.” A Gisela, a sua melhor amiga aquando do ensino médio deu-lhe notícia afecta ao seu casamento a realizar. Então a Paula sugeriu-lhe sufocada com as dores da queda:
- “Só consigo trazer esta pessoa no teu casamento, caso te cases no mês de Novembro.”
- “Mentira! Eu caso justamente neste mês.”
- “Terra a terra também vale no amor.”
- “O que isto significa?”
- “Ele é quem o dizia, eu não sei ao certo.”
- “Ele quem, Paula?”
- “É uma longa história... Deixe pra lá.”

À luz da meia-noite com as portas abertas, a essa altura, a mamã pastora Wendy tinha um par de filhas gémeas com um ano de idades de nomes Isabel e Paula. As duas filhas eram tão idênticas que muitos a redor não conseguiam distingui-las. Sendo que o nome Isabel foi dado depois da mãe do pastor Songo que de igual modo, se chamou Isabel e curiosamente, o primeiro nome da mamã pastora Wendy era Isabel. Já, a outra gémea se chama

Paula depois da irmã Paula. Em suma, uma filha era xará da Paula e a outra homônima quer da Wendy quer da mãe do pastor Songo.

Com a mesma luz da meia-noite, a Paula deixara o Xiame da companhia do Leonor para o bairro Benfica à residência do Amaral para efeito do plano da busca do seu eterno namorado fugitivo, o Cubi. Posta lá, depois de dezassete minutos. Quando a porta da referida residência se abriu era a Evina ao invés do Amaral.

- “Olá Paula, que surpresa agradável! Tudo bem contigo, minha irmã?” A Evina, a mulher do Amaral cumprimentou à Paula que preocupadamente respondeu:
- “Olá Evina, se te dissesse que estou estaria mentindo-te. Sempre foste sincera e verdadeira para comigo. A solução do meu problema é o mano Amaral.”
- “Ele ainda não chegou de trabalho... Mas passa-se uma coisa grave?” A Evina disse enquanto deixava a Paula entrar. Depois da Paula entrar e se instalar no assento encontrado no quintal respondeu calmamente com um tom de tristeza:
- “Devo-me encontrar com o Cubi, custa que custa. Então, fico aqui esperando por mano Amaral, mas não o avises que cá estou, pois ele também já tem evitando-me.”

Após a Evina ter ouvido o nome raro que há mais de três anos que não ouvia o mesmo, ela também ficara sem ânimo. Agravante foi quando ela olhou muito bem nos olhos da Paula apaixonados pelo um rapaz que já não valia a pena lutar por seu amor. Seguidamente, ela entrou na sala de estar deixando a Paula no quintal e lá lamentalmente demarrou algumas lágrimas. Tendo passado, uma hora e alguns minutos, o Amaral entrava na sua residência deparando com a Paula.

- “Oi Paula! Que bom te vê! Mor, porquê não me avisou que tínhamos a visita maravilhosa da Paula?” Exclamou e

perguntou-lhes o Amaral que anteriormente tinha feito uma cara feia. Antes que a Evina respondesse a Paula adiantou-se:

- “Oi mano Amaral, devo-me encontrar com o mano Cubi. Sei que sabes o seu paradeiro... Não me importa onde quer que esteja, eu lá estarei com a tua ajuda.”
- “Porquê, Paula? Ele me fez jurar não voltar a falar contigo. Ele me obrigou jurar não te incomodar mais com os seus caprichos, Paula. Te digo já... Ele já não é o homem que julgas conheceste... Ele se tornou pior do que um porco... Bebe agora de segunda a segunda, Paula.”
- “Isto não importa, devo ir buscá-lo. Fi-lo parar de beber uma vez, o farei de novo com a fé da paixão do Cristo, mano Amaral.”

A Paula disse-lhes com toda sinceridade do mundo, entretanto o Amaral simplesmente não podia entender, de jeito nenhum, a “paixão de Cristo”, para ele, o tal termo significava dizer: “o meio certo e o mais rápido dos pastores extorquir os irmãos e irmãs nas igrejas.” Porém, ele teve que materializar a conversa para uma boa compreensão dos três no recinto:

- “Paula, simplesmente não estás a pensar claramente... Diz-me uma coisa, se tu e o Cubi voltassem a ter aqueles encontros, tu te comportarias do modo diferente? Tu o teria ouvido e acatado cada palavra que ele te dizia?”
- “Podíamos repetir aqueles encontros, mil e uma vez, eu adoptaria a mesma postura que perfilhei 4 anos atrás, pois há 4 anos, eu não tinha a idoneidade suficiente para entendê-lo. Se me duvidares dou-vos um mero exemplo, ele me fez entender a morte com a ordem destas palavras: “...Que todos nós conhecemos a morte ou talvez as sensações da morte. Pois, a fase final de relações sexuais é muito parecida com a morte devido àquele curto período do tempo que para, a mente delira em outras realidades, a

alma sai do hóspede corpo...” Abertamente, eu não entendo a morte depois desta analogia, bem como não entendi as outras palavras que ele me dizia, mano Amaral. No entanto, já sei o que eu tenho com ele, por isso, te peço o seu paradeiro.”

Naturalmente, o Amaral se aborreceu, se ele fosse de chorar teria chorado naquele instante mas os homens não choram. Em contrapartida, ele estava tão entediado com a actual situação que culminaria na deslealdade da sua irmandade com o Cubi, por estar preste a quebrar o seu juramento de afinidade. Contudo, sem a devida postura, o Amaral pensou alto:

- “O canto do cisne...”
- “Canto... de cisne, mano... Amaral?”

Subitamente, a Paula perguntou-lhe, porém antes do Amaral respondeu pensou em torno do termo dito: “O Cubi explicou-nos debaixo de copos que o canto do cisne é uma referência a uma antiga crença de que o cisne-branco é completamente mudo, durante toda a sua vida, entretanto pode cantar uma bela e triste canção no leito da sua morte imediatamente antes de morrer.”:

- “Tipo a explicação que nos deu de “canto de cisne”... Uma expressão popular metafórica que serve para descrever as realizações mais importantes da vida de uma pessoa...Olha Paula, o Cubi se encontra na Ondjiva...”

A noite nasceu favorecendo a Paula que naquele momento tinha, numa mão, a província, o município, o bairro e a rua do paradeiro do Cubi. Na outra mão, acabava de falar na mesma noite com o último padrinho seu, o Teacher para os valores monetário que servirão de meios de subsistência aquando da busca pela província a mais sul da Angola.

Dissimuladamente, a Paula tinha que enfrentar o seu pai, naquele preciso momento antes de ir em busca do seu amor. Se calhar, ela

dependia da anuência do pai para sua deslocação, porém toda a sua vida nunca esteve próximo do pai ou pensara que nunca esteve, aliás, toda a sua vida sempre teve inveja entre o amor do seu pai com a sua irmã Elma, quem puxou-a. Entretanto, ela enfrentara o pai, não pedindo pela autorização deste para ir em busca do Cubi.

- “Vou à província do Cunene em busca do Cubi e quero a bênção do papá para o efeito...”

Após a Paula ter afirmado, era tanto quanto difícil determinar claramente o estado emocional do pai Zamani, pois aparentava não acreditando naquilo que acabava de ouvir. Se a notícia tinha-lhe agradado, a Paula não determinava, se a notícia tinha-lhe desagradado, a Paula outrossim não determinava. Portanto o quarto principal da residência Okudala acabava de conhecer um breu maquiado com as palavras agros da Paula ao ouvido querido do papá Zamani:

- “...Eu nunca pedi nada ao pai mas hoje é diferente. Sei que para o pai seria mais fácil se fosse a Elma te pedindo isto, pois o pai não recusa os seus pedidos... Pese embora, a Elma sempre se afastou do papá mas o papá sempre foi atrás do seu amor. No entanto, o pai nunca se deu luxo em me aproximar de ti... mas contudo, eu sempre te amei, papá. Apesar dos pesares, eu amo o papá e de igual modo amo cada membro da nossa família, mas hoje não recebo “não” como resposta.”

O pai Zamani com o lamento chorou bem ao meio das palavras da Paula, porém ela permanecia firme, não quis interiorizar aquelas lágrimas, bem como não quis parar ao meio da fala. Em consequência, o pai autorizou-lhe com a cabeça, pois as palavras não podiam soar visto que o choro assolava as cordais vocais, com adição de estar a desatestar a sua miúda a mais doce de todos os filhos que tem. Após ter aceitado, a Paula deu meia volta, em

seguida saia do tal quarto, entretanto quando esta chegara à porta, o papá lá trás falava para ela, de forma forçada contra o choro:

- “Tive vários filhos antes de ti e ao longo que fui tendo os mesmos apenas sentia o cheiro de decepção. Quando nasceste não senti nada, nem mesmo alegria, mas em contrapartida, tive medo de ter trazido mais um ser-vivo ao mundo. Ao contrário dos outros choravas muito... Mas ao quarto mês, preferias o papá que a sua mamã, então eu passei a te levar, mais vezes. Incrivelmente ao sexto mês, eu descobri... Eu identifiquei que tinhas um bom coração... Fui atrás de todos os filhos que tive, incluindo aqueles que não são meus biologicamente, mas a ti... Eu nunca precisei porque tu acataste cada ensinamento, tu recebeste cada pingo de amor que te dei, tu me amaste mesmo quando, eu não me sentia o vosso pai, tu nunca criticaste um sequer erro meu, como os outros teus irmãos...”

Declaradamente, a Paula entendera tudo naquele dia, se arrependimento matasse, a miúda estaria morta, devido ao facto, tudo que ela tinha que fazer, naquele exacto momento, ela, de facto fê-lo. Que era abaixar a sua guarda logo ela outrossim se encontrava a chorar ligeiramente mas o tal choro se intensificou quando cometeu um outro erro crasso em que consistia na confirmação de um ponto junto do papá:

- “Sempre fui o teu melhor filho?!”
- “Sempre serás porque... és a minha mãe!”

Na manhã do dia seguinte, a mensagem recebida através do telefone acordou a Paula e a respectiva leitura levantou a Paula da cama, pois o teor desta mensagem abria o caminho da felicidade da Paula. Todavia, o teor era: “Miúda, agora és doctora, as notas do teu último exame foram publicadas ontem e passaste.” A

mensagem enviada pela Nisa. Uns minutos depois, à mesa do jantar no pequeno-almoço.

- “Ontem consegui ver-me no espelho.” A Paula afirmou à mesa do jantar onde se encontravam o papá Zamani e a irmã Elma. Esta última seguiu-a confusamente:
- “Tu te olhas sempre no espelho, Paula.”
- “Não! Quando olho para o espelho, quero e vejo de imediato a minha beleza, nunca vi a mim mesma, nunca vi a pessoa que sou.”
- “Miúda, ver a tua beleza ou a pessoa que és, no espelho é a mesma coisa.”
- “Foi isto que pensei esse tempo todo, porém não é, são coisas completamente distintas.”

O pai delas tinha percebido exactamente o que a Paula estava a verbalizar, no entanto, pena da sua irmã Elma, aquilo estava simplesmente além da sua imaginação, muito menos, além da sua consciência. Por outra, a Paula fechara os seus olhos e falava delirando:

- “Ele me tinha dito quando me conseguisse ver no espelho, ele estaria onde quer que esteja esperando por me.”

Capítulo XV

—

Sonhos para renascer

Naquele mesma tarde, a Paula conseguira o contacto telefónico da sua prima Bibicha residente na Ondgiva, além do mais, a Paula não estava, de jeito nenhum, arrependida pelos momentos vividos na companhia do Cubi, pois embora decepcionada viveu intensamente um período de cinco meses de amor. Assim sendo, ela ligou para a tal prima que atendera na terceira tentativa:

- “Alô!”
- “Alô irmã Bibicha, aqui fala a Paula, a filha da mãe Isabel em Luanda.” Respondeu a Paula, toda aliviada por outro lado ter atendido o telefone. Imediatamente, a prima Bibicha reconheceu-a lançando os dotes amorosos:
- “Oi Paula, nunca mais, há quanto tempo? Deves estar tão grande.”
- “Realmente... Olha irmã, pela semana vou à cidade de Ondgiva, no município do Cuahama, bairro Naipalada 2, procurando alguém e já sabes os nossos pais... não querem que eu fique no hotel ou pensão.”

- “Mas Paula, nós vivemos no bairro Naipalada 2...”
- “Estás a brincar?”
- “Não! Nós aqui conhecemos todo mundo, quem procuras? Se for mesmo neste bairro, conhecemos.” A prima Bibicha perguntou-lhe com um timbre calma e sereno que a Paula rapidamente avançara o seu nome:
- “O seu nome é Cubi.”
- “Cubi?! Não estou a ver...”
- “Um que vivia em Luanda, trabalha nos bancos, está na casa de 30 anos, alto com olhos castanhos e sanpaku...”
- “Realmente, não vejo, maninha, a não ser o filho do pastor, o Chilululo... Ele também vivia há muito tempo em Luanda...”
- “É mesmo este... O Chiluluto... O pai dele é pastor da igreja MEISA?”
- “Sim, este vive a três ruas da nossa mas este... não é, de tudo, um bom rapaz...”

Talvez a Paula deveria ouvir a sua prima Bibicha, no entanto tudo que ela conseguia ouvir era o paradeiro do Cubi. Talvez a prima Bibicha devesse definir a frase: “Este não é, de tudo, um bom rapaz” ao bom entendimento da Paula, tudo que importava a menina Paula era a capital mais meridional da Angola. Além disso, antes de tudo, ele foi se despedir à sua melhor amiga.

- “Olá Paula, ainda bem que vieste. As suas sobrinhas estão com muitas saudades tuas.” A mamã pastora Wendy disse à Paula que não se mexia nem piscava os seus olhos nem ria conforme de costume nem abria a sua boca, até o clima frio assolara as duas, só assim que ela soltou a fala mélica:
- “Aquilo está a acontecer, Wendy. Estou indo a busca dele na cidade da Ondgiva.”
- “Até que fim, rezava sempre para os teus olhos se abrissem antes de perdê-lo, Paula. Tu sabes, eu sempre gostei dele pois os rapazes que nos respeitam desde início

não são totalmente diferentes no lar, em comparação com aqueles que nos tratam feito uma camisa preta... Cada mulher é uma camisa branca e não a preta...”

Sobretudo, a Paula não chegara de entender a analogia da sua melhor amiga Wendy, em torno da “camisa branca” mas, na verdade, nenhuma pessoa usa uma camisa branca para ir jogar logo ninguém pode namorar uma mulher em brincadeira pois estas são camisas brancas. A propósito, do modo morno a Paula explicava-lhe:

- “Já tenho o endereço, ja tenho os bilhetes de passagem, já tenho um sítio decente ao olho dos nossos pais para ficar o tempo que lá estarei, mas...”

Assim que a Paula dizia a palavra “mas...” o dedo da mão destra da mamã pastora Wendy foi posta junto dos lábios dela no sentido de não terminar aquela frase futuramente. Desse modo, ficaram até a Paula se render lutar terminar aquela frase logo lentamente, a mamã pastora Wendy baixava o seu dedo enquanto lhe dizia em prosa do Coissãs:

- “Salmos 78:13... Paula, tu já não és uma escrava para temer ao longo dessa caminhada, a busca do mano Cubi. Tu já não és escrava no sentido de te submeter aos caprichos de obstáculos visíveis e invisíveis postos pelos seres-inferiores do que Ele. Tu já não és escrava com intuito de lamentar o tempo tardio neste processo amoroso. Tu já não és escrava pois tu escolheste-Lhe como o teu Protector...”

Sendo assim, a mamã pastora Wendy parara de proferir as tais palavras, no sentido de dar um tempinho à Paula para desgerir, e posterior, deixar cair cada duvida que tem na busca. Enquanto isto, no outro lado, a mente brilhante da Paula repetia sem fim a passagem “Salmos 78:13”. Enfim, a mamã pastor Wendy estava a receber o seu positivo feedback através dos olhos diante dela,

assim, com a alegria nos seus lábios vermelhos concluía a sua passagem bíblica:

- “Lembras-te Paula, que Ele dividiu o mar vermelho para tu atravessares nele. Ele dividiu o mar vermelho para que ninguém consiga seguir-te atrás, Ele dividiu o mar vermelho para o teu divórcio com a escravatura ora carnal ora espiritual... Tu tens o mar vermelho dividido em duas partes para ires em busca daquela alma perdida à luz. O que queres lamentar, Paula?”

A melodia da canção suave proveniente da casa da mamã pastora Wendy abraçara a Paula até cada tipo de medo que tinha cair às trevas, logo acabava de perceber que sempre foi uma vencedora. Portanto, a Paula disse-lhe suavemente depois de tê-la abraçado demoradamente:

- “Seguirei confiante pois a minha parte estou a fazê-lo...”

“O que me tornaria, se o Senhor não me segurasse na mão? Nesse momento, apercebo-me que o Senhor Deus é tudo para mim, razão pela qual acordo todos os dias na minha vida” pensou a Paula enquanto durava aquele magnífico abraço entre ela e a mamã pastora Wendy, pese embora as gémeas atrapalhavam o tal abraço.

No dia seguinte, por força das poeiras das terras de Luanda, a Paula se despediu de todos parecendo que estava a ir a uma batalha final da guerra de quatro. Por força das ondas da água, a Paula apanhou o voo naquela tarde com o destino Ondgiva. Por força dos quatro ventos activos e masculinos, a Paula chegou na cidade da Ondgiva na recepção da sua prima Bibicha no aeroporto 11 de Novembro. Por força das chamas do fogo que rege o marte, o planeta da guerra, a Paula foi à casa do Cubi, mal chegou ao bairro Naipalada 2 sem sequer se instalara devidamente. Por força de todos os meios do éter através do qual a luz viaja no vácuo, a

Paula entrou inicialmente no interior da casa do Cubi, depois de ter batido a porta demoradamente sem resposta.

- “Ceús! Quem pode viver desse modo!” Monologou a Paula, dentro da residência e na sala de estar procurando um sinal do Cubi que se encontrava deitado no corredor bêbado e a sua casa tinha lixo de copos descartáveis por todo lado indicando que havia uma festa na noite anterior.

Por força dos raios do sol, a Paula corajosamente levou o Cubi ao quarto de banho dar-lhe um banho de água fria, posteriormente deitou-o na cama para descansar um pouco contra a sua ressaca. Por força da lua, o único satélite natural da terra, cuja luz aclara toda a terra, a Paula arrumou aquela casa toda enquanto o Cubi descansava. Por força da manifestação da energia divina, o Cubi acordara assim que a Paula acabava de arrumar a sua residência.

- “Eu vou-me embora, amanhã conversamos seriamente e com mais calma. Agora quero o meu beijo que me prometeste há 4 anos.”

A Paula disse ao Cubi que saia do quarto à sala de estar ao encontro da Paula. Por força de delírio dos sonhos, o Cubi achava estar apenas a sonhar a Paula diante dele, como tem sido hábito há dezasseis anos. Porém, desta vez, ela, a mulher dos seus sonhos estava lá fisicamente. Por outra, a Paula pensara antes de abraçá-lo com intuito de reaver o beijo prometido 4 anos atrás: “Ele dividiu o mar vermelho em duas grandes partes derrotando todos os meus inimigos, vencendo todos os meus demónios, Cubi, aniquilando a má voz da minha subconsciência.” Em contrapartida, a Paula somente recebia do Cubi o abraço, então para o beijo, o Cubi dizia-lhe amorosamente:

- “Não te beijo hoje, Paula. Como nunca te beijarei com o álcool nos meus lábios. Só com este abraço que me deste, a minha alma está a voltar no seu devido lugar, com este mesmo abraço eu tinha deixado de beber, prometo que

deixarei a partir de hoje. Só com o abraço eu tinha deixado de ser mulherengo e olhar outras miúdas, prometo que deixarei de novo. Com o abraço de 4 anos atrás, fui à igreja pela primeira vez na minha vida, prometo que volto à igreja. Por força do amor do universo, prometo nunca te beijar com o hálito alcoolizado, Paula. Bem como prometo nunca mais ter este hálito alcoolizado.”

De forma muitíssima lenta, o referido abraço se desfazia, enquanto os dois estavam se olhar como se fossem comer um ao outro. Assim sendo, a Paula se retirava adiando o beijo não tido há cinco anos. Mal ela sai da sala de estar à varanda, novamente pensou: “O amor me chamou pelo nome...”. Por outra, nasceu uma linda tristeza ao ar que o Cubi respirava, por isso ele questionou à Paula que se ia embora:

- “Como saberei que ainda te tenho amanhã? Que os teus primos aqui na província não vão apresentar-te aos seus amigos, pois és mui especial aqui, Paula.”
- “Lembras que o meu pai te tinha entregado a minha mão em casamento. Achas que ele me entregaria a dois homens?” A Paula parara de andar, só assim que respondia perguntando o Cubi que melancolicamente confirmou:
- “Não!”
- “Então, há 5 anos que eu tenho sido tua, isto não muda hoje, Cubi. O meu pai pergunta, de forma aleatória, a minha irmã Elma que me puxou acerca das pessoas com quem ela está a andar ou sair, mas ele nunca me perguntou, Cubi. Eu sai com uns rapazes, em seguida contei-lhe mas nunca se interessou. Em contrapartida, quando lhe contei que eu estava vir aqui na província te ver... Ele me fez exactamente 15 perguntas... Amanhã e depois da amanhã, ainda terei que responder as 15 questões em teu nome.”

Lastimosamente, os dois se separavam, um de volta para interior da sua casa, já a outra para fora da mesma residência. Por força do cansaço acumulado tanto aquando do voo como aquando da arrumação de uma casa suja do chão ao teto, a Paula adormeceu até o dia seguinte, a volta das dez horas. Assim sendo, ela monologou levantando rapidamente para o preparo:

- “Já são 10 horas? Como é possível eu dormir tanto assim? Este silêncio absoluto está a fazer muito barulho á minha mente... Manhã nessa terra é muito semelhante a noite da luz da meia-noite... O mano Cubi deve estar mal com o meu atraso.”

De forma rápida, a Paula se preparou, de forma veloz, a Paula cumprimentou e se despediu da sua prima para ir à casa do Cubi, conforme o prometido. De forma célere, a Paula andara até lá ao encontro dele. De forma apressada, a Paula batia a porta da casa do Cubi, mas ninguém estava dentro da casa, por sorte, uma vizinha lhe informou que o Cubi não passara a noite lá. De forma vagarosa, a Paula regressava a casa da prima Bibicha onde estava hospedada. Mal, ela entra no quintal diz à prima:

- “O rapaz sumiu nem lá passou a noite... Mesmo depois de ter-lhe dito que esta manhã teríamos uma conversa séria, mana.”

Triste se encontrava a Paula de pé no meio do quintal da residência da prima Bibicha que ouvia as palavras do lamento da Paula, entretanto a prima ria, em vez de ficar triste. Seguidamente, dava sinais corporais à Paula no sentido de olhar para trás dela mas a Paula simplesmente não entendia os tais sinais, até ouvir uma voz masculina dizendo:

- “Menos me importa o que os teus pais pensam, Paula. Tudo que eu preciso é o que tu pansas, em torno disto, bem como o que tu queres. O que tu queres, Paula?” O Cubi disse perguntando-lhe na entrada da residência logo

a Paula se virava ao Cubi, ao mesmo tempo respondia, enquanto isto, o Cubi entrava lenatamente:

- “Os meus pais pensam que estás a pagar as minhas propinas para me namorar... Pese embora és como se fosse da família, eles acham que não podes-me pagar a formação e também têm a certeza que só queres pagar a minha Universidade para passares a me namorar até te aborreceres, Cubi Kwenda Chilululo Kankende. Engraçado, eu também concordo com eles... Mas agora, há 4 anos não concordei com eles, pois há 4 anos quando olhava nos teus olhos via-me sendo a única bela mulher no mundo. Quando tocavas-me eu vibrava o mundo e quando me passeavas a tua mão abraçava-me na cintura e não nas nádegas. A tua mão na minha cintura significava que tu me admirava como mulher, a tua mão na minha cintura significava que tu me respeitava como pessoa e a tua mão na minha cintura significava que eu era a tua companheira... Engraçado, é que há dois mil anos, a palavra “companheira” significava “esposa” então, há 4 anos, é isto que eu era e é isto que eu quero... Quero ser a tua esposa.”

Até ao fim da fala da Paula, os dois se encontravam cara-a-cara separados por apenas polegadas. Quando a Paula levanta os seus olhos aos olhos do Cubi, ele se meteu de joelho com uma caixinha na mão. Rapidamente, o clima ficara sério e pesado, a Paula que apenas esperava ter a sua conversa séria estava tendo o momento o mais sério da sua vida, sem tempo de passar uma mão na cabeça. Por outra, o Cubi pede apaixonadamente ainda na mesma posição:

- “Paula, eu quero que sejas a minha legítima esposa... Queres casar comigo, Paula Isabel Mbuta Okudala? Não dormi em casa pois na noite de ontem, fui ao Windoek buscar este anel de noivado comprado há 4 anos e lá na casa da minha irmã Elsa, guardei-o pois sempre foste tu que receberias esse anel.”

- “Sim! Sim! Sim, me caso contigo, Cubi Kwenda Chilululo Kankende.”

Tendo a Paula aceitado o pedido do Cubi que com todo tempo do mundo colocava o anel do noivado ao dedo anelar da mão destra da Paula. A própria Paula chorava de igual modo, a prima Bibicha atrás dela. Após ter posto o alocado anel, o Cubi abraçava-a ao mesmo tempo estava a beijar a Paula, concretizando a promessa efectuada há 4 anos em Luanda. Durante o beijo, a Paula levantou a sua perna esquerda.

Dois anos depois, o Cubi, o filho do pastor se tornara também um pastor. De igual modo, estava casado com a Paula logo as duas outrora meninas a Wendy e a Paula, ora mamãs pastoras de igrejas distintas mas ambas mantiveram e conservaram a sua amizade. Enquanto a Paula estiver ao lado do pastor Cubi, a bebida álcool, a vida de mulherengo, roubaria viviam distantes do Cubi.

Contudo, a mamã pastora Paula se justificou às razões de ter ido a busca do pastor Cubi, há dois anos no bairro Naipalada 2, na cidade da Ondgiva, no município Cuahama, na província do Cunene:

- “Ele é o dono da lua que ilumina às nossas saídas noturnas. Ele é a soma das palavras verdadeiras do universo. Ele é o meu sonho realizado. Ele é o meu sol que brilha aos meus meios-dias. Ele é a sacia da sede da água da minha vida. Ele é o meu abrigo debaixo do sol ardente, no frio do grau zero e na chuva de sete dias. Ele é o meu mais-que-tudo. Ele é a fonte do meu consolo. Ele é a minha fonte de alegria, felicidade e a fonte da própria vida. Ele é ele no meu “eu”. Ele é o anel da aliança que condena-me ao amor eterno e mais um dia. Ele é o desejo que apimenta a nossa relação amorosa. Ele é o perfume que guia as nossas pegadas de amor à luz do luar...”



O amor eterno do Cubi pela Paula que, ele viu a crescer desde a sua infância até a fase adulta, porém o Cubi, directo ou indirectamente participou no crescimento da referida Paula. Entretanto tudo mudara do rumo quando a Paula ingressara na Universidade. Todavia, o Cubi que a Paula sempre teve como um irmão adoptivo, um padrinho ou um mentor expressara os seus sentimentos amorosos de uma vida tida com a mesma. Portanto o modo de sobrevivência da Paula começara. Será que a Paula conseguirá ultrapassar a luta entre o amor eterno doentio do Cubi e os princípios religiosos tidos num período de uma vida?

Malongui Paulo Pedro